

REVISTA DA SEMANA

Nº 10



CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL

8-1-47



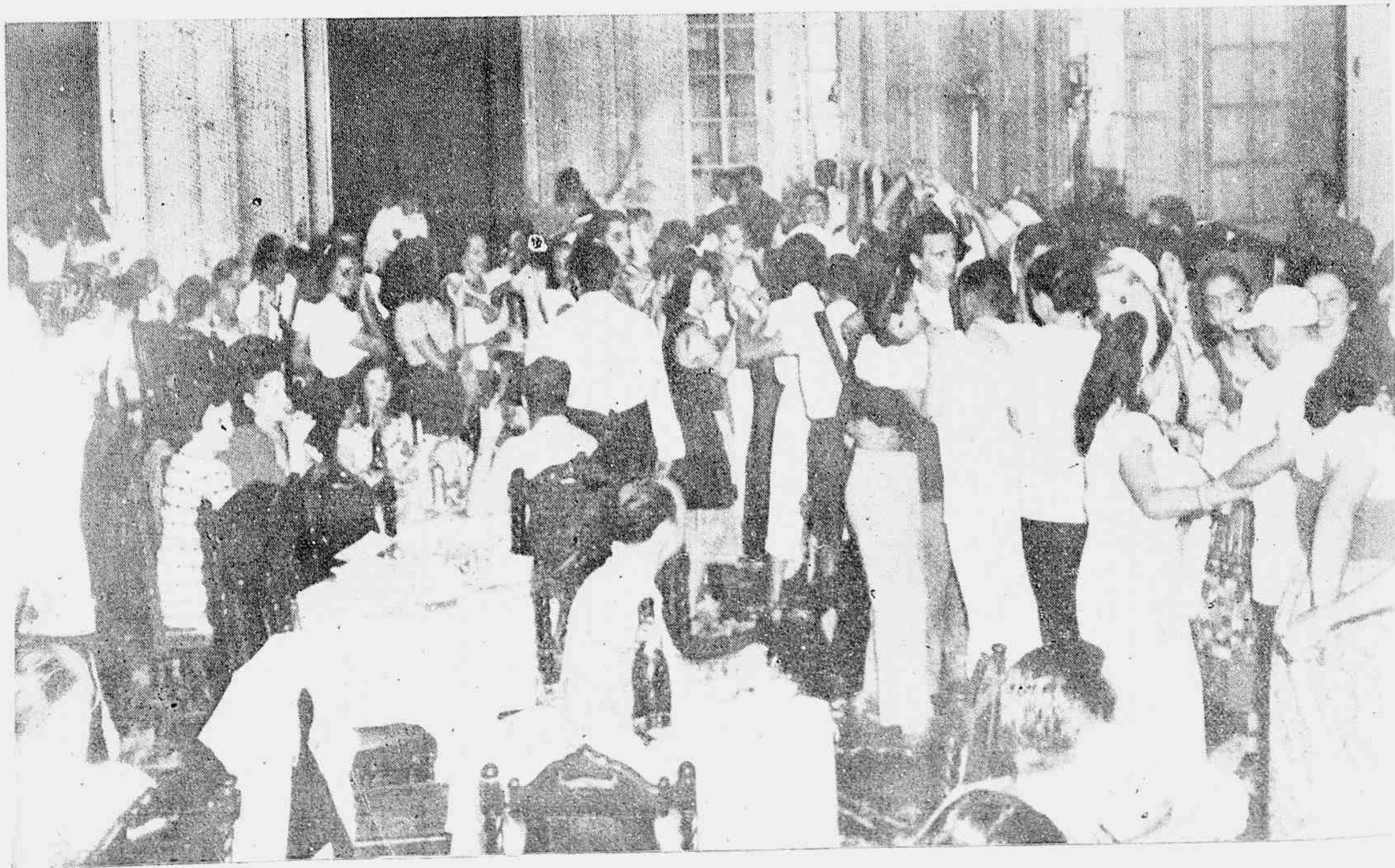


CARNAVAL NO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

Os festejos carnavalescos tiveram este ano, no Jockey Club Brasileiro, grande animação, tratados que foram pela diretoria da prestigiosa e elegante sociedade com especial

carinho. Abriam-se os salões da Avenida para a realização de suntuoso baile, que assinalou extraordinário sucesso, pela riqueza das fantasias apresentadas como pelo

entusiasmo reinante entre os foliões. Nesta página damos quatro aspectos dessa linda festa do Carnaval de 1947. vendo-se no segundo, à esquerda, a mesa do dr. Ari de Oliveira Lima, seu organizador e grande animador. A direita, ao alto, um flagrante da srta. Celisa Miranda em pleno frevo, e em baixo uma foto batida quando iam animadíssimas as danças.





SEGUNDA-FEIRA passada, no Automóvel Clube do Brasil, os empresários e artistas teatrais do Rio de Janeiro prestaram significativa manifestação ao prefeito Hildebrando de Góes, pelos decretos assinados pelo chefe do governo municipal, isentando totalmente de impostos as atividades teatrais na capital federal. Serviu como intérprete dos homenageantes o escritor Joracy Camargo, o mais brilhante e um dos nossos mais fecundos comediógrafos, o qual exaltou o gesto do senhor Hildebrando de Góes e fez o elogio da finalidade cultural do teatro, bem como da sua importância recreativa. Por falar no assunto, fique assinalado que o senhor Joracy Camargo está de novo no cartaz, com a comédia "Mocinha", uma história da época do ensilamento, apresentada pela companhia que ocupa o Teatro Serrador. E' mais um êxito a acrescentar a uma longa carreira de êxitos que tem repercutido até mesmo no exterior. Ainda sobre teatro: a companhia dirigida pela grande atriz francesa, senhora Henriette Risner Morineau, está preparando a apresentação, para a semana próxima, da peça de Jean Cocteau, "Les Parents Terribles", traduzida pelo senhor Carlos Brant com o título de "O pecado original". E' essa a primeira vez que vai ser interpretada no Brasil uma peça do admirável poeta que escreveu "Les amants de la Tour Eiffel" e que realizou, no cinema, "Le sang du poète". Está, realmente, criando asas o nosso pobre teatro... Na semana passada, quarenta mil ex-prisioneiros belgas fizeram uma parada em Bruxelas, a fim de pedir ao Parlamento medidas de amparo, pensões, empregos, etc. O edifício do Parlamento foi guardado por forças policiais a cavalo e a pé, travando-se verdadeira e renhida batalha, da qual resultaram quarenta feridos, alguns em estado grave. Os manifestantes derrotaram a polícia e puseram cerco ao Parlamento, onde ficaram encurralados todos os deputados, senadores e membros do gabinete. Voto, então, tropa blindada e soldadesca com metralhadoras, retomando o edifício. Mas, afinal, foi admitida no mesmo uma comissão, que expôs as reivindicações dos ex-prisioneiros, alguns dos quais nem na guerra talvez tenham tido dias tão agitados... Pessoas recém-chegadas da França fazem declarações sobre a situação interna do país governado pelo senhor Vincent Auriol, declarando que é assombrosa a rapidez com que a nação francesa está se recuperando dos sofrimentos e danos causados pela guerra. O general Eurico Gaspar Dutra reuniu o ministério e determinou enérgicas medidas no sentido de combater o encarecimento da vida e de melhorar o abastecimento. Há grande expectativa em torno dessas medidas. O Dr. Alberto Renzo, diretor do Departamento de Tuberculose da Municipalidade, fez declarações estarecedoras sobre o aumento do número de tuberculosos no Rio de Janeiro e da ausência de medidas assistenciais aos doentes do mal de Koch, acusando especialmente os institutos de deixarem inteiramente ao abandono os seus associados contaminados. Anuncia-se a formação de uma aliança anglo-russo-francesa. O vapor "Santarem" trouxe da Europa grande número de brasileiros que se acham na Alemanha, em campos de internados, à espera de evacuação. O senhor Oswaldo Aranha, assumindo a presidência do Conselho de Segurança da ONU, declarou que ia se opor aos oradores que gostam de encher linguiça... Tarefa difícil, porque a própria ONU parece estar enchendo uma linguiçinha internacional... Chegou ao Rio o corpo do embaixador Leão Veloso, que foi ministro de Estado e morreu no seu posto. E ao aeroporto, como no enterro, não compareceram os figurões do governo, — coisa feia, muito feia mesmo! — limitando-se a se fazerem representar por oficiais de gabinete... Em São Paulo, continuou a dança dos políticos em torno do governador eleito, senhor Adhemar de Barros, que já obteve o apoio do P. R., de uma ala da U.D.N. chefiada pelo senhor Paulo Nogueira Filho e de uma outra do P.S.D., chefiada pelos senhores Gastão Vidigal e Novelli Junior. Isso não admira, porque o senhor Adhemar de Barros tem nas mãos o cofre das graças... O espólio do comendador José Martinelli, o homem riquíssimo que morava num palacete de extremo mau gosto, à Avenida Oswaldo Cruz, levou a protesto uma bigue nota promissória do deputado Hugo Borghi. Parece que o espólio quer tomar em pagamento as estações de rádio do deputado petebista, com quem o próprio P.T.B. já está brigado... Quem já se viu o senhor Hugo Borghi e quem o vê, a estas horas! "O Globo" noticia que "a cidade está à mercê de verdadeiros "gangsters" e acrescenta que "a própria polícia reconhece que nunca houve, como agora, tão grande número de assaltos, roubos e outros crimes". Não vemos razão para nenhum assombroso nesta coisa tão simples. Também era só o que faltava! Que a polícia, além de cruzar os braços e ficar no mole, ainda desse para mentirosa... Foi descoberto um grande e luxuoso cassino, no lugar denominado Olinda, no Município de Nova Iguaçu... Não admira a ninguém, porque quando apertam o bicho no Rio ele logo aparece em Niterói... E o Estado do Rio, se não pode ter a Quitandinha com que outrora sonhou o seu governo em Petrópolis, se julga no direito de ter ao mesmo um cassinozinho clandestino em Nova Iguaçu... O filme nacional "Este mundo é um pandeiro" entrou em sua terceira semana de exibição contínua, mas isso não é nada porque "Favela dos meus amores", produzida em 1935, ainda está correndo os nossos cinemas, doze anos depois de sua estréia... E ainda dizem que o cinema nacional não é negócio!

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

* * *

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer

* * *

CONCURSO DE ROMANÇOS — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Lício Rizzo; "O destino é que nos leva", de Gracielema P. Genofre; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar "Atlantida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal; "Fempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo) e "Vila São Jorge", de Eduardo Grotta Carretero.

Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Berilo Neves.

O PINCE-NEZ

OFICINA DE 1ª ORDEM
AVIAM-SE RECIPIENTES
DÍCAS COM EXATIDÃO

DE OURO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

R. CARIOCA N.º 28

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Aqui está a sede da Escola Nacional de Engenharia. Aqui não se ensina política, mas alta matemática, técnica de construções, etc. Esta escola foi respeitada por Getúlio Vargas, mas a sua congênera de São Salvador sofreu a intervenção violenta da ditadura, com a demissão do professor Octavio Mangabeira por motivos políticos.

UMA CONQUISTA DA NOVA CONSTITUIÇÃO: LIBERDADE DE CÁTEDRA

Falam à REVISTA DA SEMANA alguns dos catedráticos demitidos ou aposentados pela ditadura getulista sob a alegação "de prática de atos subversivos das instituições políticas e sociais" ou por "conveniência do regime" — "O ex-ditador, que assim procedeu, já foi também subversivo, mais ainda que os lentes demitidos" — Opiniões dos professores: Leônidas de Rezende, Maurício de Medeiros, Bilac Pinto e Hermes Lima. — O silêncio do professor Castro Rebello.

Reportagem de NEY MACHADO

— Especial para REVISTA DA SEMANA

QUANDO se preparava a marcha do país para o totalitarismo, para o regime de violência, de ilegalidade, de discricionarismo, de repressão às liberdades públicas, — programa que culminou na dissolução do Congresso e na implantação de uma ditadura personalista e irresponsável, a 10 de novembro de 1937, uma das primeiras intervenções dos inimigos da democracia foi nas nossas escolas superiores, centros de cultura e de civismo, necessariamente mal vistas pelos advogados do Estado Forte. Foram elas as primeiras fortalezas assaltadas e a nossa democracia pereceu no dia em que desapareceu a liberdade de cátedra, em que foram excluídos das nossas escolas

de ensino superior homens de cultura invulgar, mas de espírito eminentemente democrático, que justamente tinham atingido aqueles postos depois de vencidas exigências técnicas apuradíssimas, em concursos públicos, fiscalizados e sancionados pelo próprio governo. Esses atos violentos, essas ilegalidades foram tão berrantes que a Justiça, — se bem que somente quando a Ditadura perdia a força — invalidou todas aquelas aposentadorias e demissões, voltando os mestres ilustres aos postos, de que um dia, haviam sido injustificadamente arrancados. Aquelas arbitrariedades se fundamentaram em uma emenda constitucional, votada pelo Congresso em dezembro de 1935 a pedido

do ministro Vicente Ráo, sob forte pressão dos elementos simpáticos ao fascismo tanto dos meios civis como dos meios militares.

O objetivo desta reportagem é fixar o que representa essa conquista da nova Constituição, — a liberdade de cátedra, especialmente em face dos tristes exemplos do passado de desrespeito aos mestres e de menosprezo pela cultura livre. Para isso, ouvimos a palavra de alguns daqueles que poderão falar mais autorizadamente sobre o assunto, pois foram os que já se viram certa vez privados desse sagrado direito democrático.

FALA LEONIDAS DE REZENDE

Encontramo-nos com o professor Leonidas de Rezende antes do encerramento dos exames na Faculdade Nacional de Direito, onde voltou a lecionar, após quase dez anos de afastamento. Dali até sua casa, o ilustre professor recordou o período em que sofreu "ameaças constantes, sobressaltos e opressão". Ele sintetiza:

— Eramos perseguidos porque estava no propósito do usurpador e de sua camarilha escravizar-nos a todos em sua infâmia.

E lembra-nos, após, os seus companheiros de prisão:

— Foram muitos. Alguns que tão de perto tocam à minha afetividade: Castro Rebelo, Hermes Lima, Luiz Frederico Carpenter, Maurício Campos de Medeiros e Pedro da Cunha. Uns e outros arrancados, para o desconforto e os maus tratos, às suas profissões, aos seus afazeres, ao seu trabalho, os seus lares, aos desvelos de suas famílias, muitos dos quais eram seu único arrimo, por nenhum crime praticado, isentos, inteiramente isentos de qualquer culpa e pena, apenas para uma expiação que convinha aos salteadores, insaciáveis de predomínio. Eu mesmo era fichado atribuladamente. Fichado depois de publicado o relatório policial que nem sequer indicava meu nome entre os prováveis conspiradores. Não era, de nenhuma forma, envolvido entre esses conspiradores e tinha de me submeter àquela grosseria, àquele vexame do autoritarismo.

Depois de ligeira pausa, o professor Leonidas de Rezende faz uma observação curiosa:

— Temos hábitos que não deixam de ser interessantes. Que tem a honra de ser convidado a uma recepção no Itamarati, depois é convidado para outras. Quem entra uma vez na prisão, depois tem de a ela voltar consecutivamente. A truculência o reclama; e há que a ela obedecer.

— Esse golpe de força, contra homens de cultura como o professor e os outros citados, foi atordoante, pelo inesperado?

O professor, com bastante filosofia, explica ao repórter:

— Devo dizer-lhe que não. Não poderia surpreender-nos o que foi contra nós praticado. Quando houve a minha reintegração na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, agora em 1945, afirmei: "Na história dos povos, os governos que se decompõem pelos seus excessos, pelos seus desmandos, se tornam incompatíveis com os primores da educação, com o desdobramento da mentalidade. A queima de livros, o bitolamento das concepções são bem mais antigos do que Hitler, esse aberrante arrasador, que, entretanto, teria em outras paragens desprezíveis continuadores. Tínhamos presente essa lição da história. Sabíamos que, com nosso declínio, direto e reflexo, seríamos também vítimas de tais males.

E, em seguida, o professor Leonidas de Rezende examinou a realidade nacional dentro da realidade internacional. A violência, o horror à inteligência, o combate sem estranhas à ciência. Getúlio seria a nossa expressão do hitlerismo, simples caricatura dessa delinquência, mas caricatura "quand même".

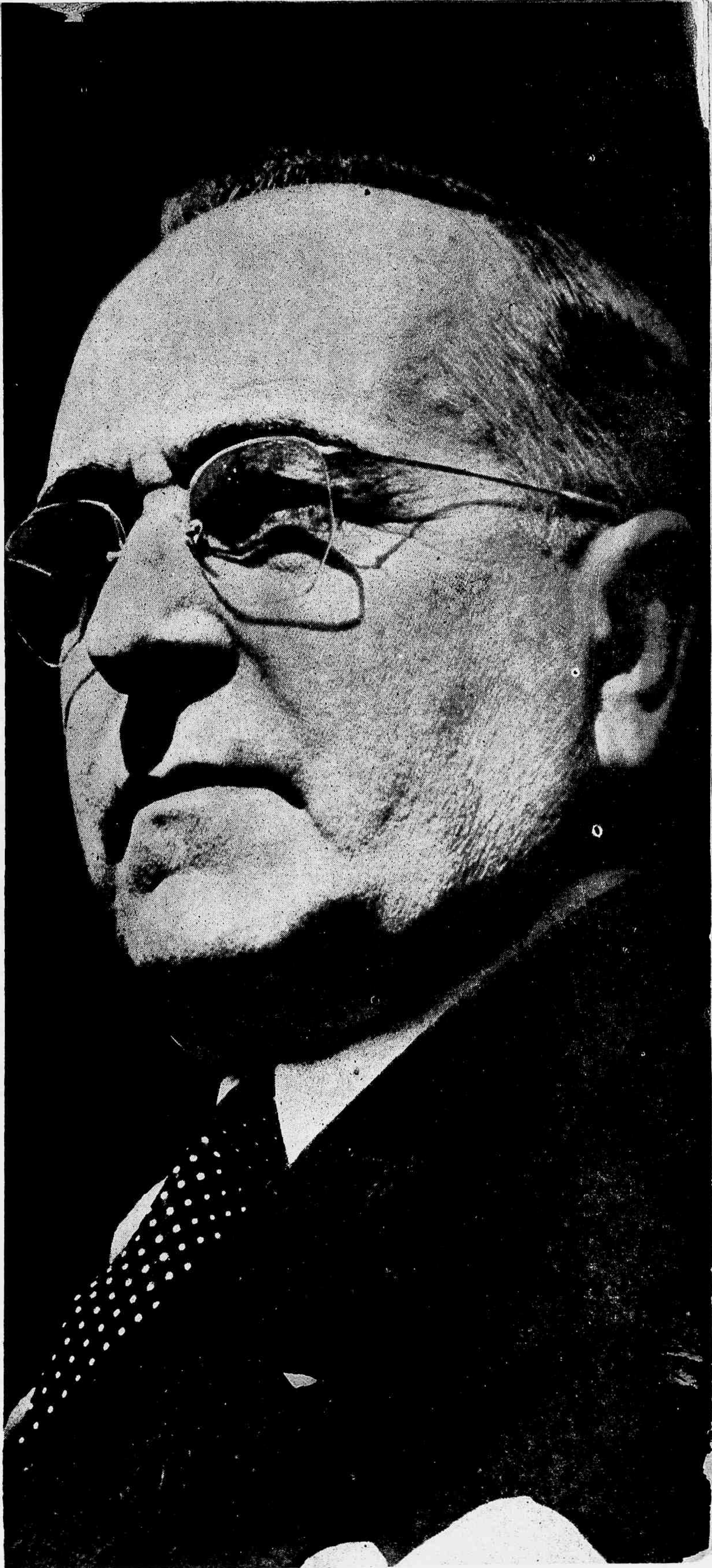
Em seguida, aproveitando uma descrição de Roma sob o poder imperial, do historiador Ortolan, aplica-a à era getuliana. Sintetizando a tradução, o resumo é realmente impressionante pela analogia:

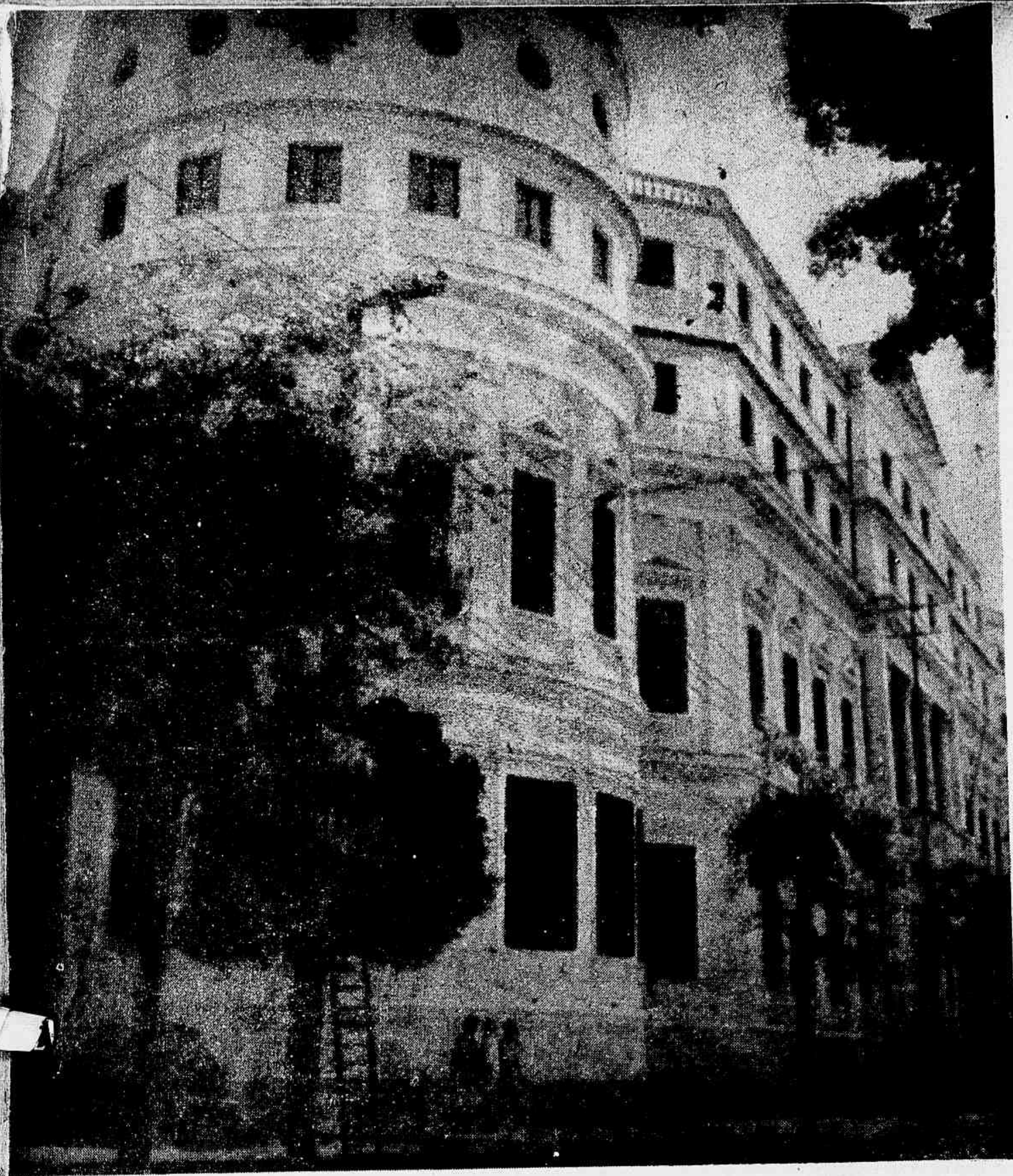
— "O imperador era tudo. Disputava-se-lhe o sorriso. Graças lhe eram imploradas. Os próprios juristas consultos a ele abandonavam seu saber, sua independência. O programa era servir aos soldados. Era governar com eles".

E o catedrático da Faculdade de Direito, depois de citar Charles Seignobos, acentua:

— Essa orientação, parece, está ainda prevalecendo...

O senhor Getúlio Vargas, antes de golpear o sistema democrático com a dissolução do Congresso, golpeou, primeiro, a liberdade de cátedra. Algumas de suas vítimas: Hermes Lima, Otávio Mangabeira, Bilac Pinto, Carpenter, Leonidas de Rezende, Pedro da Cunha, etc.





Daqui, da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, saíram para a prisão Maurício de Medeiros e Pedro da Cunha, dois mestres ilustres e dois democratas sinceros, quando Getúlio Vargas começava a preparar a implantação da sua ditadura totalitária.

Antes de fazermos a pergunta básica da nossa entrevista interrogamos, à queima-roupa:

— A que partido pertence, professor?

— Não é de hoje que venho definindo minha posição em nosso meio social. Como professor, em princípio, não sirvo nem a homens, nem a partidos. Procuro, apenas, servir à ciência. Se há homens e partidos, que igualmente a ela servem, antes de os servir é a ela que sirvo; e a eles só sirvo, enquanto eles não a desservem...

E, em seguida, faz uma profissão de fé socialista, aguentando que estamos assistindo à agonia de uma civilização, — ao fim do capitalismo.

— Que pensa o professor Leônidas sobre a "liberdade de cátedra" em nossa nova Constituição? Julga que foi restabelecido e plenamente garantido?

Responde-nos prontamente o catedrático da Faculdade de Direito:

— Não nos iludamos. A democracia foi isto: as liberdades econômicas e as liberdades políticas. Houve realmente isto. Depois começaram a ser suprimidas umas e outras daquelas liberdades e surgiram os "trusts" e o estatismo, a economia dirigida e as ditaduras. As constituições podem garantir a liberdade de cátedra, mas não basta a lei escrita. A realidade é tudo. Esperamos os fatos. A Constituição foi promulgada há poucos dias e já não são poucos os golpes que tem sofrido. A "bon entendeur"...

Depois dessas declarações o entrevistado lembra ao reporter algumas idéias expressas pelo ex-ditador Getúlio Vargas, anos atrás, e que, muito embora, ditas e repetidas, não impediram a perseguição aos lentes de nossas faculdades. Recorda o professor Leônidas de Rezende:

— O curioso é que, em 1935, o senhor Getúlio Vargas era como nós, também subversivo. Também admitia que

a crise que se manifestava "era a liquidação forçada dos velhos métodos e sistemas". Também proclamava que "os interesses das massas teriam de predominar sobre os interesses dos indivíduos"; que via "a necessidade de renascimento e de reconstrução fundamental". E em 1942 era ainda mais "subversivo": "As consequências das lutas em que nos empenhamos e que decidirá dos destinos do mundo, não podem causar-nos apreensões. Os privilégios de casta, os preconceitos raciais, as desigualdades de fortuna, as opressões de classe, os ódios mesquinhos, todos os valores aparentemente irreconciliáveis da civilização contemporânea hão de fundir-se num incêndio de vastas proporções em holocausto ao surto de uma nova era".

E com a repetição dessas palavras que hoje nos parecem extraordinariamente estranhas, quando sabemos que foram ditas pelo ex-ditador, encerramos a entrevista com o ilustre entrevistado.

O CASO BILAC PINTO — APOSENTADO APÓS QUATRO MESES DE TRABALHO

Agosto de 1943. Realizava-se concurso para o provimento da cadeira de Direito Administrativo da Faculdade Nacional de Direito. Cinco candidatos estavam inscritos para a disputa da cátedra e entre eles o professor Bilac Pinto, que trazia, entre os seus títulos, o de professor catedrático de Finanças Públicas da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais. Classificando-se em primeiro lugar, foi o professor Bilac Pinto, a 15 de setembro, nomeado para o cargo. Não haviam decorrido quatro meses quando, a 5 de janeiro de 1944, com surpresa geral, o referido professor foi "aposentado por conveniência do regime". Fomos ouvir também esse mestre, que bateu o "record" de brevidade entre a nomeação para o cargo e a

aposentadoria. Tendo voltado a lecionar desde maio do ano passado, o professor Bilac Pinto rememora o motivo de sua aposentadoria:

— Em outubro de 1943 os líderes democráticos mineiros deliberaram lançar um manifesto que se tornaria famoso. Convocado para pronunciar-me sobre esse documento, eu subscrevi logo após ter ouvido sua leitura, no gabinete do Dr. Virgílio de Melo Franco, até onde fora em companhia de Pedro Batista Martins. Poucos dias decorridos e à medida que se divulgava clandestinamente o "Manifesto aos mineiros", os governos da República e do Estado de Minas empreenderam represálias contra todos os seus signatários. Tantas e tão variadas foram as modalidades de vindicta política efetivadas contra os mineiros que assinaram o manifesto, que só se pode grupá-las por uma constante que era o seu sentido, direto ou concomitante, de sanção econômica. Uma edição recente desse documento especifica, ao pé de cada assinatura, a respectiva punição. Como seu subscritor, a mim também estava reservada uma sanção. Em novembro transpirou que o governo federal tinha pronto o decreto de minha aposentadoria. Os estudantes replicaram a esse rumor com um outro: entrariam em greve se a aposentadoria fosse decretada. O governo acovardou-se. Os estudantes perceberam que apenas se adia o atentado à cátedra e, alguns dias depois, na solenidade de formatura, em pleno Teatro Municipal, reiteraram-me sua confortadora solidariedade. Mal tiveram início as férias, a 5 de janeiro de 1944, o governo recuperou sua bravura e baixou o ato de minha aposentadoria POR CONVENIENCIA DO REGIME.

— Sofreu perseguições políticas durante sua ausência do magistério?

— Não dei ensejo a que o governo continuasse a molestar-me. Pouco depois de consumado o meu afastamento da Faculdade, empreendi uma viagem de estudos aos Estados Unidos, de onde só regresssei depois da publicação da famosa entrevista do senhor José Américo de Almeida, ou seja, quando a ditadura já havia entrado no seu período pré-agônico.

— Para que correntes se voltam as preferências políticas do Corpo Docente da Universidade?

— O nosso contacto com professores de outras escolas é muito raro e daí a impossibilidade de transmitir-lhe uma impressão geral a respeito. Quanto à Faculdade Nacional de Direito, posso assegurar-lhe que a quase totalidade de seu corpo congregado tem inabalável convicção democrática.

Fezmos-lhe, após, a pergunta principal da entrevista:

— Acha que a nova Constituição garante plenamente a liberdade de cátedra?

— A Constituição de 46 garante duplamente a liberdade de cátedra, pois além de assegurá-la expressamente (art. 168, VII), estatui a vitaliciedade dos professores admitidos mediante concurso de provas e títulos (art. 168, VI).

— O conceito constitucional conceitua a liberdade de cátedra? — insistimos.

E o professor Bilac Pinto esclarece, discorrendo com autoridade sobre o assunto:

— Embora a "liberdade de cátedra" seja um dos dogmas mais caros dos regimes democráticos liberais, a sua conceituação não está precisamente formulada nem os seus limites universalmente conhecidos. A liberdade de cátedra significa tecnicamente, diz Leon Whipple, que o professor individualmente, grupos de professores ou as Congregações devem ser livres de ensinar de acordo com os ditames de sua consciência, sem que assista, ao Estado e aos órgãos de direção escolar, o direito de influir na orientação didática, por força de controle econômico que resulta do poder de demitir e de promover. Para Stephen Beirne é a imunidade de restrições ao professor na comunicação do seu conhecimento. O presidente Graham, da Universidade da Carolina do Norte, entende a liberdade de cátedra (academic freedom) como o direito das Congregações de controlar o "curriculum", os "standards" de ensino e especialmente as

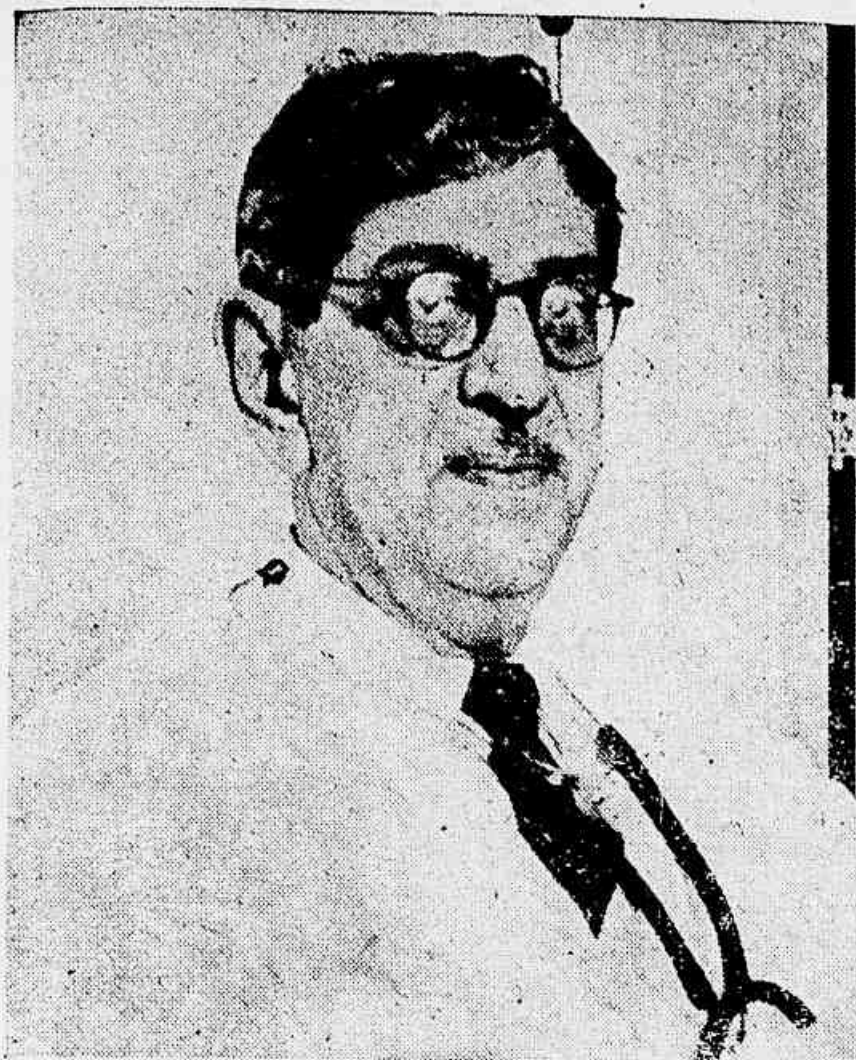


Figura 1, da esquerda para a direita: professor Mauricio de Medeiros, pai de um herói da guerra, o aviador João Mauricio de Medeiros, que morreu na campanha da Itália, era e já voltou de novo a ser catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi um dos professores demitidos em princípios de 1936, por simples suspeita de "esquerdismo", quando a reação tomou o freio nos dentes após a estúpida quartelada de 1935. Figura 2, — professor Castro Rebelo, cujo silêncio é, talvez, mais eloquente do que tudo quanto ele pudesse dizer, agora que há tantos novos democratas por aí... Figura 3, professor Hermes Lima, hoje deputado federal, eleito sob a legenda U.D.N.-Esquerda Democrática, — um dos demitidos de 1936. Teve, então, de voltar ao jornalismo, escrevendo sob pseudônimo. Ele diz: "Pagamos o crime de representar os valores da nossa cultura e do nosso ensino que não se curvaram ao fascismo."

matérias de ordem intelectual. Toma-a, como se vê, como "liberdade universitária". Muitas outras interpretações poderia arrolar para documentar as diferentes maneiras em que a expressão é tomada. Não esgotariamos, entretanto, as dificuldades da matéria. Convenhamos, porém, em que no Brasil, nos períodos de normalidade constitucional, a liberdade de cátedra tem sido amplamente respeitada.

Depois de atender ao telefone, o professor Bilac Pinto, ao finalizar a entrevista, esclarece:

— A inexistência de discussão a respeito da extensão da liberdade de cátedra entre nós, tem importante significado prático: nunca se procurou opor limites a essa liberdade. As tentativas de conciliação tendem, necessariamente, ao estabelecimento de restrições. A literatura ame-

ricana é expressiva a esse respeito. Eis um dos muitos problemas debatidos naquele país: pode o professor agitar questões político-partidárias em aula? Não; respondem a Corte Suprema da Califórnia e uma lei do Distrito de Colúmbia. A impressão que nos fica do estudo do tema através dos autores americanos, não será muito diferente da de Howard K. Beale, que, depois de analisar as restrições à

O homem magro que está entre o coronel e o bombeiro é o ex-ministro da Justiça que preparou o advento do Estado Novo e acabou também vítima dele. É o dr. Frankenstein esmagado pelo monstro que criou. O professor de Direito Vicente Rão, de formação fascista, não hesitou em sacrificar e fazer prender seus colegas de cátedra...





Fig. 1, da esquerda para a direita : o atual deputado Benedito Valadares, quando interventor em Minas Gerais a serviço da ditadura (ele se comprazia em intitular-se governador), foi o homem a quem coube tarefa semelhante a do senhor Vicente Rão em 1936 : a de degolar os signatários do Manifesto dos Mineiros, entre os quais se achava o professor Bilac Pinto, que, são e válido, foi aposentado quatro meses depois de ter entrado em exercício no cargo de professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro... Fig. 2, — professor Pedro da Cunha. É um dos muitos professores despojados injustamente de sua cátedra, em 1936, graças a uma emenda constitucional aprovada por um Congresso fraco, que, ao fazê-lo, assinou a sua própria sentença de morte... Fig. 3, — professor Leônidas de Rezende. Ele nos diz : "Getúlio era a nossa expressão de hitlerismo, simples caricatura dessa deliquescência, mas caricatura "quand même".

liberdade de ensino de grau secundário nos EE. UU., reunia os seus estudos em um livro cujo título traz esta significativa interrogação : "São livres os professores americanos ?

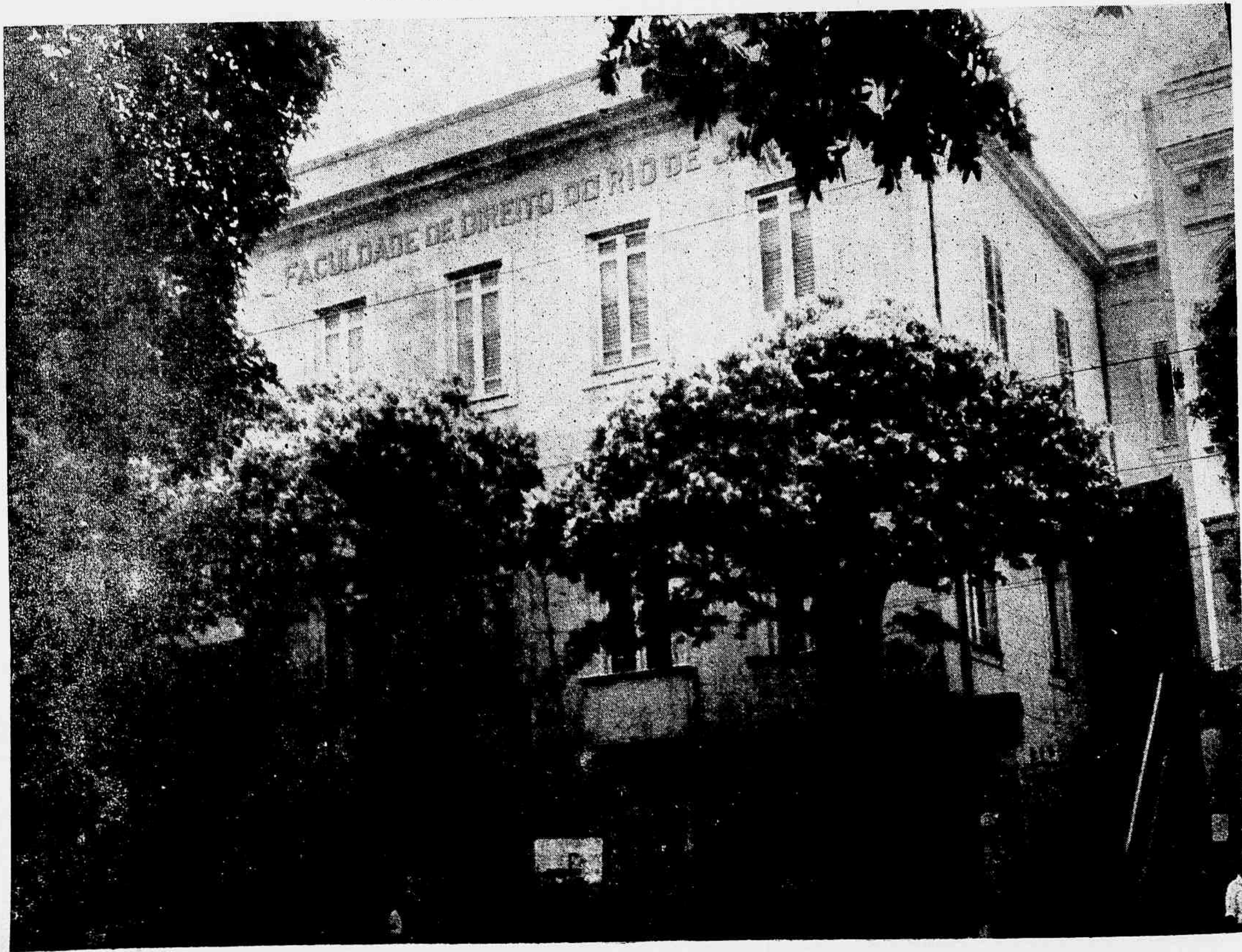
FALA MAURICIO DE MEDEIROS

Ainda com a interrogação de Howard K. Beale em

nosso espírito dirigimo-nos ao consultório particular do professor Maurício de Medeiros que, juntamente com os seus colegas Castro Rebelo e Leônidas de Rezende, esteve afastado do magistério durante quase onze anos, tendo sido reintegrado na sua cadeira na Faculdade Nacional de Medicina no ano passado, após a sentença do egrégio Tribu-

nal de Justiça que proclamou a ilegalidade e insubsistência do ato de demissão. A exiguidade de tempo privou-nos de ouvir sobre tão oportuna e importante questão a palavra de outros lentes do nosso ensino superior que também foram atingidos, durante o período fascista de 1937 até 1945, pelas ordens atrabiliárias do poder Execu-

A velha Faculdade de Direito da Rua do Catete, onde lecionaram mestres como Clovis Bevilacqua, — e de onde saíram para a prisão e para o ostracismo os professores Hermes Lima, Carpenter, Leonidas de Rezende, Castro Rebello e Bilac Pinto.



vo sob as ordens do despotismo. Assim é que não podemos entrevistar, entre outros os professores Edgar Castro Rebelo, Pedro da Cunha, Luis Frederico Carpenter e mesmo o líder udenista e hoje governador eleito da Bahia, Otávio Mangabeira, que também foi demitido da Escola de Engenharia de São Salvador.

Iniciamos a entrevista inquirindo-o sobre certa parte das Disposições Transitórias da Constituição que viria reparar medidas tomadas em 1937 contra os direitos já adquiridos pelas funções que esses lentes exerciam.

— Acha o professor que o comentado art. 24 das Disposições Constitucionais Transitórias reparou as arbitrariedades praticadas pelo governo, em 1936, contra os docentes do nosso ensino superior?

— O art. 24 das Disposições Constitucionais Transitórias nada tem a ver com as demissões arbitrárias de professores do ensino superior em 1936. Esse artigo visa corrigir a violência com que foi executado em 1937 o artigo da Carta de Novembro desse ano que, à semelhança da Constituição de 1891, proibiu as acumulações remuneradas. Sem respeitar direitos legalmente adquiridos pelos que exerciam cumulativamente funções de magistério e técnicas ou científicas, o decreto-lei que regulou então o assunto obrigou esses funcionários a optarem por um só cargo, perdendo pois os demais em que eram vitalícios ou estáveis ou as vantagens de aposentadoria ou de disponibilidade, quando as acumulavam com outra função igualmente de magistério ou científica. Como esse exercício simultâneo se fazia em virtude da legislação anterior à Carta de 37 e como esses funcionários eram vitalícios ou estáveis nesses cargos que perderam, a Constituição de 46, que restabeleceu esse tipo de acumulação, quis repor esses funcionários na situação de que os privou um decreto-lei que não lhes respeitou incontestáveis direitos de vitaliciedade e estabilidade, anteriores à famosa Carta. Esse é o objetivo do citado art. 24 das Disposições Constitucionais Transitórias.

E, continuando, disse o professor Mauricio de Medeiros:

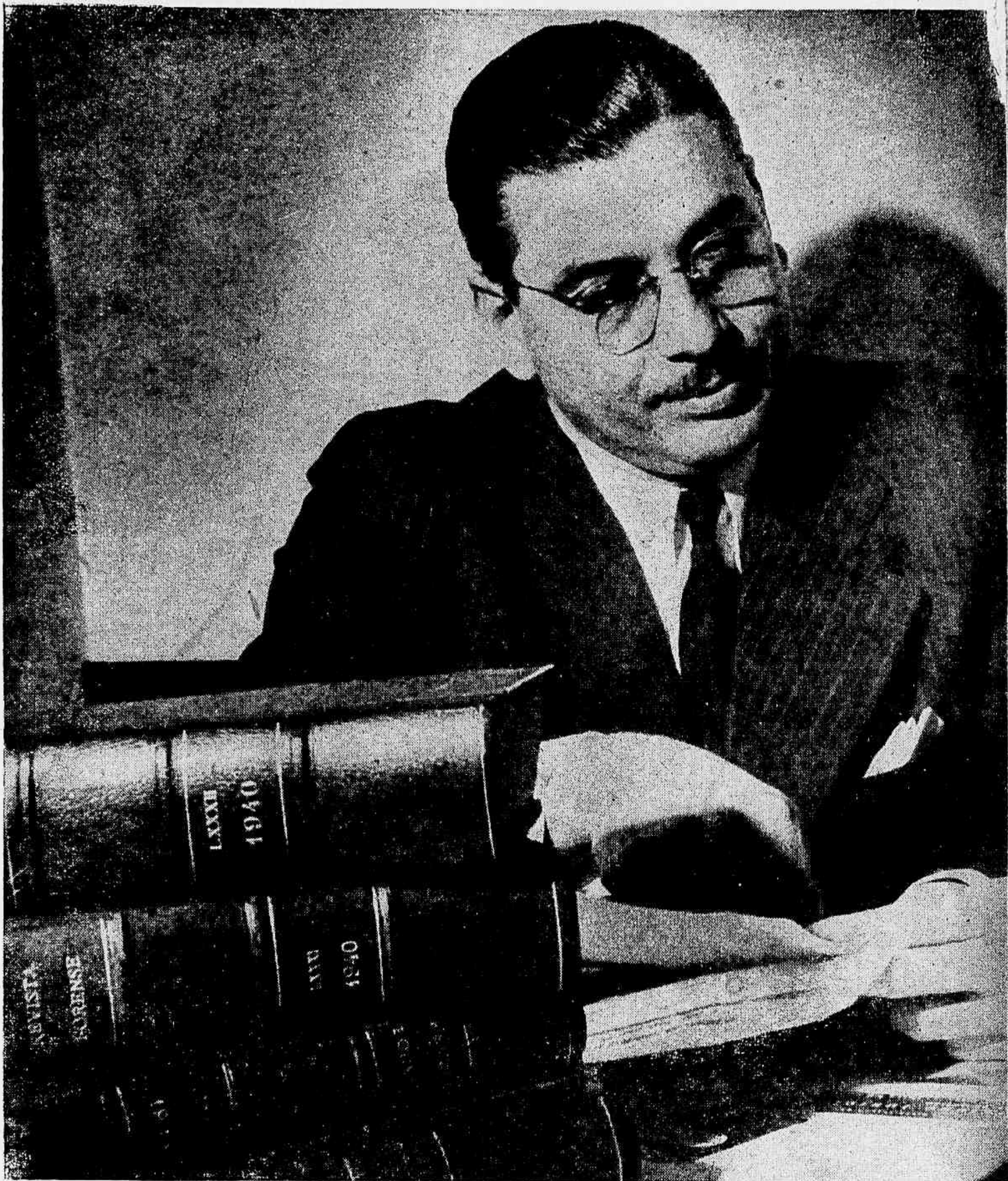
— O caso da demissão de professores do magistério superior da República nada tem a ver com isso. Ele já tinha sido resolvido pela Justiça que proclamou a ilegalidade e insubsistência do ato de demissão. O Poder Executivo, sob a ditadura relutou em cumprir as respectivas sentenças. Só o fez em meados de 1945 quando, por força do ambiente político criado pelo movimento de opinião desencadeado em fevereiro desse mesmo ano em favor da redemocratização do país, o governo tentou tardiamente reabilitar-se perante a opinião pública, praticando atos que julgou que a impressionassem.

— Como se processou sua demissão de lente da Faculdade de Medicina?

— Os professores do magistério superior da República foram demitidos em março de 1936, sem processo nem culpa apurada, sob a alegação, não comprovada, "da imitação de atos subversivos das instituições políticas e sociais" e com fundamento na emenda constitucional nº 3 que o Congresso votara, sob pressão militar, em dezembro de 1935. Na madrugada de 27 de novembro de 1935, cuja autoria isoladamente o senhor Luis Carlos Prestes agora reivindica, não houve a mínima participação de elementos civis. O senhor Carlos Prestes diz agora que aquilo foi um movimento comunista. Mas a verdade é que os militares, então sublevados, não cotinaram, ao menos no Rio de Janeiro, com o apoio dos civis. O movimento, ao menos no Rio foi militar e exclusivamente militar. Quando se tratou de excluir do Exército os oficiais nele comprometidos, surgiu o espírito de classe a exigir que também fossem excluídos de seus cargos alguns civis aos quais se pudesse acusar de comunistas.

— Quem apontou ao governo o nome dos civis que deveriam tornar-se "suspeitos"?

— O senhor Vicente Ráo, na sua plasticidade moral, prestou-se apesar de professor do magistério superior, a



Este é o professor Bilac Pinto, da Faculdade de Direito. Conquistou uma cátedra em concurso, mas foi aposentado quatro meses depois "por conveniência do regime" (a expressão produz um cacófono: porco...), em razão de ter assinado o famoso Manifesto dos Mineiros. Em Minas o senhor Benedito Valadares, muito servil, demitiu gente a torto e a direito, pelo mesmo crime... Mas não foram os demitidos que ficaram mal perante a opinião pública...

indicar esses nomes e forneceu ao governo uma lista em que, entre outros, figurava o meu nome com a dupla afirmação mentirosa: "Preso e fichado como comunista". Eu não estava mais preso e nunca fora fichado na Polícia como comunista.

Perguntamos ao professor Mauricio de Medeiros se essa inesperada catástrofe não lhe abalara profundamente a vida. E ele nos rememora:

— Ao retomar posse de meu lugar na Faculdade de Medicina já o narrei pormenorizadamente. Seria longo repeti-lo. Consagrei-me à clínica privada, que eu jamais exercera. Pude reconquistar rapidamente meu equilíbrio financeiro e, assim, concluir a educação dos três filhos menores que tinha ao tempo de minha demissão.

— Acha o professor que o dispositivo da atual Constituição garante a liberdade de cátedra?

— Considero um preceito inócuo. Na órbita do ensino jamais deixou o professor de ter liberdade de ensinar de acordo com as teorias científicas que desposa. Somente antes da Revolução Francesa é que se impunha ao professor uma doutrina rotineira para seu ensino. Sob o ponto de vista político não vejo matéria para o professor ter ou deixar de ter liberdade. Em algumas disciplinas de caráter filosófico ou econômico, poderá o professor ser espiritualista ou materialista, liberal ou não, socialista ou comunista.

Nesse sentido a liberdade de cátedra é precária, tanto quanto o foi na Constituição de 34, logo emendada para permitir a punição de militares e civis suspeitos de idéias contrárias ao regime.

E voltando para situação atual, acrescenta o entrevistado:

— Já se pede ao Congresso permissão para afiançar às fileiras os oficiais e suboficiais "extremistas". Amanhã o mesmo espírito de classe que aqui em 1936 exigirá rígida medida para os civis. Do fazer parte de partidos "extremistas", para desposar idéias perigosas o passo será mínimo. E não se tardará em dilatar a punição até os simples suspeitos sem prova! É um plano inclinado pelo qual resvalará o Congresso se ceder a esta primeira pressão.

E antes de terminar a entrevista o professor Mauricio de Medeiros faz uma advertência:

— A História se repete. As Constituições são meros textos formais sem o alto valor construtivo que lhes cabe quando os homens vivem sob o pânico e agem como filhas assustadas ao menor ronco do caudilhismo, civil ou militar.

O QUE NOS DISSE O DEPUTADO HERMES LIMA

Reintegrado na cátedra de Economia Política da Faculdade de Direito, da qual fora demitido embora a houvesse

se conquistado em brilhantíssimo concurso, o professor Hermes Lima foi eleito deputado federal sob a legenda U.D.N.-Esquerda Democrática, tendo participado da elaboração da nova Carta Constitucional. Abordado pelo reporter, assim se manifestou o professor Hermes Lima:

— "A Constituição diz no art. 166, nº VII: "E" garantida a liberdade de cátedra". Não seria possível haver ensino verdadeiro sem essa liberdade. A liberdade em geral, e particularmente a liberdade de cátedra, constitui o único ambiente em que se torna possível o progresso da ciência e da cultura.

Como toda e qualquer liberdade, a de cátedra também se vê a cada passo, assaltada pelas forças da reação e do obscurantismo. Entre nós, em consequência dos acontecimentos revolucionários de 1935, foram demitidos de suas cátedras diversos professores, acusados pela reação fascista, então reinante, de pregadores de idéias subversivas da ordem social. A acusação não tinha o menor fundamento. Esses professores foram, anos depois, todos reintegrados nas suas cátedras por sentenças unânimes do Supremo Tribunal Federal. Eram liberais, ou homens de esquerda, que, embora nunca tivessem feito, de suas cátedras propaganda de idéias políticas, pagaram, entretanto, pelo crime de representarem valores da nossa cultura e do nosso ensino, que não se curvaram ao fascismo. A liberdade é um bem cujo gozo exige vigilância e firmeza de caráter para sua defesa.

Tenho uma revelação a fazer. O texto que se acha na Constituição atual, texto claro e preciso — "E" garantida a liberdade de cátedra — foi objeto de um debate sério, que, entretanto, não veio à luz da publicidade. Pretendeu-se redigir o texto da seguinte maneira: — "E" garantida a liberdade de cátedra, **nos estabelecimentos oficiais de ensino**. Isto significava que esta liberdade deixaria de existir nos estabelecimentos não oficiais.

Contra esta monstruosidade sei que se bateu como um leão o deputado Prado Kelly. O ilustre representante fluminense mostrou-se, logo de início, tão irredutível no combate à versão liberticida do texto que não hesitou em declarar que, se insistissem no mesmo, estaria comprometido o ambiente de colaboração em que a Carta vinha sendo elaborada.

O SILENCIO DE CASTRO REBELO

O professor Castro Rebelo, despojado de sua cátedra, prego a bordo do navio "Pedro I" e, mais tarde, na Casa de Detenção, nunca foi processado por coisa alguma, mas foi demitido da Faculdade de Direito, "por ser suspeito, muito inteligente e muito perigoso", segundo as explicações da ditadura. Procurado várias vezes, em sua casa, em seu escritório, na Faculdade de Direito e na Esquerda Democrática, o atarefado professor nunca encontrou meios de nos falar.

Seu silêncio é eloquente. Ele deve saber o que faz porque, entre outras coisas, o procurador da República que defendeu a atitude do governo ditatorial demitindo-o, agora hoje como líder democrático... Para que mexer em casa de moribundos? Em todo caso, pergunte-se: a defesa da liberdade de cátedra estará entregue a democratas como este? Esperemos que não, que haja outros a defendê-la... Mesmo porque, às vezes, o feitiço vira sobre o feiticeiro. Foi o caso do sr. Vicente Ráo, que acabou sendo apertado e perseguido em São Paulo pela ditadura que ajudou a criar, tal como o dr. Frankenstein pelo seu monstro...

Este é o professor de engenharia Otavio Mangabeira, hoje governador do seu Estado natal, a Bahia, eleito em honrosíssimo pleito. Despojado do seu cargo vitalício de professor da Escola de Engenharia de São Salvador, foi reintegrado pelo senhor José Linhares, quando esse magistrado exerceu interinamente a presidência da República, após a queda do ex-ditador Getúlio Vargas...



A MAE de René morreu de tuberculose poucos dias após o nascimento dele. Disseram a seu pai, os médicos, que René também estava destinado a uma sepultura precoce, porque ele herdara a pálida compleição e a tosse de sua mãe. O pai, funcionário público em Poitiers, entregou-o à guarda de uma ama que o afastava dos jogos e brinquedos das outras crianças da aldeia. Como resultado desse excesso de mimos, cresceu ele com um espírito "feminino" — dedicado, introspectivo, distante. O pai, rindo-se, chamava-o "o meu filosofozinho".

Aos ioto anos, entrou para a escola dos jesuítas de La Flèche, onde os mestres continuaram a encorajá-lo na imobilidade do corpo e no exercício do espírito. Permitiam-lhe ficar na cama até mais tarde, afim de que pudesse "meditar" os seus estudos ao passo que, os outros meninos, eram obrigados a recitar em aula, as suas lições. Como resultado dessas horas extraordinárias de lazer, não somente se mantinha em dia com os estudos que lhe eram prescritos, como também conseguia adquirir grande quantidade de conhecimentos adicionais. Era, especialmente, apaixonado pela leitura dos clássicos, "afim de empreender jornadas mentais", como dizia, "pelo passado e travar conversação com os homens mais nobres de outras idades".

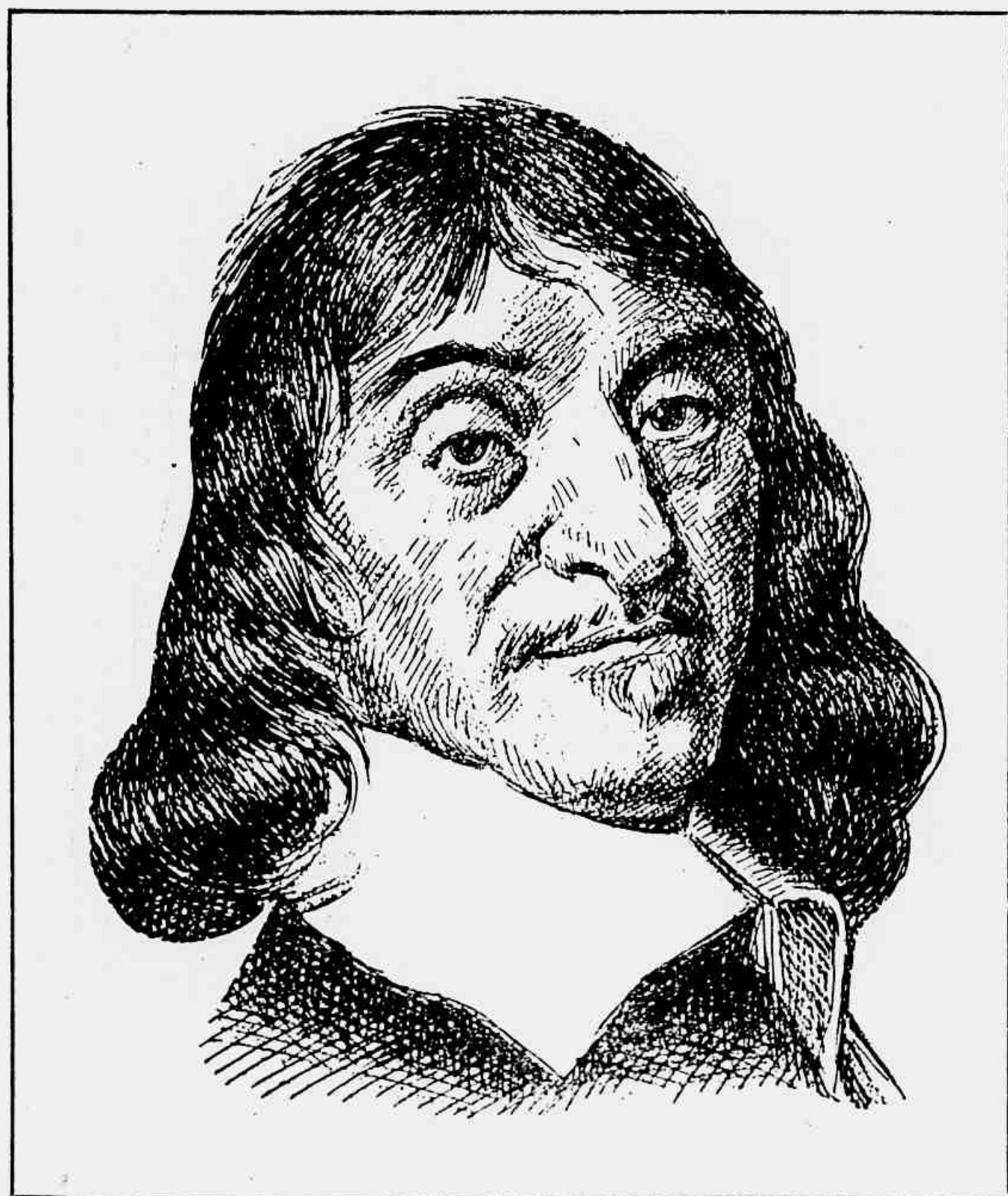
Deixou a escola dos jesuítas aos dezesseis anos e empreendeu, então, uma jornada física pelo presente. Foi a Paris onde se acamara-dou com alguns rapazes frívolos de sua idade. Aprendeu a frequentar jantares, a beber e a jogar. Era especialmente feliz no jogo, uma vez que baseava os seus palpites — como lhe observaram os amigos — "mais sobre os seus conhecimentos misteriosos de matemática do que sobre leis do azar".

Deixara para trás o estigma tuberculoso, e ficou agradavelmente surpreendido ao encontrar-se de posse tanto de um corpo sadio como de um espírito brilhante. Deliciou-o tanto, na verdade, o descobrimento de sua saúde que, por algum tempo, negligenciou as suas atividades mentais em benefício de suas atividades físicas. Na primavera de 1617 (com a idade de vinte e um anos) alistou-se no exército do Príncipe Maurício de Orange nos Países-Baixos.

Todavia, não era ele soldado por instinto. Apreciava o exército como escola de exercício, mas não gostava dele como instrumento de guerra. "Os meus impulsos militares", disse, "eram devidos a um aquecimento ocasional do fígado, que passou com o tempo". Recusando-se a receber o soldo de soldado, foi desobrigado dos deveres militares. Evitava sempre que possível, a luta ativa. Durante toda a sua vida, com efeito, sempre a evitou — fosse no campo de batalha físico, fosse no campo de batalha das idéias. Não era a coragem, uma das virtudes de Descartes.

Durante dois anos conservou um interesse de amador pela vida militar, reunindo-se sucessivamente aos exércitos holandês, bávaro e húngaro — e depois voltou as costas ao militarismo para mergulhar em suas meditações. Porque "súbita torrente de luz" deparara-se-lhe de improviso em 1619. "Nesse ano fui visitado por um sonho que veio de cima... Ouvi o estrondo de um trovão... Era o Espírito da Verdade que descia para assenhorear-se de mim". Na manhã seguinte, orou

RENÉ DESCARTES



A VIDA DE RENÉ DESCARTES

(1596 - 1650)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com o Livraria do Globo, de Porto Alegre).

a Deus para que lhe concedesse a luz. Pois a sua vida, a partir de então, deveria ser dedicada à investigação da Verdade.

Procurou-a por dez anos, viajando de país a país, estudando as pessoas, lendo livros, agarrando-se, ansioso, aos fios partidos do infinito e tentando segui-los até à sua origem, anotando o resultado de seus estudos em seus livros de apontamentos. Depois, aos trinta e três anos, recolheu-se à Holanda, "afim de, no silêncio e na solidão, concertar os seus pensamentos num todo consistente". Encerrou-se, completamente afastado do mundo, ocultando, até dos próprios amigos, o sítio de sua residência.

Encontrara, cria-o ele, um fragmento da verdade. Escreveu-o nas páginas do seu primeiro livro "Le Monde" — e depois não permitiu que fosse publicado, porque teve medo. Afirmara, nesse livro, a teoria revolucionária de estar a Terra em movimento, e lembrou-se da perseguição que haviam sofrido outros filósofos e cientistas — Bruno, Campanella, Vanini, Galileu — homens que tinham ousado proclamar teorias revolucionárias semelhantes. Para proteger-se contra qualquer tentação de publicar o manuscrito remeteu-o para um sítio distante do país. E não foi senão depois de sua morte que esse livro apareceu, e mesmo então, somente em parte. A verdade fizera sábio Descartes, mas não o fizera livre.

* * *

Contudo, apesar de sua timidez devida, talvez, aos mimos excessivos que recebera na infância — destinava-se, Descartes, a revolucionar o pensamento do mundo. Cético por natureza e conformista por educação, desenvolveu uma nova espécie de filosofia templo de fé edificada com o material da dúvida. Para podermos compreender a natureza paradoxal de sua filosofia, lancemos uma vista d'olhos às duas máximas éticas que Descartes fixou para a direção da própria vida:

1. "Seguir os meus pensamentos aonde quer que me conduzam. Nisto devo proceder como os viajantes que, vendo-se perdidos numa floresta, sentem que devem continuar a caminhar o mais retamente possível, numa direção, sem divergir para a direita ou para a esquerda... Dessa maneira, se não chegarem exatamente onde pretendem chegar, atingirão, por fim, ao menos, um lugar onde, provavelmente estarão melhor do que no meio da floresta".

2. "Obedecer às leis de meu país, aderir à religião de meus pais e seguir os costumes dos homens mais judiciosos com os quais possa eu entrar em contacto".

Essas duas máximas, como se pode notar, são um tanto irreconciliáveis. Mal poderá um homem seguir os seus passos "aonde quer que o possam levar" se há determinado que o levem somente pelos caminhos da ortodoxia. No entanto, começando com essa desvantagem paradoxal, logrou Descartes desenvolver um sistema de pensamento que o distinguiu como "o pai da filosofia moderna".

Porque essa filosofia — como vem explicada em seu **Discurso sobre o Método** e em suas **Meditações** — baseia-se no princípio da ciência (O próprio Descartes chamava-lhe o método da matemática aplicado à filosofia.) Principia com a suposição científica de que não devemos aceitar nada como verdadeiro. "Penetramos o reino da física e da metafísica com espírito pesquisador. Nem acreditamos nem deixamos de acreditar. Somos, apenas, neutros. Desejamos que as coisas nos sejam demonstradas. Entramos pela porta do ceticismo na tesouraria do mistério. E que encontramos nessa tesouraria?

Ao princípio, nada. Tudo é obscuro. Somos como pessoas perdidas numa floresta. Não hesitemos, porém. Caminhemos diretamente para a frente, duvidando, examinando, verificando, procurando a verdade.

Acima de tudo, devemos duvidar de tudo. Como eu desejasse entregar-me inteiramente à procura da Verdade, cuidei que me fosse necessário... rejeitar como absolutamente falso o que quer que pudesse conter, a meu juízo, a menor parcela de incerteza... E já que todos os pensamentos e imaginações que nos acodem quando acordados são os mesmos que podem acudir-nos enquanto dormimos, sem que nenhum deles seja, ao mesmo tempo, verdadeiro, determinei estabelecer que tudo quanto jamais entrara em meu espírito não era mais verdadeiro que as ilusões dos meus sonhos".

Todavia, esse mesmo sonhar leva Descartes à sua primeira realidade. Pois o sonhar requer um sonhador. "O fato de eu pensar revela-me a existência de algo que pensa". Que é esse algo? Sou eu. **Cogito, ergo sum. Penso, logo existo.** A minha própria dúvida demonstra a minha existência de duvidador. De outra maneira, nem a própria dúvida poderia existir.

E assim, conduz o ceticismo a uma certeza. **Eu existo.**

FANTASMAS NA TELA E NOS TEATROS

EXISTE um tipo de escritor que os editores norte-americanos denominam "fantasmas". Não querem dizer, com isso, que se trata, no caso, de competidores do nosso Pedrinho Xavier, que, lá em Minas, taquígrafa, ou, "psicografa" os seus "bate-papos" com o Além... Nós nos referimos a fantasmas vivos, levados a essa estranha profissão pelas dificuldades que se levantam diante dos jovens talentos que se esforçam por conseguir um lugar ao sol entre os espécimes mais notórios da fauna literária. A ascensão, entretanto, não se faz sem grandes obstáculos, intransponíveis para muitos. Os editores preferem que aquilo que nós, cariocas, chamamos "cartaz" já venha feito, para facilitar o lançamento. E, assim, preferem apresentar personalidades eminentes nas suas canhestas e vacilantes primícias literárias, pois só o nome do autor já garante o objetivo de despertar a curiosidade do público. Aos jovens e originais talentos, porém, cabe uma função especialíssima, que é precisamente aquela à qual nos referimos sob o rótulo de — fantasmas.

Quando o produto literário dos "grandes" homens, ou dos homens de "cartaz" é, verdadeiramente, insuportável pela ausência de qualquer espécie de qualidade que recomende o livro, independentemente da posição do novo escritor, são contratados aqueles moços hábeis e senhores de um estilo vivo para vasarem a narrativa monótona em forma mais atraente e apetecível. São estes os fantasmas. Movem-se atrás dos "cartazes" como sombras e escrevem livros que são assinados por gente importante...

Essa melancólica profissão, não obstante, é razoavelmente rendosa. Por intermédio dos serviços prestados por um fantasma a cantora recém-falecida, Grace Moore, deixou-nos um livro saboroso de memórias, a cantora Frances Alda, usando o mesmo processo, publicou o seu famoso "Homens, Mulheres e... Tenores!" Muitas outras personalidades seguiram esse exemplo, eliminando o pudico "as told by", que indica que a obra não foi redigida pelo que a assina, e colocando o seu nome, audaciosamente, na capa que vai enfeitar as vitrines. E os "reviewers" comentam: "Mr. X revelou insuspeitado talento, na maneira deliciosa pela qual contou a sua vida, semeando o seu livro de anedotas divertidíssimas e detalhes pitorescos".

OS FANTASMAS NO CINEMA

O cinema apresenta condições especialíssimas para a

Sombras atrás dos cartazes — Onde nem sempre a voz que se ouve provém da garganta que se vê — Passes de mágica de Iturbi, Rubinstein e outros artistas — A pianista Katherine Hepburn.

ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

proliferação da indústria dos fantasmas. A imagem e o som nem sempre se correspondem. A voz que brota, aparentemente, de uma linda boca de atriz, nem sempre é a voz da atriz. E se o espectador vê o seu astro predileto diante de um teclado, roçando com os dedos as notas, não deve convencer-se, desde logo, de que ele se improvisou em "exímio pianista" — para usar linguagem de cronista social, estraviado em um concerto.

Recentemente, quando o demônio da vida de compositores populares se introduziu no cérebro dos produtores de Hollywood tivemos, em uma mistura não muito "católica", Chopin e Cole Porter, Gerschwín, Jerome Kern e Irving Berlin. Não contentes com as vidas reais, com um toque de fantasia e suficientes inverdades para dar interesse humorístico, amoroso e até político às biografias, os produtores inventaram grandes compositores e artistas inexistentes, com vida mais coloridas e movimentadas do que jamais Chopin, nem mesmo o Chopin em versão Cornel Wilde, pensou poder existir.

Pois bem, em todas essas ocasiões, muitos fantasmas foram utilizados. Já não é mais segredo para ninguém que Cornel Wilde aprendeu a tocar piano, para fingir que estava tocando piano... colocando os dedos nas teclas, enquanto José Iturbi tocava as obras de Chopin que, fora da matéria musical, sofreu tratamento "tecnicolormente" carnavalesco, com o vampiro George Sand, o molenga Chopin, o histérico Musset, autênticos produtos do pensamento cinematográfico. "Thrilling!" na gíria dos que grutam títulos para atrair os incautos à aventura de duas horas de projecção.

PASSE DE MÁGICA

A prática vai se generalizando e cada vez mais os produtores recorrem aos passes de mágica. Os artistas são forçados a se submeterem a semanas de treinamento intensivo para tornar completa a ilusão. Pronta a objetiva, dado o sinal, o piano aparece, o suposto pianista senta-se, coloca os dedos no teclado... e "alguém" toca... Os "fans" verão Paul Henreid fazer isso, em "Deception". Katherine Hepburn também vai experimentar entregar-se, na imagem gravada, a uma imitação tanto quanto possível perfeita do pianista, enquanto Arthur Rubinstein, especialmente contratado, é quem, realmente, se encarregará da parte musical.

Aliás, o caso de Katherine Hepburn é todo especial. Ela é (de fato, pianista, se bem que não profissional. Em "Sea Of Grass" demonstrou que poderia tocar, porém o papel que está desempenhando, agora, em "Son of Love" requer mais do que isso, uma vez que, nesta película, ela encarna Clara Schuman, a esposa de Robert Schuman, uma pianista excepcional.

VIOLINO TAMBEM

Aliás, não é somente o piano. O próprio violino já foi alvo de uma experiência que, na opinião de muitos críticos, resultou perfeita. Foi precisamente John Garfield o escolhido para fingir que toca trechos interpretados por um violinista. A sincronização de movimentos foi perfeita. Dá a impressão de que quem está movendo o arco sobre as cordas é, realmente, o ator americano.

Floresce a prática de intérpretes duplos. Paul Henreid, que também figurará na vida de Schuman, ao lado de Katherine Hepburn, parece destinado agora exclusivamente a fingir-se grande pianista. Dentro em breve, os "fans" ficarão persuadidos de que ele, de fato, é um mestre do teclado.

Robert Walker, que já ensaiou nessa espécie de ilusionismo na vida de Jerome Kern, participará do elenco dessa produção da MGM como Johannes Brahms. Mas quem tocará para ele será Arthur Rubinstein.

Da esquerda para a direita: Robert Walker será Brahms no cinema, mas quem tocará por ele será Arthur Rubinstein... Pouca gente, ainda hoje, sabe que Cornel Wilde, o Chopin de "A noite sonhamos", não foi quem tocou a "Polonaise" e tantas outras belas músicas. Mas foi José Iturbi quem tocou por ele. Katherine Hepburn aparece como a pianista Clara Schuman, em seu novo filme, mas alguém tocará por ela atrás da cena...





ADEMILDE FONSECA nasceu no Espírito Santo. Seu primeiro contacto com o rádio se verificou através da "Pensão do Salomão", programa que Jorge Murad apresentava ao microfone da Rádio Clube do Brasil. Escolheu um chorinho, gênero de sua preferência. Renato Murce, então diretor-artístico da PRA-3, gostou de sua voz, contratando-a. Dessa estação transferiu-se para a Rádio Tupi, quando a Continental lhe propôs gravar "Tico-tico no fubá", chorinho de Zequinha de Abreu. A jovem cantora foi muito feliz na gravação, alcançando o disco um verdadeiro "record" de vendas. Daí para cá, tem posto na cena várias composições, inclusive o "Xem-em-em", outro número de bastante aceitação. Ademilde Fonseca é uma criatura simples acessível, tratando a todos com muita delicadeza. Aproveita o tempo disponível, assistindo bons filmes e boas peças teatrais. Os astros da tela que prefere são Greer Garson, James Stewart, Bette Davis e Clark Gable, ao passo que no teatro gosta de Dulcina, Mesquitinha, Jaime Costa e Procópio Ferreira. Sabe fazer bons pratos, cose com maestria e lê muito, de preferência obras biográficas. Não pratica esportes nem acredita em superstições. Sua mascote preferida é uma pelega de mil cruzeiros. E' apreciadora de um bom bife com fritas, gosta de todas as cores e preza todos os seus "fans", respondendo as cartas que eles lhe escrevem. Seu maior desejo é subir sempre na admiração popular.



SEBASTIAO ALVES DA SILVA PRATA é um veterano do teatro, do rádio, dos cassinos e do cinema brasileiro. Seu nome de guerra, Grande Othelo, lhe foi dado pelo saudoso empresário Jardel Jercolis, que o lançou no teatro e o levou a Buenos Aires. Nasceu em Minas Gerais e contando trinta e poucos anos de idade, Grande Othelo é um humorista espontâneo e um magnífico imitador de Mistinguett, Charles Boyer, Jean Sablon, Hugo del Carril, Pedro Vargas e outros astros. Trabalhou na Mayrink Veiga, na Tupi e, por último, na Rádio Globo. No cinema nacional, foi uma das razões de sucesso de "João Ninguém", da Sonofilmes, ao lado de Mesquitinha e Dea Selva; de "Futebol em família", com Dircinha Batista; de "Moleque Tião", em que foi o protagonista; de "Segura esta mulher", de que era um dos principais intérpretes, — e há bem pouco tempo terminou um novo filme, "Luz dos meus olhos", da Atlântida, com Celso Guimarães e Caciilda Becker como primeiras figuras, além de Manuel Pera, Heloisa Helena e outros em papéis de relevo. Grande Othelo, além de cantor e humorista, é também um excelente sapateador e dançarino. Há pouco, em São Paulo, um garçon de um bar, ficando impertinente, deu-lhe um soco e quebrou-lhe um dente, mas se confessou muito arrependido, por ser "fan" de Grande Othelo, em o ter, contudo, reconhecido.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUELIS

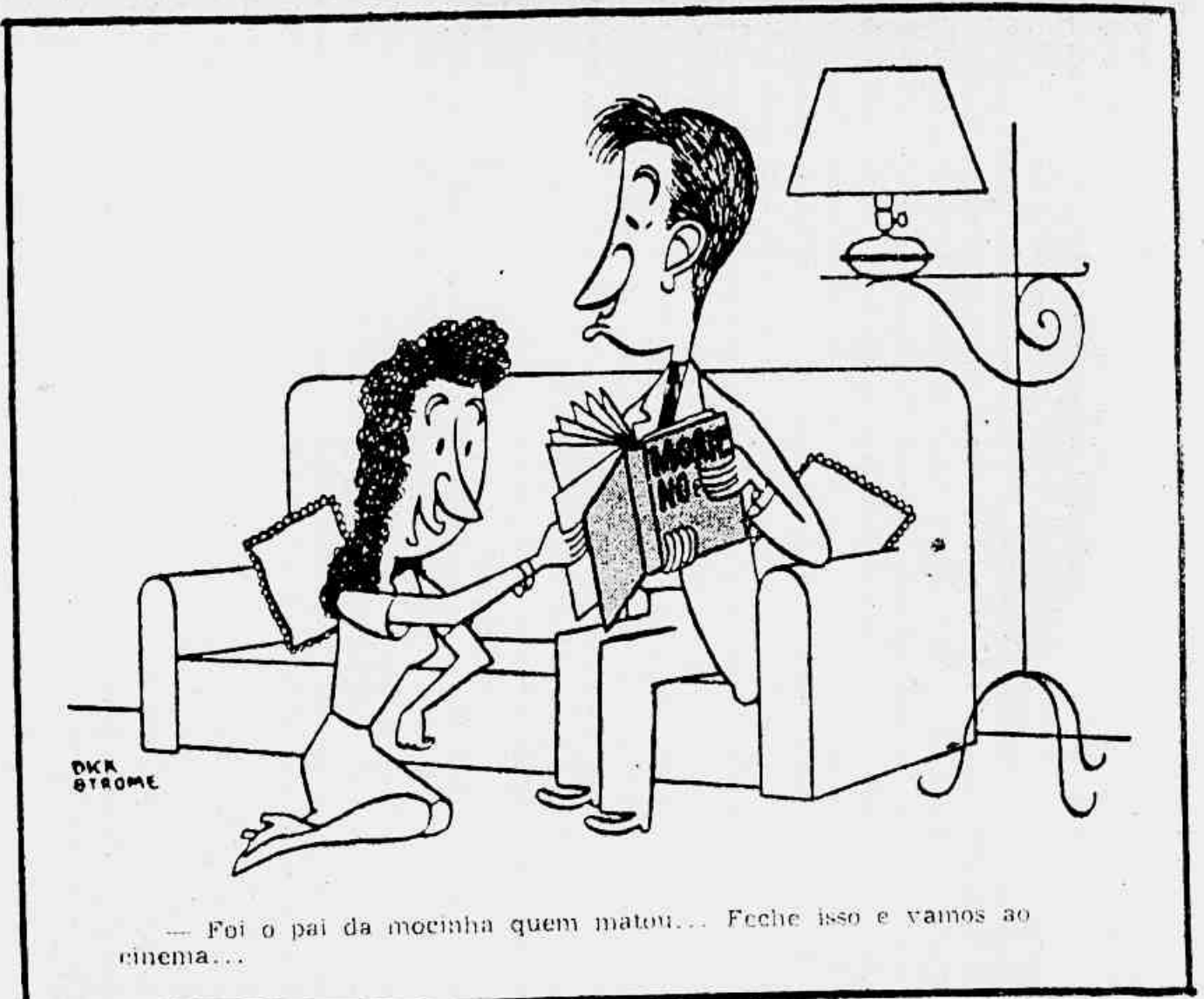
SE o sucesso de uma composição deve-se ao intérprete, Marlene deve estar radiante com o êxito de "Coitadinho do papai", marcha por ela gravada para o carnaval que passou. Tendo ingressado no rádio através da Tupi de São Paulo, após exercer as funções de escriturária numa firma bandeirante, Marlene, que na vida privada se chama Vitória Bonalnti, veio experimentar o "broadcasting" carioca, estreando nos programas de estúdio da Rádio Mayrink Veiga, de onde saiu para ingressar na Globo, sua atual estação. Paulista de nascimento, chegou a desempenhar importante cargo no diretório acadêmico de uma escola superior, além de animar os programas universitários das estações paulistanas, no decorrer de 1942. Cantora de música popular, sua voz tornou-se conhecida de todos os ouvintes, razão da sua numerosa correspondência e dos insistentes pedidos de fotografias. Em matéria de artistas de rádio, ela gosta de todos, ao passo que no cinema sua preferência recai em Bette Davis, Smencer Tracy e Paul Muni, enquanto que no teatro é francamente de Oscarito. Seu prato predileto depende da fome... Prefere a cor branca, usando vestidos dessa cor. Trabalha na "bolte" Casablanca e está filmando na Cinédia, esperando fazer boa figura diante da camera. Seu maior prazer é cantar, ficando inteiramente à vontade e satisfeita quando está num palco cantando para uma platéia numerosa. Não acredita em superstições e gosta do número treze.

RENATO MURCE ingressou no rádio por amor a arte, tendo atuado durante seis anos como amador. Em São Paulo, trabalhou na Rádio Tupi e Cruzeiro do Sul. Esteve três anos na Transmissora; dois na Philips, três meses na Tupi, sete anos na Nacional, não pretendendo sair dela. Já foi corretor de seguros, trabalhou no comércio e fez corretagem de imóveis, profissões que trocou pelo rádio. E' torcedor do Botafogo, pratica a natação; joga ping-pong e pratica o automobilismo, tendo participado no Circuito da Gávea e de outras competições automobilísticas. Aprecia uma suculenta feijoada completa; gosta do azul; é autor de uma infinidade de versos humorísticos e de "sketches"; escreveu "Regahofe dos vandalos" e "Epopéia do mundo", dedicando os direitos autorais a uma instituição de caridade; possui vários irmãos, os quais não estão ligados ao rádio. E' autor de vários programas de sucesso, como "Alma do sertão", "Pladas do Manduca" e "Papel Carbono", todos apresentados pela Rádio Nacional. Renato Murce é autor teatral festejado, com várias revistas de sucesso, e foi eleito "Príncipe dos Cantores Regionais" num concurso realizado no saudoso Teatro Lírico. Já cantou também trechos de opereta. Trabalhou no cinema, em "Futebol em família", fazendo uma "ponta". E "fan" de Ismênia dos Santos, Isis de Oliveira, Saint-Clair Lopes, Laura Borges e Castro Barbosa. No cinema prefere Greer Garson e Paul Muni.





Ele diz ter a certeza de que o mundo vai acabar amanhã...



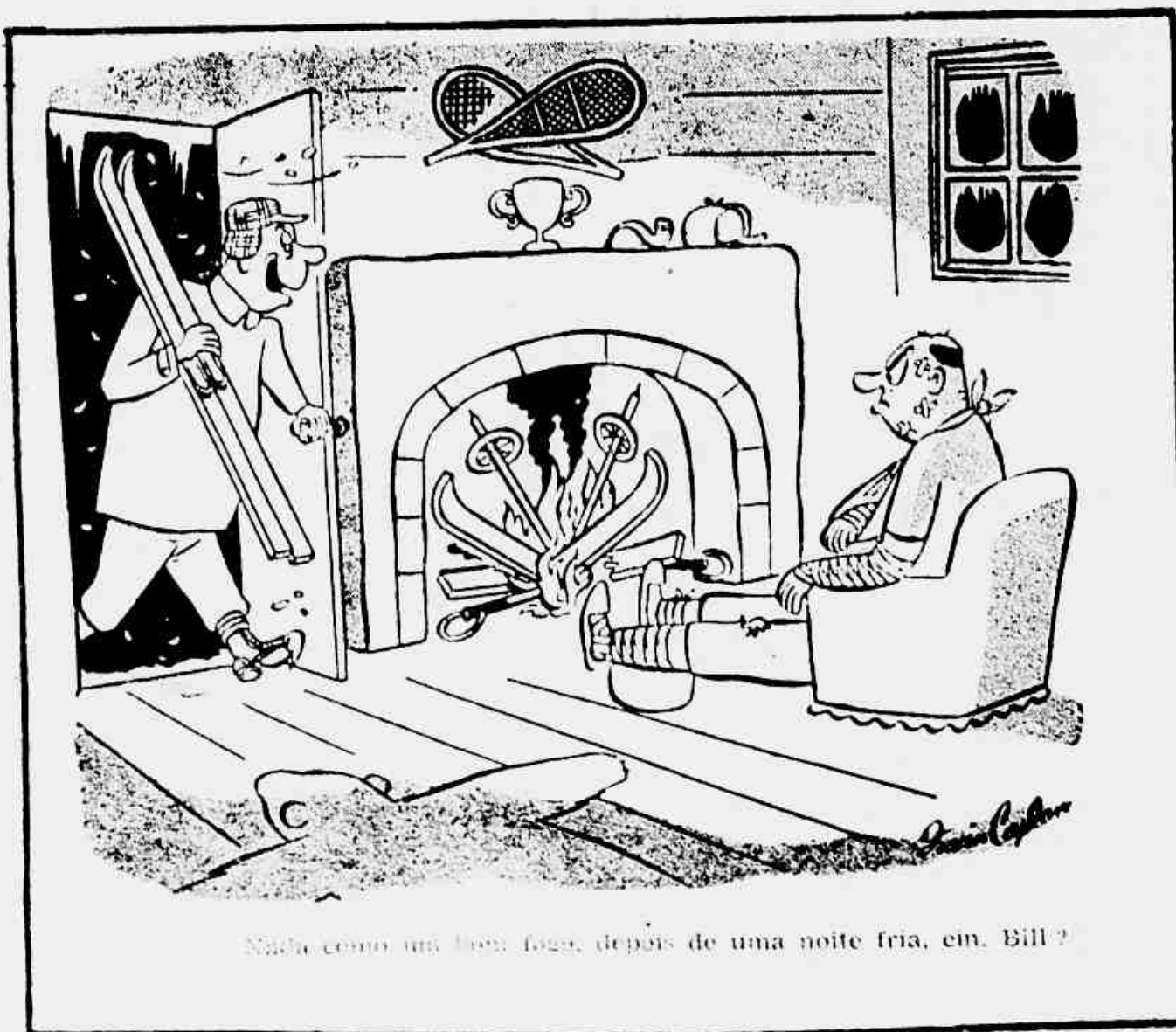
— Foi o pai da moçinha quem matou... Feche isso e vamos ao cinema...



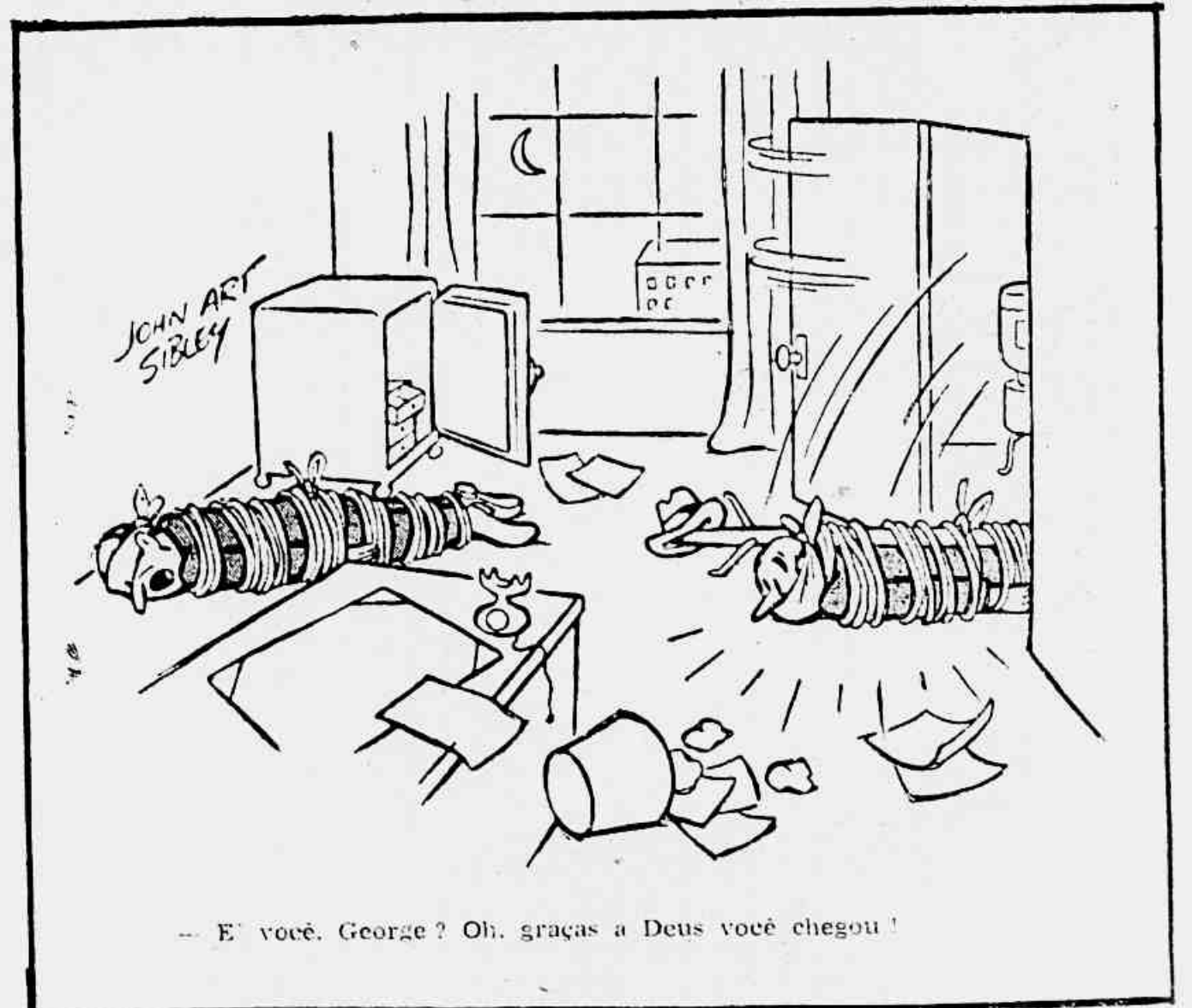
— Ele resolveu salvar o campeão de nado de costas que pensou que estava se afogando



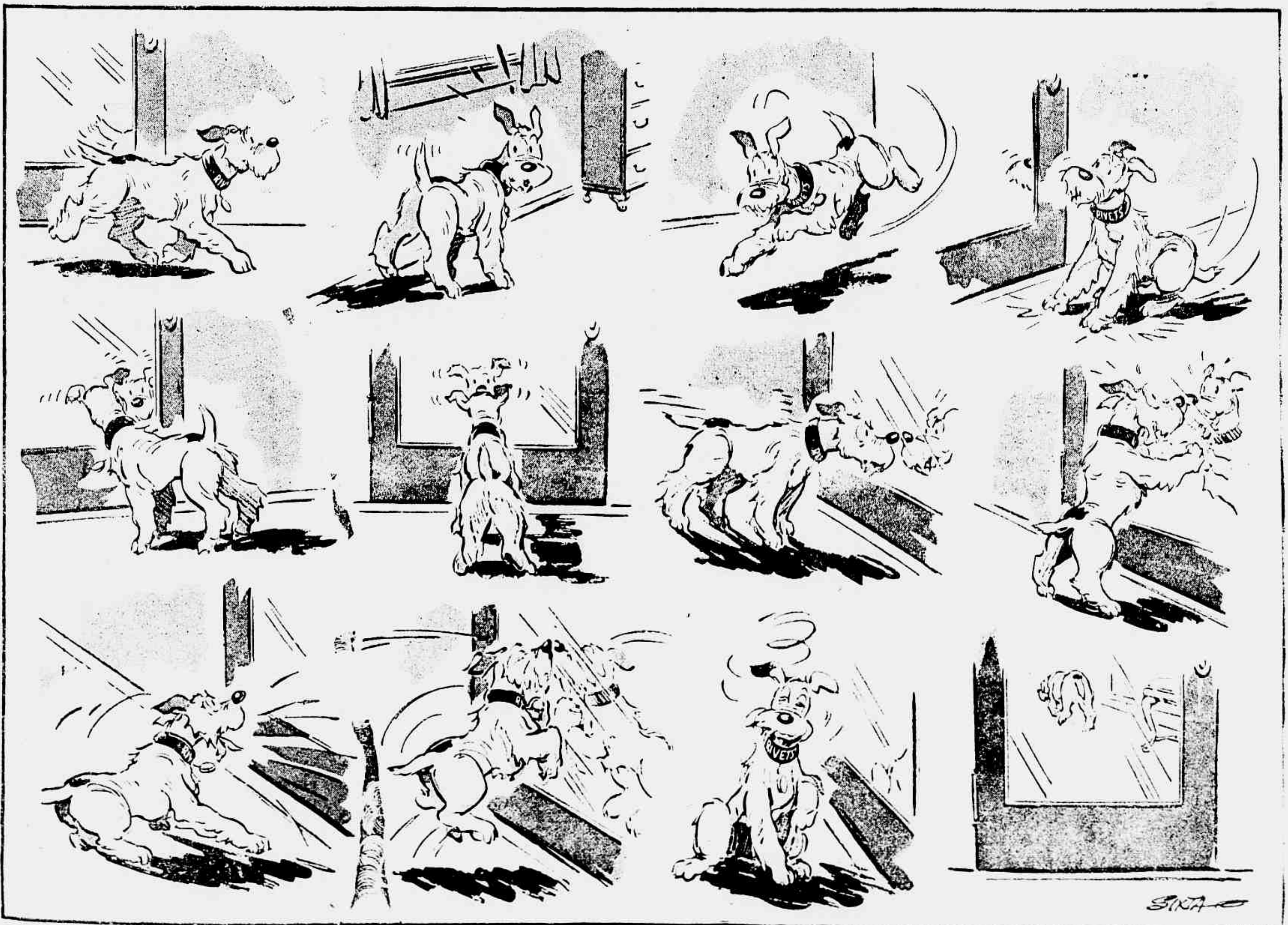
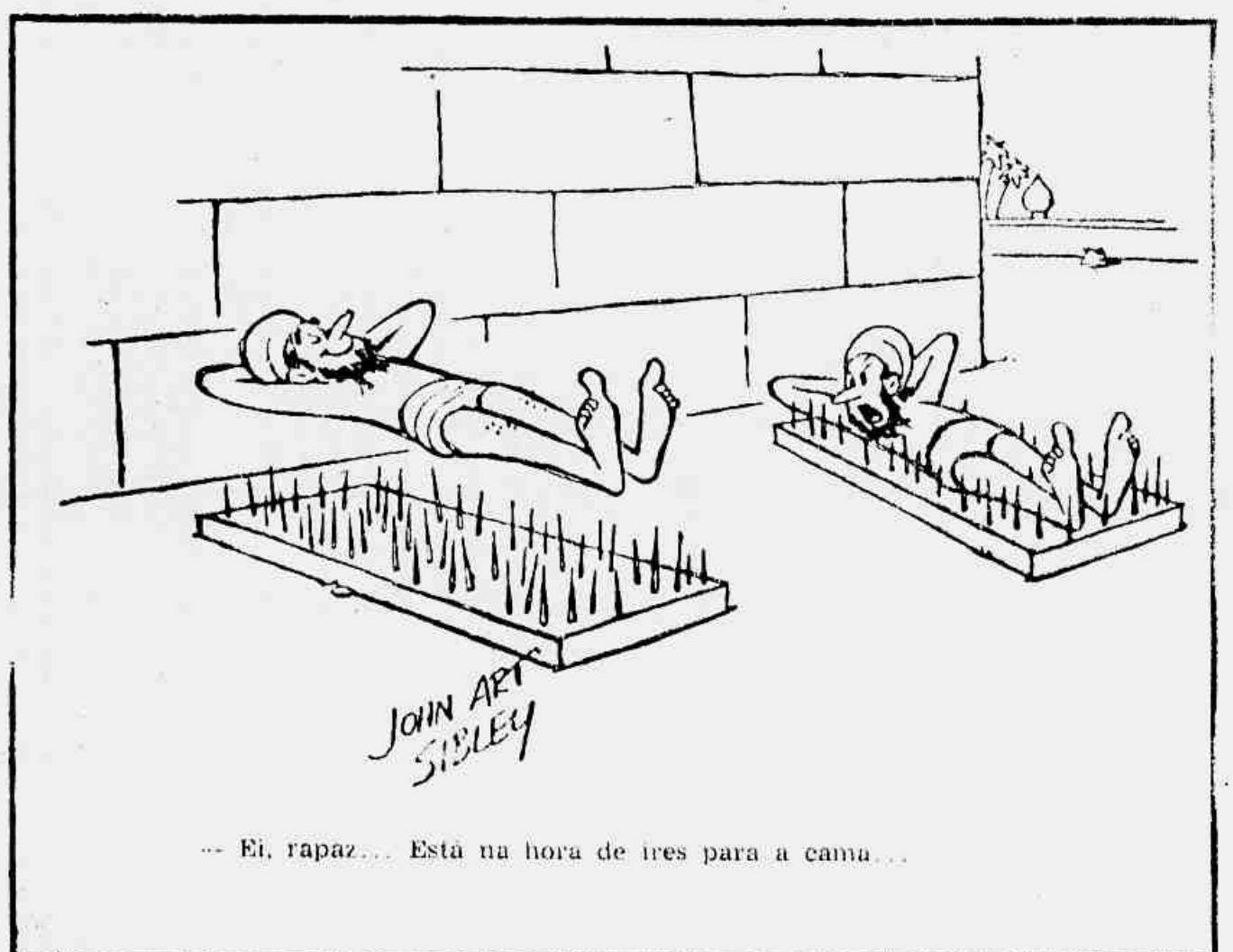
— Ha muitos homens que se gabam de mexer com as orelhas, mas nenhum consegue voar como o meu Gustavo...



Nada como um bom fogo, depois de uma noite fria, em, Bill?



— E' você, George? Oh, graças a Deus você chegou!





EM Borneo, sobre o píncaro da montanha, ergue-se o observatório de Avu. Ao norte, uma antiga cratera que, durante a noite, perfila o seu vulto escuro contra o azul infinito do céu. Da base da pequena construção circular, de carapuça em forma de cogumelo, descem os declives abruptos que se vão perder nas profundezas misteriosas e negras da floresta tropical.

A casinha, onde moram o astrônomo e o seu imediato, está a uns cinquenta metros do observatório, e mais ao longe estão as choças dos criados indígenas.

Thaddy, o astrônomo, achava-se de cama com uma ligeira febre. Seu imediato Woodhouse demorara-se um momento a contemplar, sem dizer nada, a noite dos trópicos, antes de encetar a sua guarda solitária. A atmosfera estava serena. De vez em vez, partiam das cabanas dos indígenas vozes e risadas, ou das profundezas da floresta subia o grito de um animal desconhecido. Do meio das trevas surgiam, como vagos fantasmas, insetos noturnos que iam esvoaçar ao redor da luz. Talvez Woodhouse estivesse pensando em todas as descobertas que poderia fazer na mata espessa e sombria que dormitava a seus pés. Para o naturalista, as florestas virgens de Bornéu são sempre um país encantado, fértil em mistérios perturbadores e em descobertas imprevistas. Woodhouse tinha na mão uma pequena lanterna cuja luz amarelada se destacava com vigor sobre o fundo multicolor, desde o azul-alfazema até o negro, em que se afogava a paisagem.

Em nossos dias, mesmo a despeito dos progressos da fotografia celeste, as observações que se fazem em um abrigo provisório e com um telescópio instalada nas condições mais primitivas, supõe ainda longas horas de fatigante imobilidade. Woodhouse suspirou ao pensar no esforço físico que tinha de fazer, espreguiçou-se e entrou no observatório. Ele tinha as mãos e o rosto untados com um específico que os preservava das picadas dos insetos.

O leitor conhece sem dúvida a disposição de um observatório vulgar. A cons-

KACHIBO

Observatório de AVU

trução costuma ser redonda, encimada por um telhado muito leve, de forma hemisférica, movendo-se em volta de um eixo o fácil de se manobrar do interior. O telescópio fica colocado ao centro, sobre uma coluna de pedra; um sistema de molas fá-lo seguir a rotação da terra e, uma vez encontrada qualquer estrela, pode-se assim estudá-la de um modo contínuo. Além disso, existe nele um conjunto de rodas e de parafusos, por meio dos quais se pode procurar e achar com facilidade a posição conveniente. Um alcapão disposto no teto móvel segue o movimento da objetiva enquanto dura o trabalho.

O astrônomo fica sentado ou deitado sobre um aparelho inclinado, feito de madeira, que ele pode voltar para todos os lados, conforme o exige a posição do instrumento. É conveniente manter no interior a escuridão mais completa que possível for, afim de realçar o brilho das estrelas em observação.

A chama da lanterna lançou um brilho mais vivo quando Woodhouse entrou no seu reduto circular. As trevas que tudo envolviam pareceram condensar-se atrás da grande máquina para de novo invadirem todo o recinto quando a luz passageira se fixou. A abertura do teto desenhava-se sobre a profunda transparência do firmamento, onde brilhavam seis estrelas com um esplendor tropical; um reflexo, como pálida réstia de luz, brincava sobre o tubo escuro do instrumento. Woodhouse deslocou a cúpula; dirigindo-se para o telescópio, ele voltou primeiro uma roda, depois outra, e o grande cilindro tomou lentamente uma nova posição. Ele olhou pelo "chercheur", pequena luneta anexa à grande, tornou a mover o teto, imprimindo-lhe uma fração de volta, tomou várias outras precauções e pôs em movimento o sistema de molas. Tirou o casaco, pois a noite estava muito quente, e colocou no seu lugar o assento incômodo sobre o qual estava condenado a passar as quatro horas que se iam seguir. Depois, dando um suspiro, resignou-se a encetar a sua guarda ante os mistérios do espaço. Nem o mínimo ruído se ouvia então no observatório; tampouco outra luz se via que não o clarão da pequena lanterna. De vez em quando ouviu-se lá fora o grito de um animal assustado ou ferido, ou a voz dos criados malaios. Dentro em pouco, um daqueles homens principiou a entoar uma estranha e monótona melopéia cujo estribilho era de vez em vez cantado, durante alguns momentos, pelos companheiros. Depois do que, pareceram retirar-se para a noite, porquanto não se ouviu mais rumor algum naquela direção e o silêncio, cheio de murmúrios, tornou-se mais e mais profundo.

O movimento das molas prosseguia no seu tic-tac regular. O zumbido agudo de um mosquito invadiu o recinto; o inseto irritava-se contra o unguento de que Woodhouse se premunira. Depois a lanterna apagou-se e o observatório ficou imerso na mais completa escuridão.

Woodhouse mudou daí a pouco de posição; o movimento lento do telescópio tinha-o obrigado a uma posição incômoda. Achava-se ele então a observar um grupo de estrelas da via-lactea, em uma das quais o seu chefe tinha visto, ou julgado ver, uma notável instabilidade de coloração. Esse estudo não pertencia ao programa do observatório; aliás, talvez fosse por isso que Woodhouse tomava nele tão vivo interesse. Nesse momento ele tinha esquecido todas as con-

das da terra. Toda a sua atenção estava concentrada no círculo azul encerrado no campo do telescópio; um campo semeado, conforme parecia, de uma multidão inumerável de estrelas, que fulguravam dentro do caixilho escuro da lente. Ao contemplar o céu, parecia-lhe que também ele se tornava incorpóreo, que por sua vez flutuava também no espaço etéreo. Ao longe, estava o ponto vermelho quase imperceptível que ele observava.

Dentro em pouco as estrelas apagaram-se, uma sombra negra passou de súbito, depois tornou a aparecer.

— E esta! disse de si para consigo Woodhouse. Deve ser um pássaro.

O fenômeno repetiu-se, e imediatamente o instrumento oscilou como se tivesse levado uma pancada. Depois a cúpula do observatório ressoou, fazendo ouvir uma série de pancadas surdas. As estrelas pareciam sair do campo do telescópio, quando realmente era o telescópio que, havendo oscilado, não se achava mais em frente da abertura existente no teto.

— Com a breca! exclamou Woodhouse. Que novidade será esta? Um vulto enorme, indistinto, negro, fazendo ouvir um rumor de asas, principiou a debater-se na abertura do alto. Um momento depois, o alcapão achava-se desimpedido, e a esteira luminosa da via-lactea fulgurava em todo o seu esplendor.

A cúpula, do lado de dentro, estava completamente escura, e só um leve arranhão denotava o lugar onde podia estar o misterioso intruso. Woodhouse tinha-se a pouco e pouco levantado; ele tremia violentamente, aquele choque inesperado inundara-o de suor frio. O intruso, quem quer que fosse, estaria ainda do lado de dentro? Teria saído? Em todo caso, ele era volumoso.

O que quer que fosse passou rapidamente diante da trapeira e o telescópio vacilou. Woodhouse estremeceu e levantou o braço. O animal estava então ali, com ele, dentro do observatório? Estava então porventura agarrado ao teto? Que seria? Poder-se-ia vê-lo?

O astrônomo ficou alguns minutos como que paralisado. O animal, fosse qual fosse, continuava a arrastar com as garras o interior da abóbada. Depois qualquer coisa fustigou o rosto do sábio; em um raio fugitivo das estrelas, ele viu uma pele que se poderia tomar por couro oleoso. A garrafa, atirada da mesa abaixo, quebrou-se no chão.

A idéia de que um pássaro estranho adejava dentro do observatório a alguns metros do seu rosto, fazia em Woodhouse uma impressão inexplicável. Voltando a si, do seu temor, ele compreendeu que devia ser algum pássaro noturno, algum morcego talvez. Despresando o perigo a que se arriscava, quis tirar a limpo o que aquilo podia ser, e tomando um fósforo de dentro do bolso, tentou riscá-lo contra o encosto da cadeira. Formou-se uma nuvem de fumaça fosforescente, o fósforo inflamou-se durante um instante e o nosso sábio viu uma grande asa batendo no ar junto dele, bem como o reflexo de um pelo ruivo; depois recebeu uma pancada no rosto e o fósforo caiu-lhe da mão: o que quer que fosse tinha-lhe batido na testa, e uma garra deixara-lhe na face um arranhão transversal. Ele vacilou, caiu e ouviu quebrar-se a lanterna apagada. Logo depois de cair, rece-

beu uma segunda pancada e, meio aturdido, sentiu correr-lhe pelo rosto um fio de sangue quente. Instintivamente, julgou que queriam fazer-lhe mal aos olhos e, voltando-se de bruços para os proteger, tentou buscar, mesmo nessa posição, um abrigo debaixo do telescópio. Então recebeu outra pancada nas costas, rasgou-se-lhe o casaco; depois, o animal precipitou-se de encontro ao teto. Ele arrastou-se até o mais longe que pôde, entre a cadeira e a ocular, e arranjou-se de modo que só os pés lhe ficaram de fora do abrigo, com os quais todavia, em caso de necessidade se poderia defender. Ele ignorava ainda onde se achava. O estranho animal, revolteando no escuro, acabou por se agarrar ao telescópio, que ele fez balançar com um ruído de ferragens.

De uma vez em que o animal passava ao seu alcance, Woodhouse bateu-lhe furiosamente com o pé. Ao fazer esse movimento sentiu o contacto de uma coisa mole, e teve uma sensação de terror. Aquela animal devia ser enorme para fazer tremer assim o telescópio! Por um momento ele viu destacar-se sobre o fundo do céu uma cabeça negra: viu também umas orelhas pontudas e erguidas, e uma crista levantada entre elas. Aquela cabeça parecia do tamanho da de um bulldog. Woodhouse principiou a gritar por socorro com todas as suas forças.

Enquanto assim procedia, a cabeça tornou a cair em cima dele. No mesmo instante, a sua mão tocou em qualquer coisa, que se achava ali, muito perto, no chão. Ele deu um pontapé: imediatamente sentiu agarrarem-lhe no tornozelo que ficou preso em um estojo de dentes aguçados. Soltando um outro grito, procurou com a outra perna desembaraçar aquela; depois reparou que tinha embaixo da mão a garrafa quebrada: tendo agarrado nela com um movimento brusco, logrou sentar-se, apalhou as trevas na direção do pé; sentiu uma orelha peluda, que fazia lembrar a orelha de um gato grande. Ele tinha pegado na garrafa pelo gargalo e com ela deu uma pancada na cabeça do estranho animal. Ouviu-se um estalo. Woodhouse tornou a bater, servindo-se de um punhal do caco pontegudo para ferir, em meio da escuridão, no lugar em que julgava que devia estar a garganta.

Mal os pequenos dentes o largaram ele retirou logo a perna e deu mais um vigoroso pontapé. Sentiu o contacto desagradável de uma pele coberta de pelo espesso e de um corpo que cedia perante a sua investida. Sentindo uma dentada rasgar-lhe a manga, ele alvejou o inimigo em cheio na cabeça, conforme supôs; quando sentiu o contacto, o que encontrou foi um pelo úmido.

Houve então um momento de trêguas; depois Woodhouse notou, pelo rumor das garras continuando a arrastar, que um corpo pesado se rojava pelo chão afastando-se dele. Após um momento de pausa, apenas interrompido pelo ruído da sua respiração ofegante, ele percebeu como que um ilxamento. Tudo estava negro, à exceção do canto de céu azul semeado de estrelas, sobre o qual se destacava em silhueta a extremidade do telescópio. Woodhouse julgou esperar durante um tempo interminável. Mas iria o animal atacá-lo novamente? Procurou no bolso da calça: restava-lhe um único fósforo, que ele tentou acender fosse onde fosse; mas o chão estava úmido.

ele estalou e apagou-se. Woodhouse soltou uma praga. Nem sequer lhe era possível ver de que lado estava a porta. No meio dos seus esforços, reconhecia que estava completamente desorientado. O estranho animal, perturbando-se com o estalido do fósforo, pôs-se de novo em movimento.

— Agora, a nós dois! clamou Woodhouse, em um súbito impulso de desafio.

O animal, porém, não voltou a atacá-lo. Talvez, pensava Woodhouse, tivesse sido alcançado pelo caco de garrafa. Sentiu uma dor forte no calcanhar; provavelmente saía sangue do ferimento que ali havia. Principiou a inquietar-se em saber se poderia andar sobre aquele pé, no caso de conseguir levantar-se.

Lá fora a noite estava completamente serena. Não se ouvia o menor movimento. Os criados adormecidos não tinham ouvido nem o choque das asas batendo na cúpula, nem os chamados do astrônomo. Não havia pois o menor proveito em gritar por socorro. Tendo o monstro agitado as asas, Woodhouse tomou uma atitude defensiva. A sua cadeira, contra a qual ele apoiou com força o cotovelo, foi atirada ao chão com grande fragor; ele praguejou contra a cadeira, em seguida praguejou contra a escuridão.

Súbitamente, a abertura de luz sideral pareceu mover-se para um e outro lado. Woodhouse pôde perguntar a si mesmo se iria sentir-se mal, coisa que nunca lhe acontecia. Apertou os punhos, cerrou os dentes, apelando para toda a sua energia. De que lado estava a porta? Ele pensou em que talvez pudesse orientar pela posição das estrelas que ele avistava estava no Sagitário, e ao sudoeste. Sim, mas a porta estaria ao norte? ou estaria ao noroeste? Ele tentou refletir. Se conseguisse abrir aquela porta, era a fuga possível... Podia ser também que o animal estivesse ferido. A incerteza era intolerável!

— Atenção! exclamou ele. Se não avançares, serei eu quem atacará!

A estas palavras, o animal principiou a trepar pela parede do observatório: o astrônomo viu o seu pelo negro invadir progressivamente a abertura do teto. Seria uma retirada? Ele esqueceu a porta para só prestar atenção à cúpula que rangia e mudava de posição. Em todo caso, não se sentia mais nem muito assustado, nem muito animado. Experimentava uma estranha sensação de fadiga. Aquela calxilha de luz, nitidamente recortado, com o vulto negro que o atravessava, parecia tornar-se cada vez mais estreito. Coisa curiosa, ele principiava a sentir muita sede, e todavia não tinha vontade nenhuma de fazer o mínimo esforço para beber. Experimentava a sensação de escorregar pelo fundo de um funil...

Woodhouse sentiu qualquer coisa queimar-lhe a garganta; era dia claro, e um dos criados olhava-o com curiosidade. Mas por que razão via ele invertido o rosto de Thaddy? Exquisito corpo o de Thaddy para se apresentar daquele modo! Woodhouse compreendeu em breve a situação: a sua própria cabeça repousava sobre o joelho de Thaddy e este dava-lhe aguardente a beber. Depois ele avistou a ocular do telescópio coberta de numerosas manchas vermelhas. Lembrou-se então do que se havia passado.

— O senhor pôs o observatório em um bonito estado! — disse-lhe Thaddy. Um jovem Dyak batia um ovo dentro

RICHARD HART JÁ FOI JORNALEIRO...

Um novo que começou bem... — Galã de Greer Garson no seu primeiro filme e de Lana Turner no segundo — Iniciada a filmagem de "Green Dolphin Street", o romance de Elizabeth Gouge, que figurou na lista dos "Best Sellers" americanos.

Por LUIS SERRANO

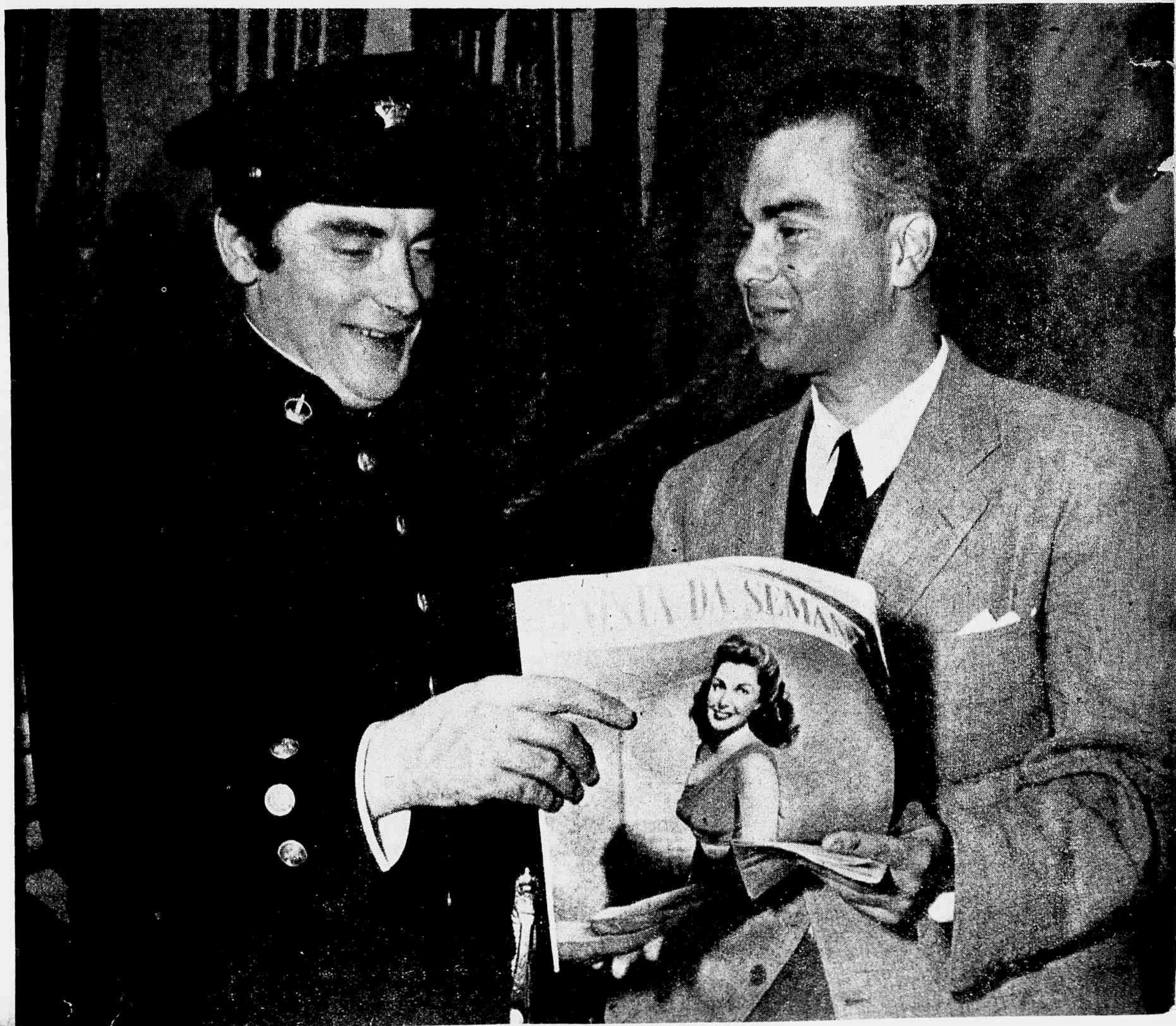
(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

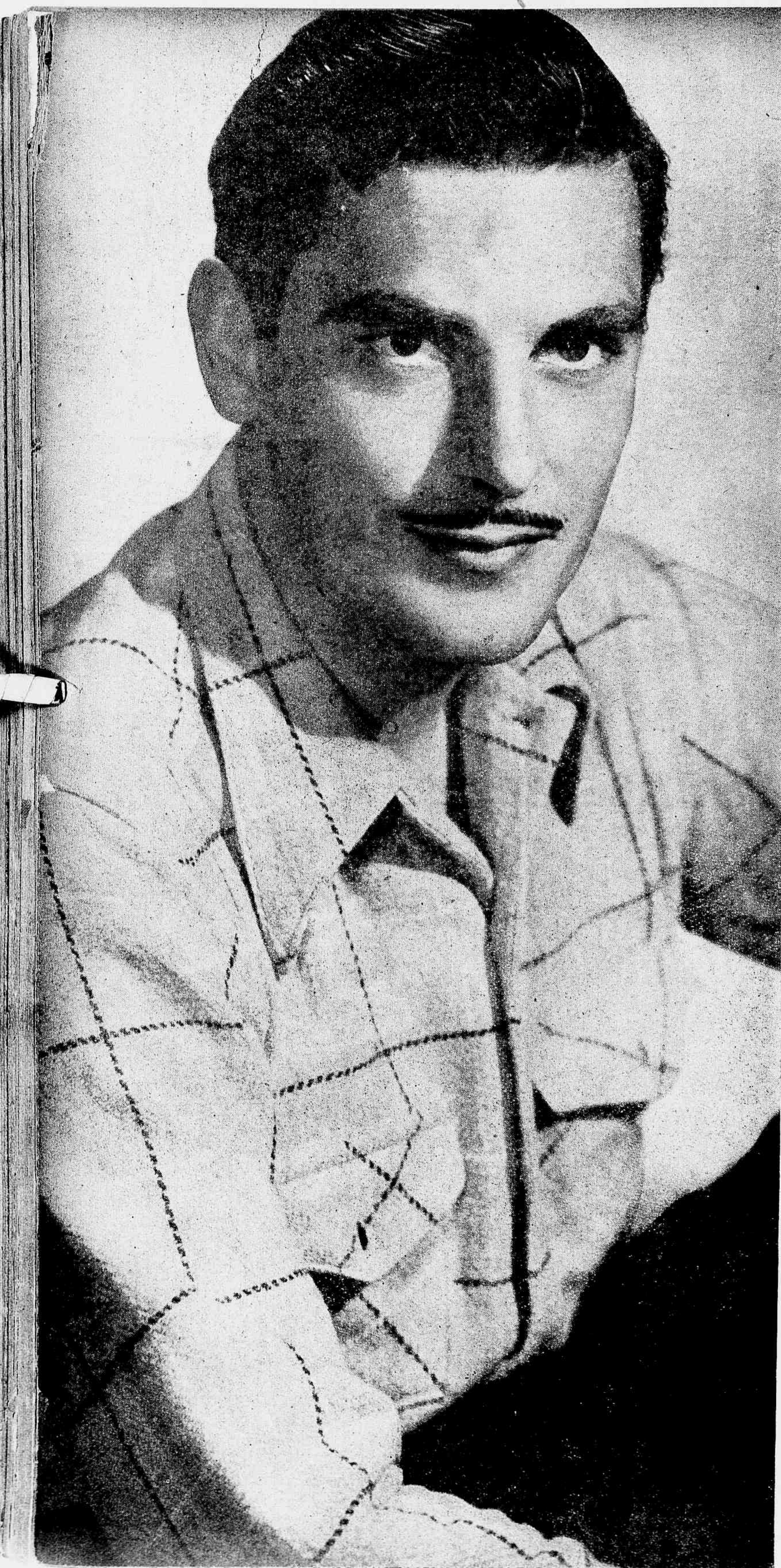


HOLLYWOOD, fevereiro. — Poucos artistas terão começado uma carreira sob melhores auspícios do que o novo e sensacional galã da Metro Goldwyn Mayer, Richard Hart, a quem teve o prazer de entrevistar, no "set" em que está sendo filmada sua segunda película, "Green Dolphin Street". Galã de Greer Garson no seu primeiro filme, "Woman of My Own", extraído de uma peça famosa de Leonard Frank, sob o título de "Karl e Ann", na sua nova película Richard Hart aparecerá ao lado

de outra "star" de grande prestígio, a nossa conhecida Lana Turner. O romance de Elizabeth Goudge, "Green Dolphin Street", foi a primeira obra a conquistar o prêmio oferecido pela Metro para a melhor novela do ano. Focaliza acontecimentos do século 19, como o terrível terremoto que devastou a Nova Zelândia, a guerra dos Maoris, naufrágios e a "desgraça" dum homem que casou com uma "wrong woman", que poderíamos tentar traduzir pela expressão bem conhecida: uma mulher fatal. Para esse filme Lana

Ao lado: Richard Hart com sua esposa, Louise Valery, confere o seu programa de trabalho... Verificando estar escalado para filmar no dia seguinte às 6 horas da manhã ele diz: "Viva o teatro, que não é assim!" — Em baixo: Richard Hart com a farda de "Green Dolphin Street", ao lado de Luis Serrano, correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood.





Turner tingiu novamente os cabelos e aparece como uma dominadora "brunete", no papel de Marianne. O herói, William Ozane, é personificado pelo ator Richard Hart.

Quando conversei com Richard, num dos palcos da Metro, ele estava vestido com a farda de oficial de Marinha, que enverga na maior parte das sequências de "Green Dolphin Street". O imenso lago do estúdio estava em plena atividade, cercado de barcos "postigos" e de chineses autênticos, todos a espera que o sol aparecesse novamente, para que pudessem tomar outro "take" com a mesma intensidade de luz. Devido a esse intervalo forçado, pude conversar com Richard Hart à vontade e sem a pressa que quase sempre força os correspondentes a serem quase monossilábicos...

— Richard, conte-me alguma coisa de sua vida...

— Meu amigo, minha vida está apenas começando... este é o meu segundo filme e asseguro-lhe que considero a minha estréia no cinema como um segundo nascimento... Como sabe, nunca tinha trabalhado nos estúdios cinematográficos, quando fui convidado para ser o galã de Greer Garson em "A Woman of My Own".

— Sei que é formado da Brown University. Conte-me algo da sua vida universitária...

— Sim, é verdade. Graduei-me em psicologia e inglês, mas sempre tive o meu coração nos esportes. Ainda sou "alucinado" por beisebol, "hockey" e o verdadeiro futebol, o "soccer".

— Este é o futebol que jogamos na América do Sul. Foi campeão em algum destes esportes?

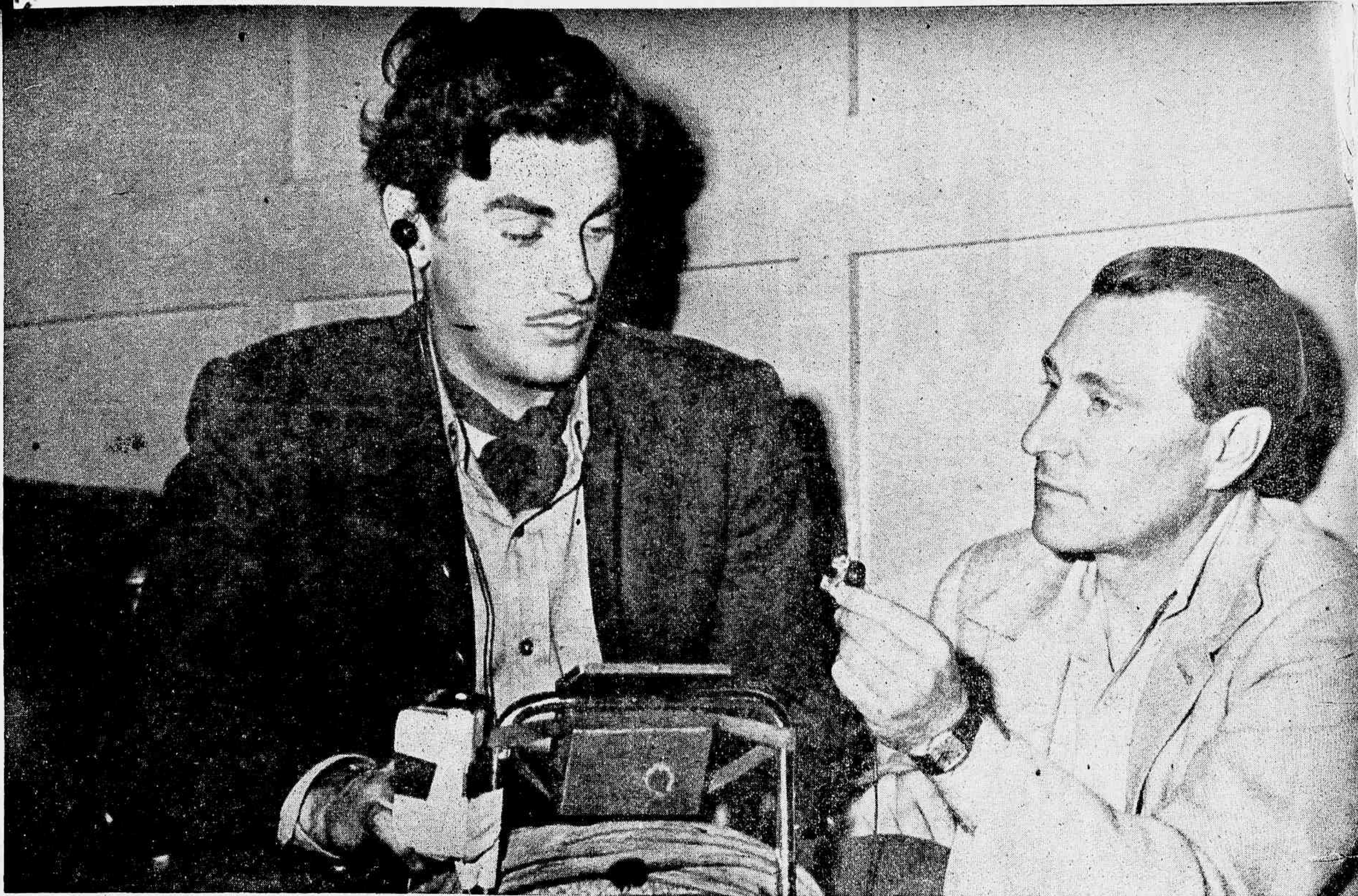
— Não. Nunca passei do "segundo team"... Por isso resolvi enveredar pela carreira jornalística e pedi uma bolsa de estudos à Columbia University. Resolvi, depois, para distrair-me da rotina jornalística, fazer uma excursão de bicicleta através da Inglaterra... Resultado: gostei tanto da viagem que cheguei atrasado para o segundo semestre do meu curso. Sem dinheiro resolvi trabalhar vendendo o que podia encontrar à mão para vender: jornais, carvão, gasolina... Um dia consegui um emprego na Gorham Silver Company e comecei a pensar no teatro. Num teatrinho de bairro tive o meu primeiro papel em "Street Scene", a famosa obra de Elmer Rice. Para mim o teatro não era mais do que um divertimento e nunca pensei em fazer dinheiro representando. Um dia, porém, depois duma representação do nosso grupo, os "Shoestring Players", para a qual vendemos as cadeiras a 60 centavos (doze cruzeiros) e tivemos uma casa cheia, pensei juntar o útil ao agradável, tentando a fortuna no teatro. Mas, sem estudo, não logo pensava em representar, por isso matriculei-me na "Tamara Daykarhanova Dramatic School", uma escola dramática de Nova York, e me puz a estudar: dicção, postura, técnica de teatro, etc., etc... As minhas finanças é que não eram muito boas e, por isso, eu tinha uns biscates nas estações de rádio para manter-me vivo... A primeira oportunidade que eu tive, como profissional, foi em "It's up to You", um drama documentário que fez sucesso em Nova York e teve sempre grandes casas, porque a entrada era grátis... Depois representamos "The Cardboard Lover", com Tallulah Bankhead e Keating. Isto me recorda que tinha duas linhas para dizer em toda a representação, precisamente quando Fred aparecia. E, devido aos aplausos da assistência, essas duas linhas nunca foram ouvidas, com grande furor e desapontamento meus...

— E depois...

— Depois "Without Love" (Sem amor), com Constance Bennett. Aí conheci Louise Valery... e nos casamos na igreja de St. Nicholas, em 1945, em Nova York... Representamos depois, com os "Cambridge Players" a peça "Dark of the Moon", cuja protagonista era Carole Sto-

(Continua na pág. 52)

Contratado sem "test" pela Metro Goldwyn Mayer, em Chicago, onde trabalhava no palco, vinte e quatro horas depois Richard Hart estava em Hollywood, convertido em galã de Greer Garson. Não houve, ainda, um princípio tão sensacional como o dele.



Ao alto : Richard Hart ouve a gravação de sua própria voz, afim de aprender como graduá-la bem diante do microfone. Esta é uma das lições que mais custam aos atores novos, acostumados a falar em tom teatral.

Em baixo, à direita : Katherine Hepburn e Richard Hart já se conheciam de Nova York. Trabalhando em "Sea of Grass", ela recebe a visita do ator novato e ex-jornaleiro das ruas de Nova York... A esquerda : No estúdio da Metro, Richard Hart vai fazendo camaradagem com seus colegas de trabalho. Aqui está ele em pleno bate-papo com June Allyson, a encantadora artista que é, também, a esposa de Dick Powell.



A Ceia

CONTO DE J. ETIENNE FILHO · ILUSTRAÇÃO DE A. MOURA
Premiado no Concurso Permanente da "REVISTA DA SEMANA"

casa não poderia ser? Mas, como uma resposta às suas rezas e às de dona Filhinha a São Geraldo, apareceu-lhe uma contabilidade extra de uma casa bancária que lhe daria, durante uns meses, mais duzentos mil réis. Era bem possível que depois continuasse no lugar. Aquilo era justamente a quebra da receita. Bemaventurado São Geraldo. E por falar em rezas: porque a Zita, sua cunhada, não dispensava as orações especiais da capela de Santa Edwiges que eram mil e oitocentos réis diários, fora os dias de novena, de procissão? Não era pão-duro, Deus o sabia. Nem era contra a religião (bateu com a mão na boca). Mas, admitia que religião se pratica em qualquer lugar. E' verdade que todas as segunda-feiras, lá ia a São José, beijar a relíquia de São Geraldo, uma devoção enorme de muita gente. Mas, era porque estava indo para o serviço. Se a Igreja ficasse mais longe, beijaria a relíquia em pensamento, rezaria suas ave-marias. Também era verdade que Zita nunca lhe pedia dinheiro. Mas era bem certo que todo ele saía através de Dona Filhinha, que além do mais era madrinha de Zita, coitadinha, e cuidava dela desde os 15 anos, quando lhe morreu o pai, havia isto vinte anos.



SEU Clarindo olhou em redor. Estava cansado mas satisfeito. Como pode cansar uma mudança, arre! De cima da cadeira de balanço tirou um maço de jornais, um quadro de São Geraldo, uma gaveta entulhada de papéis e duas estatuetas. Depois afastou o armário para um lado, verificou se o espaço dava para balançar e sentou-se. Cruzou as mãos atrás da nuca, semi-cerrou os olhos e pôs-se a balançar e a pensar ritmicamente. Afinal, estava na sua casa. "Se o senhor paga quatrocentos mil réis por mês de aluguel, porque não paga um pouco mais e não compra uma casa própria?" Aquilo era sedutor, correspondia a secretos desejos. Mas como ia poder ser? O orçamento estava apertado, ainda mais com a guerra. O seu conto e quinhentos mais os cento e cinquenta de cada um dos três filhos mais velhos davam um conto novecentos e cinquenta. Sempre havia comissões de pequenos negócios, que arredondavam a receita para dois contos e duzentos. Mas, havia os descontos: tanto para o I.A.P.C. mais tanto para a L. B. A., mais tanto para bonus de guerra, médico. No fim, o equilíbrio com as despesas era tudo de

fazer. Seu Clarindo convocou a família. Era preciso economias para terem casa própria. Que se podia economizar? Ele mesmo desistiu do "Jornal do Comércio" e reduziu à metade o seu fumo. Propôs que os ternos fossem menos vezes à lavanderia e que se comesse menos doce. E ficou nisto a economia. Luci não podia deixar de frequentar o Curso de Economia Doméstica, que era de graça, mas que gastava um dinheirão em bolos, em doces complicados. Dora não podia deixar as aulas particulares de piano e declamação. Os rapazes, estes não podiam mesmo. As prestações na Escola de Direito (segundo ano, Alfredo) e do Colégio (primeiro ano científico, Nélio) tinham de ser pagas de qualquer maneira. Quanto aos cigarros, propor que eles os deixassem seria admitir que fumavam. E seu Clarindo admitia muitas coisas, em sua casa, podia mesmo dizer que era um pai moderno, mas isto também não. Afinal, o Alfredo tinha apenas 14 anos, era o mais velho, e Nélio 18, era o mais novo. Entre um e outro, as duas meninas.

Que triste mês passou seu Clarindo. Seria que a

A cadeira rangendo no assoalho, o corpo magro de seu Clarindo balançando para lá e para cá. Mas valeu a pena, por Deus que valeu. Foram oito meses de ansiedades, de visitas, de discussões com o engenheiro, verificações de plantas, dificuldades de material a comprar. E a casa foi aos poucos tomando jeito. Primeiro eram pedras jogadas. Depois aquelas pedras se agruparam, se argamassaram, formaram a base. As paredes surgiram. Ia vendo os quartos crescendo, as portas, as janelas. E tudo sob um plano longamente discutido. Um amplo quarto para as moças, outro para Zita. O dos rapazes, independente, largo, com lugar para livros, sempre podia acontecer que eles ainda dessem na mania de ter livros. O menor foi mesmo para seu Clarindo e d. Filhinha. Pois já estavam eles ficando velhos, com seus 48 janeiros ele, ela com 45. A sala de jantar, dando para a copa, aonde iriam os móveis laqueados, exigências de Luci. A sala de estar, com cadeiras estofadas. A varanda.

E o seu escritório, ah! o seu escritório. Que sonho. As meninas quiseram cortá-lo, fazer sala de costura. Zita

palpitara mesmo que uma sala de visitas seria adorável. As meninas riram daquelas antiguidades, onde já se viu sala de visitas em casa moderna. Mas seu Clarindo que sempre ouvia, que com tudo concordava, desta vez reagiu. Falou alto. Dona Filhinha acalmou: "Não precisa gritar, gente! Não é você o dono? Você sempre não mandou?" A ironia daquele modo de falar: Você sempre mandou... Mas, de qualquer maneira seu Clarindo pensou que se não mandara sempre, mandaria agora. O escritório tinha de sair. Salu.

E mais: Não admitia que ali mudassem os móveis. Que se tivessem desfeito de guarda-louças, de guarda-comidas, vá lá. Afinal nem tinha grande amor áqueles móveis. Vira sem pena irem-se os trastes amarelos e virem outros, em verniz escuro, móveis atarracados, bojudos, que as meninas receberiam com gritinhos, aos quais talvez até Dona Filhinha tivesse juntado alguns também, mais pálidos, enquanto Zita fazia uma cara que se traduzia sempre como contra, contra alguém, contra alguma coisa. Que fizessem o que bem entendessem com os móveis lá por dentro da casa. Mas, ali, no seu recanto, não. Era a mesma escrivaninha alta, com uma gradezinha torneada

padas não tinham dado, e não tiveram dúvida em sacrificar a sua). Mas, seu Clarindo "via" o retrato. A cabeça imponente do legendário coronel, o olhar vivo, meio estrábico, e as vastas bigodeiras paraguaias. Voltou a encostar-se de novo, sorriu, mais para dentro, e ficou balançando, balançando.

Os chinelos de Dona Filhinha se arrastaram, abriu a porta, a luz indireta entrou.

— Tão cansado assim, meu velho? Vamos jantar.

Seu Clarindo levantou-se lentamente, pegou não direi com carinho mas com costume no braço de Dona Filhinha, passou a outra mão pelo cabelo desalinhado e foi também para a sala de jantar.

— Pelo visto, não queria jantar hoje?

— Não é bem isso. É que eu estava tão cansado.

Já lá estavam todos. A mesa mal posta, denunciando a ausência de muita coisa que não se achava. As facas teriam de ser usadas em comum, não havia guardanapos. E o "étagère" e o "buffet" estavam numa desordem e num acúmulo assustadores.

— Gent não pôde fazer nada para o jantar, disse Dora. Também com esta afobação de mudança.

a louça amontoadas, as roupas sobre as cadeiras, os quadros fora de lugar e um colchão aberto na copa.

— Falta um quadro da cela.

O desapontamento foi geral, menos de Zita que não mostrou nada. Dona Filhinha calou-se, mergulhou na sopa.

— Ora... fez Luci.

Dora não fez nada. Mas pensou e o rosto mostrou. Os rapazes fingiram indiferença. Mas fingiram bem demais para que fosse mesmo indiferença. Seu Clarindo não percebeu.

— Vocês não acham? Uma cela grande, bonita. Que diabo, afinal somos uma família católica.

Ninguém falou nada. Todos comiam.

— Eu estava pensando... continuou o dono da casa. Alguns voltaram-se para ele. — Eu estava pensando que precisamos comprar uma cela...

— Mas, papai, tanta despesa... falou Nélio.

— Qual, meu filho, bem que vale a pena. Que é que vocês acham?

Dona Filhinha:

— Penso que mais tarde...



ao redor. Uma banquetta alta, estofada, redonda. Um armário de vidro bordado. Um espelho. E umas cadeiras austriacas, tremendamente zombadas por todos da casa. Podiam zombar, podiam. Tudo ficaria ali. Não era contra as coisas modernas (seu Clarindo sempre disse e diz não ser contra isto ou contra aquilo. Mas, para os outros. Para si mesmo é contra dezenas de coisas. Ainda usa ceroulas, grossa corrente no relógio, e até algumas botinas de elástico, quando as compra longe do olhar terrível dos filhos ou das filhas).

Levanta a cabeça um pouco na cadeira que ainda está balançando. Lança um olhar de amor pelo seu escritório. Imagina como vai dispor os móveis. Ali, no canto, o vasto armário, com alguns livros que talvez possam vir a conhecer, se no decorrer desta história seu Clarindo abri-los. A mesa mestra com São Geraldo em cima, era uma promessa. E no canto, quebrando a esquina, o retrato de seu avô, o seu velho querido e modelar avô. E onde estava ele? A cadeira parou de súbito, como uma resposta à muda inquietação que os olhos de seu Clarindo revelavam e que se manifestava também numa pressão mais forte das partes posteriores sobre a palhinha encardida. Vagueou o olhar. Felizmente estava ali, ele mesmo o tinha colocado. Era noite já, e o cômodo estava escuro (as lâm-

Tomaram a sopa Nélio estava mal humorado, soprava violentamente os fios de macarrão, enquanto Alfredo absolutamente distraído não via nada, não ouvia nada. Apenas Zita, cerimoniosa, como se não estivesse ali havia vinte anos, olhava para todos, estudava todos com o rabo do olho.

— Sempre estamos em nossa casa... disse D. Filhinha, para tentar quebrar o silêncio meio incômodo.

— E? — fez Luci.

— Creio que não falta nada, não é, gente? — falou, tímido seu Clarindo.

— Não falta? pulou Dora. E já ia a enumerar as coisas que faltavam, quando um olhar comovido de dona Filhinha a impediu e Dora a atendeu, coisa aliás rara.

Seu Clarindo olhou, estranhou. A colher estava a meio caminho entre o prato e a boca. Parou.

— Tem razão. Falta mesmo.

Todos olharam. E ante aquele silêncio, o próprio Alfredo acordou. Virou-se.

— Hein?

— Eu estava dizendo que faltava uma coisa.

Todos esperavam de sua boca. E seu Clarindo circunvagou o olhar. Viu o assoalho arranhado, os móveis sujos,

— Não, há de ser agora (a voz de seu Clarindo alterou-se um nada, mas o bastante para dona Filhinha perceber que a cela viria).

— Então, velho, compre uma coisa de gosto, dignou-se Alfredo.

— Sugere alguma coisa?

A pergunta fora para o rapaz, mas Luci a cortou no meio:

— Uma cela litúrgica!

Zita teve de rezar baixinho uma jaculatória para apagar a falta cometida com o palavrão que pensara ao ouvir aquela palavra "litúrgica". Não resistiu e observou:

— Nada de modernices. Uma cela bonita, como uma que eu vi na casa dos dez mil réis, com um Nosso Senhor lindo. O único defeito é que o Judas é muito bonito também.

Já tinham vindo os outros pratos do jantar. Cortando um pedaço de bife sofrível, seu Clarindo falou para os rapazes:

— Mas vocês não querem dar uma opinião?

Alfredo encerrou o assunto de sua parte:

— Para mim tanto faz.

(Continua na pág. 57)





Na página à esquerda: Esta mulher está chorando no mercado de Berlim... Chorando em razão de sua própria imprevidência, porque perdeu os seus coupons de racionamento e, agora, não poderá comprar o que desejava no mercado. Os alemães comemam muito bem quando estavam vencendo a guerra. Mas agora tocou-lhes a vez de sofrer privações... Ao lado: Para comprar os magros arenques, não é preciso apenas dinheiro, mas igualmente coupons. A miséria germânica é negra, mas a Alemanha ainda não está curada... O veneno de Hitler ainda está corrompendo muitas almas. Embora tenha sido ele o responsável por todas estas desgraças...

A ALEMANHA AINDA É UM PERIGO!

GOERING está morto e com ele desapareceram os principais líderes da Alemanha nacional-socialista.

Mas, com isso, estará realmente resolvido o problema alemão?

A verdade é que o problema permanece inteiro, tão complicado, tão impenetrável, tão cheio de dificuldades de toda sorte, que nenhuma conferência internacional ousou até agora enfrentá-lo.

Alguns esperam que o problema se resolva por si mesmo; outros pensam ingenuamente que a Alemanha, uma vez por todas, foi riscada do mapa do mundo — por mil anos no mínimo, como, sem dúvida, teria dito Hitler, e outros, enfim, e não poucos, julgam preferível abordar o problema com subterfúgios, tratar do acessório antes do principal, determinar a sorte dos escravos antes da sorte dos senhores, ocupar-se dos satélites antes da Alemanha.

Mas, a sombra desta, cada vez mais clara, projeta-se sobre o teatro internacional que arma o seu palco seja em Nova York, seja em Londres, em Paris ou algures.

Querer organizar a paz do mundo sem ter em conta os alemães, é, como dizem os nossos amigos do outro lado da Mancha, pretender representar Hamlet sem o príncipe da Dinamarca ou imaginar o Avarento sem Harpagão.

OITO MILHÕES DE ALEMÃES A MAIS DO QUE QUANDO HITLER TOMOU CONTA DO PODER...

NUMA NAÇÃO:

- 1º — que não pode alimentar senão 57% da sua população;
- 2º — cujo potencial industrial mantém-se superior ao de 1939;
- 3º — que está persuadida de que não lhe cabe culpa pela guerra.

Texto de **JACQUES GASQUEL**

Especial para REVISTA DA SEMANA ★ Copyright da FRANCE PRESSE

Fotos da KEYSTONE, de Londres

SEMPRE AS MESMAS CAUSAS DA AGRESSÃO

A Alemanha encontra-se hoje derrotada. Sózinha, no momento, ela nada pode fazer, mas, amanhã, o problema alemão ressurirá. E o amanhã está hoje

em embrião. Para resolver esse problema, isto é, para impedir para o futuro que a Alemanha venha a constituir novo perigo e que lhe seja, por outro lado, dado um lugar na nova organização do mundo, é necessário, antes de mais nada, saber qual é, no momento, e qual vai ser

ESTA REPORTAGEM, EM QUE SE CONJUGAM UM TEXTO ADQUIRIDO PELA "REVISTA DA SEMANA" A FRANCE-PRESSE E UM SERVIÇO FOTOGRAFICO ESPECIAL ADQUIRIDO A KEYSTONE PRESS AGENCY, CUJO REPORTER FOTOGRAFICO FRED RAMAGE ACABA DE VISITAR DEMORADAMENTE A ALEMANHA, CHEGOU-NOS AS MÃOS EXATAMENTE NUM MOMENTO EM QUE A IMPRENSA DIÁRIA REGISTRAVA AS SENSACIONAIS NOTÍCIAS SOBRE UMA PROJETADA REARTICULAÇÃO DO NAZISMO, ATRAVÉS DE UMA CONSPIRAÇÃO DE ALTAS PERSONALIDADES MILITARES ALEMÃS. PRETENDIAM ESTAS ESTABELECEER UM NOVO GOVERNO NAZISTA E VALER-SE DE ARMAS SECRETAS, PARA SE CONSOLIDAR NO PODER. CERTAMENTE ESSAS PERSONALIDADES ESTIMAVAM QUE AS DIVERGENCIAS ENTRE AS NAÇÕES QUE SE ALIARAM PARA DERROTAR A ALEMANHA SE APROFUNDASSEM CADA VEZ MAIS, AFIM DE QUE ELAS EXPLORASSEM ESSAS DISSENSÕES EM SEU PROVEITO PRÓPRIO. DE QUALQUER SORTE, A EXISTÊNCIA PURA E SIMPLES DESSA CONSPIRAÇÃO PROVA QUE A ALEMANHA, NA VERDADE, AINDA NÃO CESSOU DE SER UM PERIGO...

amanhã o seu potencial de agressão.

Antes de tudo, em que consiste esse potencial de agressão?

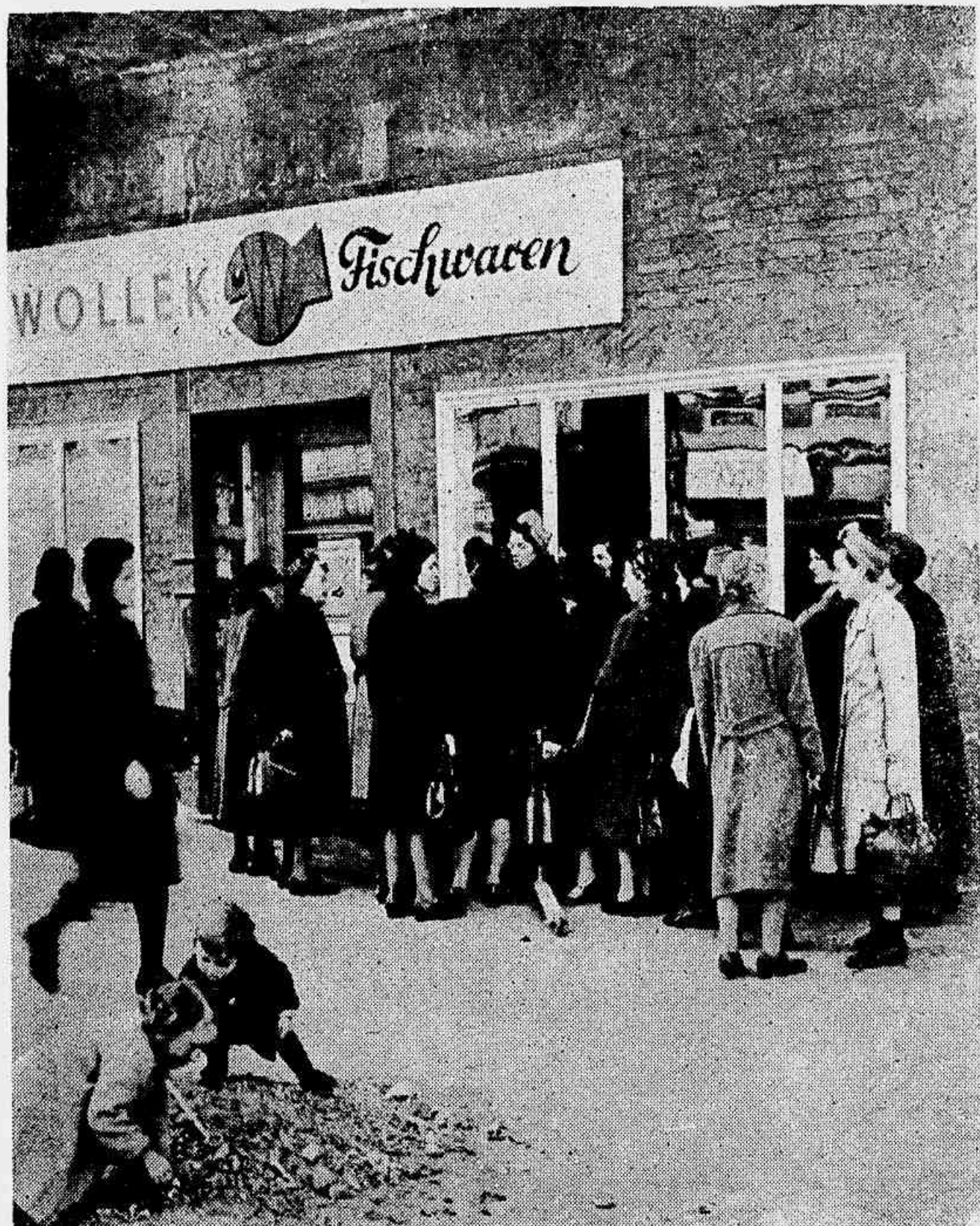
Todo mundo está de acordo a esse respeito e conhece as três razões fundamentais que lançaram por três vezes consecutivas a Alemanha contra os seus vizinhos em menos de três quartos de século e que são: a importância da sua população em desacordo com as possibilidades alimentares do seu território, e excessiva capacidade de produção da sua indústria e, enfim e, principalmente, o estado de espírito dos alemães que, em consequência, sem dúvida, de um complexo de inferioridade, pretendem fazer-se passar por um povo de mestres, encarregado de organizar, depois de ter dominado, a Europa, em primeiro lugar, e depois o resto do mundo.

Em que consiste, atualmente, esse potencial de agressão?

O primeiro fator é o demográfico.

Desde o início da guerra, o número de crianças do sexo masculino na Alemanha aumentou de cerca de dois milhões e meio, e, por conseguinte as perdas decorrentes da guerra foram mais que compensadas. E depois da volta dos prisioneiros, o número de alemães, que se elevava a 67 milhões, quando Hitler ascendeu ao poder, atinge agora a cerca de 75 milhões.

(Continua na pág. 32)



Ao alto a esquerda: Fred Ramage fixou neste flagrante da Keystone para REVISTA DA SEMANA, uma mulher berlinense examinando uma ração de mortadela para uma semana. Esse é o sucedâneo da carne fresca, que não existe. A direita: Enquanto as mães estão na fila, as crianças brincam, vasculhando a areia, indiferentes à grande tragédia que as circundam... Nascidas sob o signo da vitória, estas crianças estão crescendo sob o signo da derrota, para um destino obscuro e dramático.. Obra de Hitler, de resto...



Ao alto a esquerda: É um grande dia, quando uma casa de comestíveis pode escrever na sua vitraça: "TEMOS ARENQUES PARA OS QUE CHEGAREM TARDE". Isso encoraja os que estão no fim da fila, com medo, um medo enorme, de que a comida acabe... A direita: Os padeiros mostram nas vitrines o pão que fabricam. As mulheres param e olham para o pão, fascinadas... Mas não podem comprar nada, porque já tiveram sua quota diária de duas onças de pão... Na página à direita: Discussão entre donas de casas no mercado de uma cidade alemã. Uma típica dona de casa recorda à outra os tempos em que podiam comer "filets" deste tamanho... Mas agora precisam empenhar os brincos para conseguir coupons de carne.





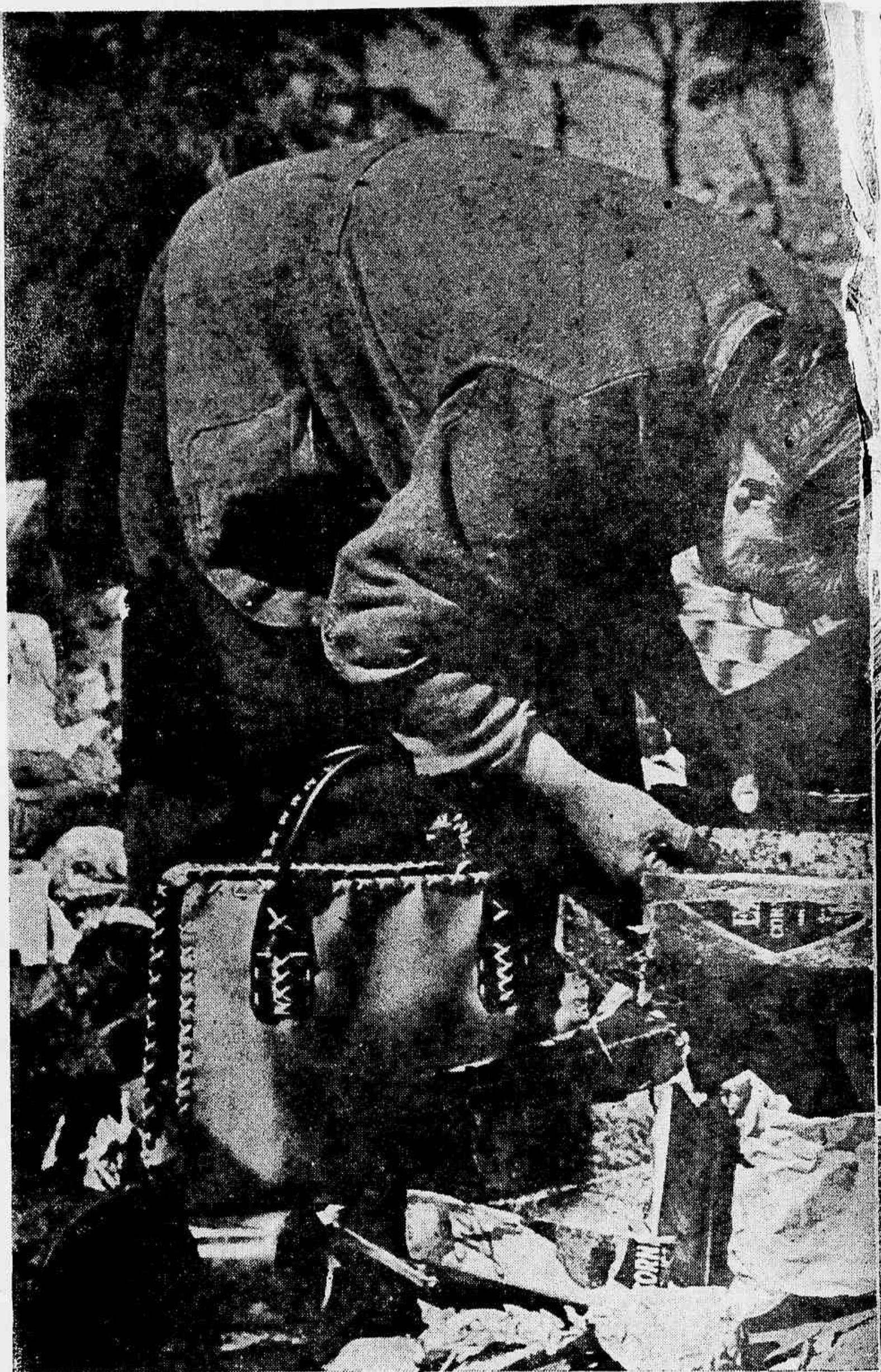
“CHEPEIROS” DE BERLIM O LIXO DOS NORT



Flagrantes fotográficos de Fred
Exclusividade REVISÃO DA

Em cima, da esquerda para a direita: Um
norte-americano despeja o seu lixo. Logo
mente dezenas de pessoas começam a ex-
curando descobrir achados... Quem sabe
lata de comida ainda por abrir... Estas
mais nada que fazer em Berlim... São os
peiros”, à procura de restos de comida...
osso de presunto, tudo isso é bem-vindo...
Berlim, esta mulher vasculha o lixo... A pro-
ser comidos... A pesquisa é recompensada
restos de “corned beef”... ativado

Em baixo, à esquerda: A comida para os
nada. Só têm direito à comida...
exemplo: cães de corridas, cães da pol-
etc. Os outros têm de ser alimentados com
dos seus donos. Este cão “dachshund”,
do que muitos, porque sua dona é prop-
tecidos perto do mercado e conhece o
nece... E aqui vai ele para casa com um
O lixo dos bivaques e estabelecimentos d-
ção aliada é vasculhada constantemente
à procura de restos... Também rapieões
para casa e aproveitados



EM BERLIM VASCULHAM NORTE-AMERICANOS

gráficos de Fred Ramage para Keystone.
e REVISTA DA SEMANA no Brasil.

Quando um carro de lixo do Exército
seja o seu ponto nos arredores de Berlim imediata-
mente começam a excavar esse lixo, ansiosamente, pro-
curando... Quem sabe? Pode vir no meio daquilo uma
coisa por abrir. Estas velhas e estas crianças não têm
em Berlim a não ser vasculhar no lixo... São "che-
res" e restos de alimentos, — um pedaço de batata, um
pedaço de frango... Não havendo nada nas lojas de
vasculha o lixo à procura de alguns restos que possam
ser a recompensa com o achado de uma lata com
"corned beef" atirada fora por americanos...

★
A comida para os cães de Berlim também está racio-
nalizada. Os cães úteis, os cães de "trabalho". Por
serem úteis, cães de polícia, cães-pastores, cães de circo,
são alimentados com as próprias e escassas rações
de "cão", chamado Mitzi, é mais afortunado
que sua dona, proprietária de uma grande fábrica de
carne e do açougueiro... Mitzi também o co-
le para casa com um embrulho de ossos... À esquerda:
e estabelecimentos das tropas e funcionários da ocupa-
ção constantemente por mulheres e crianças alemãs,
... Também papéis, revistas velhas, tudo é levado
para casa e aproveitado para algum fim...





Por outro lado, as populações dos países vizinhos, inimigos da Alemanha, encontram-se reduzidas de onze a quinze milhões de almas, em consequência, notadamente, de massacres nos campos de concentração.

Assim, tal como afirmou Sir William Beveridge, no "Observer", em abril deste ano, "se o fim da guerra é matar, a Alemanha não foi derrotada, mas ganhou a segunda guerra mundial".

Há, porém, ainda mais: a população alemã acrescida de quase 9% vai viver num território reduzido de cerca de um quarto do seu total.

O território alemão foi amputado das províncias do Este, essencialmente agrícolas, e os habitantes dessas províncias foram, na sua maioria, atirados para Oeste, além da linha Oder-Neisse. De sorte que, se o solo alemão, antes da guerra, podia bastar ao abastecimento de 83%, pouco mais ou menos, do povo da Alemanha, ele não pode abastecer atualmente mais que 57%, o que significa que cerca de 30 milhões de alemães passarão a depender economicamente do exterior e quererão viver, custe o que custar.

O fator demográfico vai, pois, mais que nunca, incitar os alemães à agressão.

POTENCIAL INDUSTRIAL SUPERIOR A 1939

Em que consiste o fator industrial?

O efeito dos bombardeios e das destruições revelou-se muito menos grave do que se supôs inicialmente.

O diretor das Usinas Krupp precisou, por exemplo, que no dia da vitória dos aliados, aquelas usinas trabalhavam a 60% de sua capacidade de produção e poderiam facilmente alcançar seu rendimento total dentro de poucos meses. A indústria das máquinas-ferramentas foi apenas atingida e possuía em 1945 um estoque de quatro milhões de toneladas dessas máquinas. De julho do ano passado em diante, todos os altos fornos, praticamente, estavam prontos para entrar em funcionamento.

Ainda aqui, há algo mais.

A despeito dos bombardeios, das requisições levadas a efeito pelos aliados e a despeito, ainda, das destruições verificadas depois da vitória, é provável que as possibilidades atuais de produção da Alemanha são ainda superiores às existentes em 1939.

Graças à racionalização e à concentração, como dizia Speer em um relatório que dirigiu a Hitler, em 1944, e sem as dificuldades devidas à guerra, foi possível, com um mesmo capi-

(Continua na pág. 52))

Um alemão solteiro... coça a cabeça, achando difícil poder se arranjar, com o racionamento, a falta de viveres e o câmbio negro, agora que voltou da frente russa, onde estivera prisioneiro... Estará curado este alemão? Ou será dos que pensam em armas secretas e sonham com a possibilidade de uma restauração nazista?



Ao alto : Uma fila de mulheres em Berlim, a faminta capital alemã hoje em escombros... Ao fim desta fila, cada uma delas receberá um arenque. Em baixo : Os Estados Unidos correm em socorro da faminta cidade de Berlim. Aqui estão sendo descarregados sacos de farinha de trigo de Kansas que vão ser transformados em pão racionado, para alimento dos alemães que queriam dominar o mundo e destruir a democracia americana... Cada padeiro tem apenas determinado número de sacos, o bastante para satisfazer aos seus fregueses fixos dentro da quota de racionamento.



Hebriana de

O bonde amarelo, enorme e preguiçoso, rola rua após rua, num barulhão. Risoleta, espremida num banco da frente, bloqueada de passageiros, rememora um sonho esquecido que tivera à noite passada. Sonhara que era noiva. Também vive pensando tanto em arranjar um namorado, ser noiva depois e vir a casar-se... E' por isso que às vezes tem sonhos assim...

Olha as horas num relógio que um português gordo e suarento, ao seu lado, traz no pulso: 7,50. Tem apenas dez minutos para chegar à loja e o bonde é lerdo e o patrão mal educado e sem complacência para os que chegam atrasados. Seus companheiros de viagem são também mal educados, pois se aproveitam do aperto para se encostar cada vez mais, ao seu corpo cáldo de moça bonita.

Todos os dias aquela penitência. Do subúrbio distante e pacato à cidade fervilhante e agitada. Do aconchego do seu lar modesto ao borborinho daquele grande magazine. Das palavras ternas de sua mãe às frases exigentes das freguesas elegantes que nunca sabem o que querem. Dos gestos simples e graciosos de sua Rutinha à mímica autoritária das velhucas empoadas. Quão diferente era agora a sua vida cotidiana. Antes do papai morrer, era a Escola Normal todas as manhãs e com ela as horas despreocupadas, a garrulice das coleguinhas, os segredinhos picantes cochichados nos intervalos das aulas e os sobressaltos ante as lições mal preparadas. Fora muito rápida, muito brusca a transição. Por isso se sente ainda meio desambientada naquele turbilhão da vida prática, onde as colegas de trabalho não bem diferentes das do colégio e sorriem de esguelha quando a observam atrapalhada durante o mais intenso do expediente.

Risoleta é cândida. Tem a alma aljoforada das ilusões da meninice. Mas enfrenta a realidade inflexível com que tem de lutar, porque dona Rosinha não goza saúde e há ainda uma irmã menor, a Ruth, a quem dedica todo o seu afeto. Trabalha para elas. E o sacrifício lhe parece mais ameno. Até que venham melhores dias. Os dias que ela pressente não de vir, na quietude da alcova, antes de

dormir, quando solta o pensamento pelos caminhos de sua imaginação fértil, enquanto Rutinha ressona de leve, na cama ao lado, na inocência dos seus quatro anos...

Oito horas em ponto quando transpõe o humbral da "Libaneza", sob o olhar, lá do fundo do escritório, de "seu" Jacob, a quem manda um "bom-dia" pronunciado às pressas.

Ei-la logo após por trás do balcão de vidro, rodeada de perfumes caros, jóias e bolsas multicoloridas e toda essa legião de artigos com que a mulher realça os encantos, disfarça os defeitos e se paramenta para reverenciar a grande soberana: a Moda.

Reconhece que tem inveja de Marina, a loura da secção de miudezas. Ela é desembaraçada, ativa e tem sempre um ar que agrada. E à saída há o namorado que a espera paciente e carinhosamente. Admira Dirce, a "fausse-maigre" das perfumarias. Loquaz. Tagarela o dia inteiro com as freguesas e se veste com elegância. Também encontra-se à tarde com o namorado, um rapagão vistoso. Lá adiante na "lingerie" Haydée, a balzaqueana, tem uma fisionomia diferente do comum das solteironas. Atribuem-lhe amantes. Murmuram a seu respeito. Ao seu lado, Doralice, pálida, olhos azuis, as tranças compridas, parece alheia ao exterior. Vive o seu mundo. E se distrai arrumando as caixas, espanando-as com carinho infantil... As outras ficam mais longe. Fora do seu campo de observação. Quer lhe parecer que só ela vai sózinha para casa. Todas tem quem as espere. Ela siquer teve um namorado. Nem no tempo de colégio. Levava bilhetes dos namorados das outras. Apesar disso deseja muito encontrar quem lhe desperte o amor, até então desconhecido para si. Idealisa-o, porém, através um prisma diferente. Sem futilidades e sem arroubos inconvenientes. Quer amar, precisa amar. Mas quer um namoro sério, uma coisa de futuro, a quem possa se dedicar com todas as reservas intactas e poderosas do seu coração jovem. Ai, é tão difícil, nos dias que correm, para uma moça pobre construir um lar... E ela deseja tanto um amparo. Se sente tão sem forças para sustentar a rudeza da luta

pela vida. Fora tão surpreendente a transformação...

Aumentava a cada instante o movimento na loja. Aquele senhor bem vestido, de aparência distinta encaminhou-se diretamente a ela, num sorriso confiante e foi dizendo:

— Senhorita, preciso do seu auxílio. Minha noiva faz anos daqui a uma semana e quero dar-lhe um presente bem bonito, que lhe dê muita alegria. Compreendeu? A senhorita é moça e sabe melhor do que eu o que pode despertar melhores emoções numa ocasião dessas. Ajude-me a escolher algo sugestivo, nesta imensa variedade. E estendeu a mão abrangendo todo o salão.

Noiva! O vocábulo trouxe uma sensação maravilhosa à Risoleta. Aquele cavalheiro se expressava tão bem. E parecia gostar tanto "dela". Reparara no tom apaixonado de suas palavras. Noiva! Francamente que "a" invejava. Aniversário. Um presente rico e bonito. Flores. A casa cheia de amiguinhas. Batiam à porta e entregavam um embrulho. Nervosismo. D. Ritinha espia sorridente. As amigas rodeiam, curiosas. Desata a fita com cuidado. Oh! maravilha. Um magnífico relógio de pulso, em irisação de ouro e bilhantes, ofusca-lhe a vista. Abraços. Exclamações admirativas. À noite ele viria, gentil, e quando ficassem a sós, na varanda, oferecer-lhe-ia os lábios para um beijo de agradecimento, de gratidão...

— Senhorita, é possível atender-me? Ou é muito difícil o que lhe pedi? Ficou tão abstrata?!

— Oh! não. Absolutamente. Mas... é que, não sei... talvez não lhe agrade a minha escolha.

— Não pense nisso. Vamos, sugira um presente. Se fosse a senhorita a noiva, que gostaria de ganhar?

Risoleta sorri encabulada e feliz da comparação. E na subjetividade de sua criação aponta para um estojo de veludo negro onde fulgura um minúsculo relógio-pulseira, num infinito de cintilações e reverberos.

— Muito bem lembrado. Deixe-me vê-lo.

Risoleta toma a jóia com carinho. E como se fosse sua. Nunca notara com interesse os artigos que vendia. Era como obrigação. Fazia-o com automatismo. Com o relógio, entretan-

to, não acontecia assim. Pegou-o quase com unção.

O homem mirou-o em todos os seus ângulos. Disse que Lúcia haveria de gostar muito. E mandou que se fizesse um embrulho bem caprichado, em papel de seda rosa.

Após pagar na Caixa o valor da compra, voltou ao lugar de Risoleta, que permanecia num desvanecimento:

— Senhorita, não sabe quanto lhe agradeço pela sugestão. Não fora isso e iria perder um tempo enorme a escolher o presente. A gente quando vai ficando velho perde a inspiração para certas coisas... E, a propósito, como é mesmo o seu nome? Ah! Risoleta, um bonito nome. Falarei com a Lúcia a seu respeito. E tirando do bolso um cartão:

— Permita-me que deixe meu endereço. Um amiguinho às ordens.

Despediu-se com cortezia deixando no coração de Risoleta uma espécie de inveja surda da noiva desconhecida e uma saudade grande da jóia que fora sua por alguns instantes.

E ela que nunca poderia comprar um objeto daqueles... Ainda se tivesse um noivo assim tão carinhoso. Como deveria ser feliz a tal Lúcia.

Risoleta foi para casa impressionada com o acontecimento do dia.

★

Fazia precisamente um mês que vendera o relógio ao cavalheiro. A loja está repleta de fregueses apressados que falam a um só tempo, porque é véspera de feriado e todos querem fa-

(Continua na pág. 52)



novela



IGNACIO AUGUSTO CESAR RAPOSO

NO exercício de várias funções na Casa Imperial, de plena posse deu após a Maioridade, D. Pedro II contou gente bastante. Morando ou não na Casa Imperial, dele estiveram a serviço Porto Alegre, pintor; Francisco Manoel, músico; Soulier de Sauve, matemático; Riedel, botânico; Glaziov, delineador e conservador de parques; Guimarães Passos, poeta, arquivador de papéis da Mordomia da Casa Imperial que, simples Quinta da Boa Vista, dera teto a D. João VI.

As pessoas ou cousas merecedoras de especial apreço costumava aplicar-se a expressão "menina dos olhos", lembrando nettes a pupila.

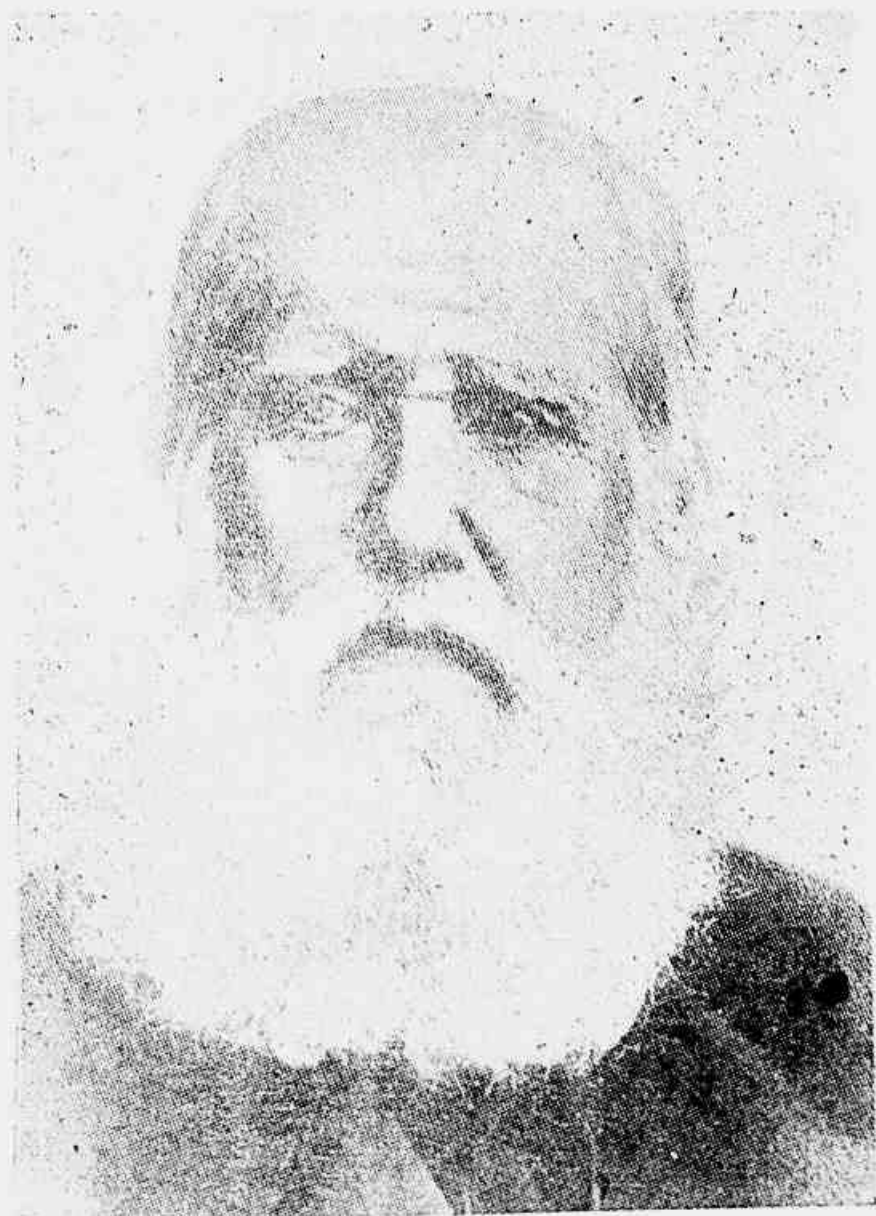
Para a imperatriz D. Leopoldina a biblioteca da Casa Imperial foi menina dos olhos. Formou a Habsburgo sala especial de livros, ecleticamente escolhidos, nos paços de São Cristóvão.

De D. Pedro II foi também menina dos olhos a biblioteca herdada da mãe, na sala dos livros que ela arranjara passando o filho a mór parte e as melhores horas disponíveis de fatigante vida de soberano.

A princípio por Schuch, os catalogadores da biblioteca imperial de estar atentos à cópia de livros entrados de continuo na exigência da catalogação imediata. Biblioteca de vulto sem catálogo, exército em desordem.

Para ativar catalogação e conservação, a biblioteca de São Cristóvão contava com a presença incessante do dono da Livropolis, visitada dia e noite, por quem ia buscar leitura ou satisfazer consulta, uma e outra indispensável.

D. Pedro II, protetor dos artistas e escritores, de quem Ignacio Augusto Cesar Raposo foi bibliotecário. Por uma troca de clichês em nossas oficinas, o que lamentamos, saiu em nosso número passado o retrato do nosso último imperador no lugar do retrato do senador José da Silva Mafra, lembrado pelo nosso colaborador Escragnolle Doria em seu artigo "A Conquista da Guiana". Aqui fica a necessária retificação, com as nossas desculpas aos leitores.



veis a chefe de Estado digno de o ser. Como guiar um povo sem se orientar?

Da biblioteca de São Cristóvão tomou conta durante trinta anos o conselheiro Couto e Mello, lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Na última década do Império deram-lhe por ajudante Ignacio Augusto Cesar Raposo, de fato o verdadeiro bibliotecário quando o peso dos anos e seus achaques afastaram Couto e Mello de presença diária e maior atividade na biblioteca. Couto e Mello falecendo dias depois da proclamação da República.

Ao entregar as chaves da biblioteca a Raposo, nem por sombra calculou a que extremo de zelo e dedicação o depósito levaria o depositário.

Nos dias claros da prosperidade as pretensas dedicações de tantos em nada se paracem com as verdadeiras dedicações de amigos nos dias escuros da desventura.

Raposo prová-lo-ia à sociedade na mostra de um grande caráter.

Sobretudo desde 1887 foi Ignacio Augusto Cesar Raposo cuidando da biblioteca imperial, cada dia mais conhecido a fundo nos seus milhares de volumes, de opúsculos, de brochuras, sem esquecer latas de manuscritos. Tudo contribuiria precioso auxílio à recapitulação da História do Brasil representada na Exposição de 1881 na Biblioteca Nacional, então a dirigiu Ramiz Galvão com a colaboração de esclarecidos ou prestimosos funcionários.

Na biblioteca do imperador cabia a Raposo olhar por numerosas latas com destino especial, o de recolher as meias folhas de papel nas quais grudados retalhos de jornais. Vinham estes de todo o Brasil e deles eram recortados os artigos tão significativamente intitulados "Para Sua Magestade o Imperador lêr".

Grandes ou pequenos aqueles artigos faziam chegar às vistas do chefe do Estado, queixas, reclamações de várias ordens em grau de apelação ante o primeiro magistrado do país.

Depois de 1889, recolhidos ao Arquivo Nacional, as latas contendo quanto os reclamantes ou injustiçados tinham exposto ao monarca, atestam que os cidadãos brasileiros tinham o cidadão coroado por instância privativa de justiça.

Raposo votou-se ao serviço da biblioteca de São Cristóvão. Habitava no paço, mantendo porém aposento no Campo da Aclamação para utilidade sua quando vinha ou se demorava no mais central da cidade.

O paço de São Cristóvão não era lugar para receber parentes e amigos que frequentavam a amizade de Raposo. Na sua meia habitação do Campo, a outra em São Cristóvão, Raposo partilhava casa com seu primo muito amigo José Jardim, então major, futuro general de brigada na República.

Assistiam Raposo com sua estirpe outros parentes, assim o coronel, depois marechal Jerônimo Jardim, e o coronel Eugênio Jardim, ambos de assinalados serviços civis e militares. O primeiro seria ministro da Viação na República, o segundo, uma vez reformado, foi senador por Goiaz na República e foi prestigioso chefe político em Goiaz, dele terra natal.

Dos amigos de Raposo seja destacado Ernesto Mattoso. Em livro seu "Cousas do Meu Tempo" saudosamente lembraria Raposo lamentando-lhe o desaparecimento.

O ano de 1889 foi para o palácio de São Cristóvão um ano de tripeza e confusão. Exilado D. Pedro II, até ferido de banimento ao recusar na pobreza doação de cinco mil contos, o palácio de São Cristóvão conheceu obras de adaptação para a instalação de Congresso Constituinte republicano.

Começou então, para a honradez de Raposo, uma "via crucis", e ele a redobrar presença e cuidado na biblioteca imperial no resguardo de suas preciosidades bibliográficas cobijadas por seu valor monetário.

Defensor de livros, manuscritos e impressos, o bibliotecário se não poupou, por assim dizer morando na biblioteca que conheceu tão prezada pelo dono, na ausência do qual Raposo travou o desigual combate de um contra alguns na preservação de patrimônio intelectual sobre alheio e no fim de contar nacional.

Combate de ordem daquele é sempre de esforço ingente e o empregou Raposo, dizendo dele a parentes e amigos mais chegados, dessem que merecem confidências. Não iria entregá-las a amigos de rua e calçada que todos têm e suportam bem os avaliando.

Não era Raposo méro guardador de livros. Colecionava quadros e objetos de arte a ornarem o seu aposento na casa do Campo da Aclamação no qual findara o Primeiro Reinado e principiava o Segundo.

Na conservação intacta da biblioteca imperial e do museu a ela anexo, Raposo lutou, lutou sem cessar até reconhecer impropias todas as tentativas de preservação do ambicionado por inescrupulosos.

Dirigiu-se Raposo, por carta, a José Jardim, abrindo mistiva com esta pungente declaração: "Estou cansado da vida, tantas lhez são as infâmias".

Em seguida pedia Raposo ao amigo-parente que "escolhesse nos quadros e livros de sua propriedade os que quisesse", como devia também fazê-lo Eugênio Jardim, amigo de sempre.

Desse o destinatário da carta a Henrique Miranda Rego, amigo dileto, os livros, quadros e objetos de arte à sua escolha.

A sua mãe entregava Raposo, antes de todos, os quadros por ele próprio desenhados.

Na carta punha o mistivista e bem claro "que no seu quarto em São Cristóvão todos os livros encontrados sobre uma cadeira, conhecida de Eugênio Jardim, eram do imperador".

Nada que pudesse dar sombra à sua probidade deixou Raposo de esclarecer firmando a exatidão do cumprimento de seus deveres às raízes do sacrifício.

Proclamada a República, não de viam faltar a seus organizadores providências a tomar, casos a atender. Por que então tanta pressa em apoderar-se da biblioteca do imperador? Qual a razão de resguardá-la Raposo e com tão intransigente ardor? A razão disse ele a amigo e parente.

"Não entrego, nem entregarei nunca por minhas mãos as chaves da Biblioteca e Museu que me foram confiadas pelo eximperador".

Para roborar afirmação categórica acrescentou Raposo: "Deixo as chaves da biblioteca em cima de uma mesa no meu quarto em São Cristóvão: tirem, roubem, arrombem, façam em fim o que quiserem. Fiquem ricos, eu não tenho filhos e estes pagarão pelos pais — anematisou Ignacio Augusto Cesar Raposo, cheio de indignação, na véspera de seu último protesto tendo ido jantar com um amigo, em verdadeira e pensada despedida".

A 12 de maio de 1890, uma locomotiva passou pela estação de São Cristóvão, arrastando trem de passageiros. Segundos depois deixava de existir um homem de bem "cansado da vida e de suas infâmias". Empenachada de fumaça, a locomotiva do trem de subúrbio já ia longe.

ESCRAGNOLLE DORIA



Merle Oberon, a famosa artista inglesa, está filmando uma nova película, "Tentação", na qual faz o papel de uma elegante do século passado. Este vestido de rendas é uma das suas "toilettes" nessa película. Voltarão as rendas a ter o antigo prestígio?

É TRISTE, MAS É VERDADE. São as próprias mulheres que destroem o bom conceito em que se possa ter o sexo feminino. Por inveja, pura inveja, são as primeiras a atacar as outras mulheres. Se acontece então que a outra seja mais bela ou mais rica, logo inventam uma série de defeitos e, não é nada raro, também criam para ela alguns casos amorosos bastante complicados, onde sempre ela aparece como a "única culpada".

Não pensam que agindo assim autorizam a que se fale delas próprias. É chocante mesmo, vemos com que facilidade umas atiram as outras na fogueira, fazendo até com que os homens passem por uns "anjinhos", verdadeiras vítimas da crueldade feminina.

Não seria muito melhor que nos unissemos para nos defender? Não seria muito melhor que fôssemos menos invejosas e mais honestas? Que procurássemos reconhecer nas outras mulheres o valor que possam ter e enaltecê-lo? Se nós mesmas não nos encarregamos da nossa defesa, quem o fará? Os homens? Estes raramente nos defendem; uns porque não foram correspondidos nas suas pretensões, outros por despeito, outros porque se tenham desiludido e outros ainda por simples vício.

Só podemos contar com a nossa própria defesa. Esta está ao nosso alcance se quisermos ser um pouco menos mesquinhas e um pouco mais inteligentes. Já notaram com que

satisfação chamamos a atenção do homem para o defeito da vizinha? Se tem o rosto bonito, o corpo é feio; se as pernas são bem feitas, o nariz é grande; se os dentes são bons, a cintura é muito grossa, e assim sucessivamente.

E pensam vocês que os homens apreciam tais comentários? Pois estão muito enganadas. Eles poderão dar razão a vocês, mas no íntimo as tomarão por despeitadas.

Vamos pois fazer a nossa "frente única"; vamos ter um pouco mais de boa vontade, vamos deixar de ser tão exigentes quanto à perfeição das outras; vamos olhar sem inveja os bonitos vestidos e as jóias das nossas amigas, e vamos deixar de não perder a "chance" de "malha-las" na presença do sexo oposto.

Experimentemos, e "eles" ficarão surpreendidos e confusos no início, mas depois nos acharão "um amor de pequena".

K I T T Y

NOS BASTIDORES FEMININOS



PARA MEIA-ESTAÇÃO

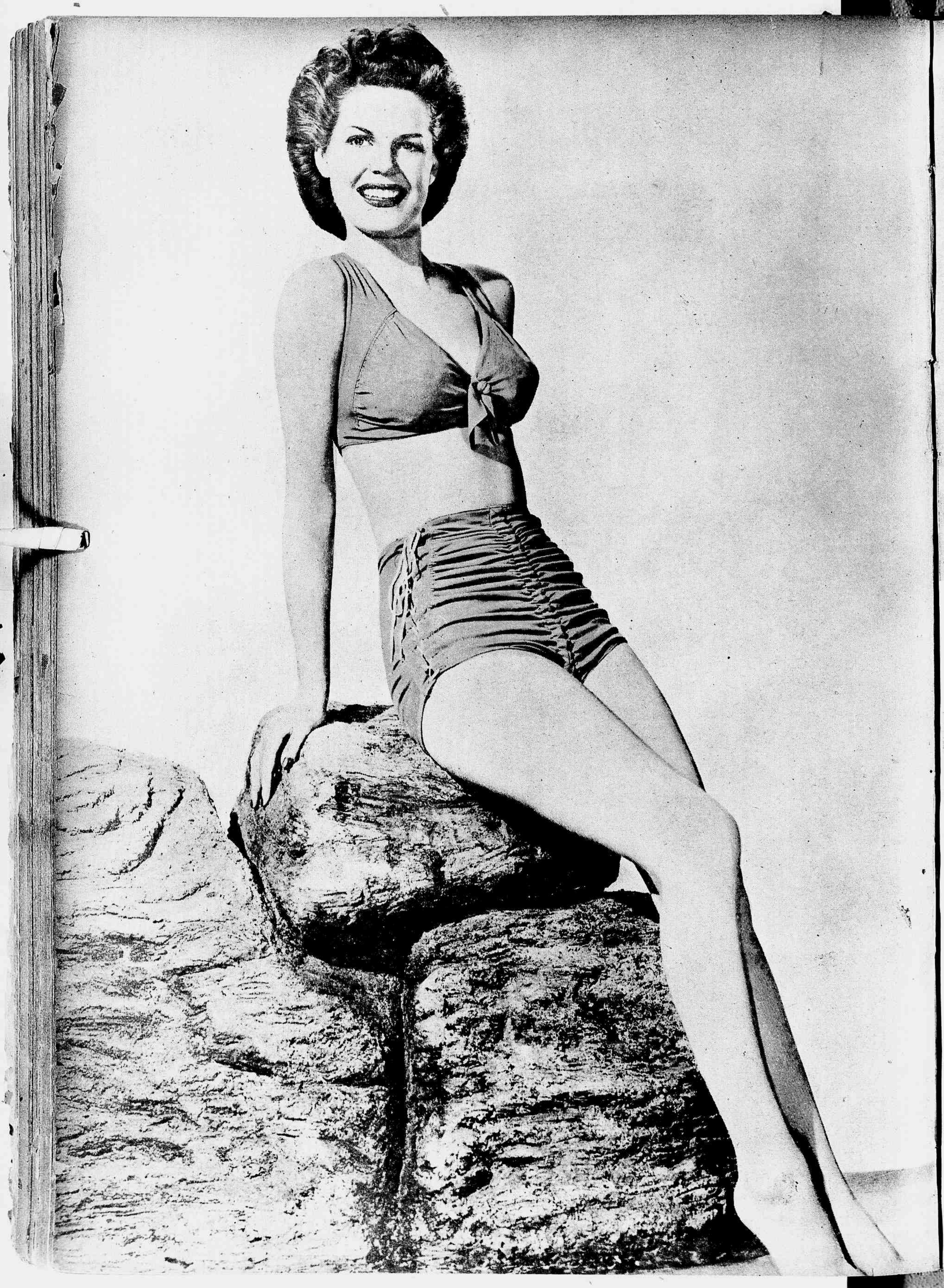


CATHARINE MC LEOD, jovem "estrela" da Republic, apresenta hoje às nossas leitoras quatro elegantes modelos para meia-estação. Da esquerda para a direita temos: Vestido de seda preta com decote quadrado e gola enviezada. Da cintura cai, sobre a saia, só na frente, um babado "godet" com franzidos do lado esquerdo, alongando do lado direito. Em seda azul marinho é executado este vestido, com interessante decote. Mangas



"raglan", saia com pregas soltas. Gracioso modelo de seda azul, decote redondo com gola dupla. Mangas folas, presas nos cotovelos. Saia "godet" com grupos de pregas soltas. Para sair à tarde, modelo de seda listrada preto e branco. A blusa tem um transpasse na frente que também cai sobre a saia formando drapê. Pala com listras horizontais arrebatando na frente com laço.



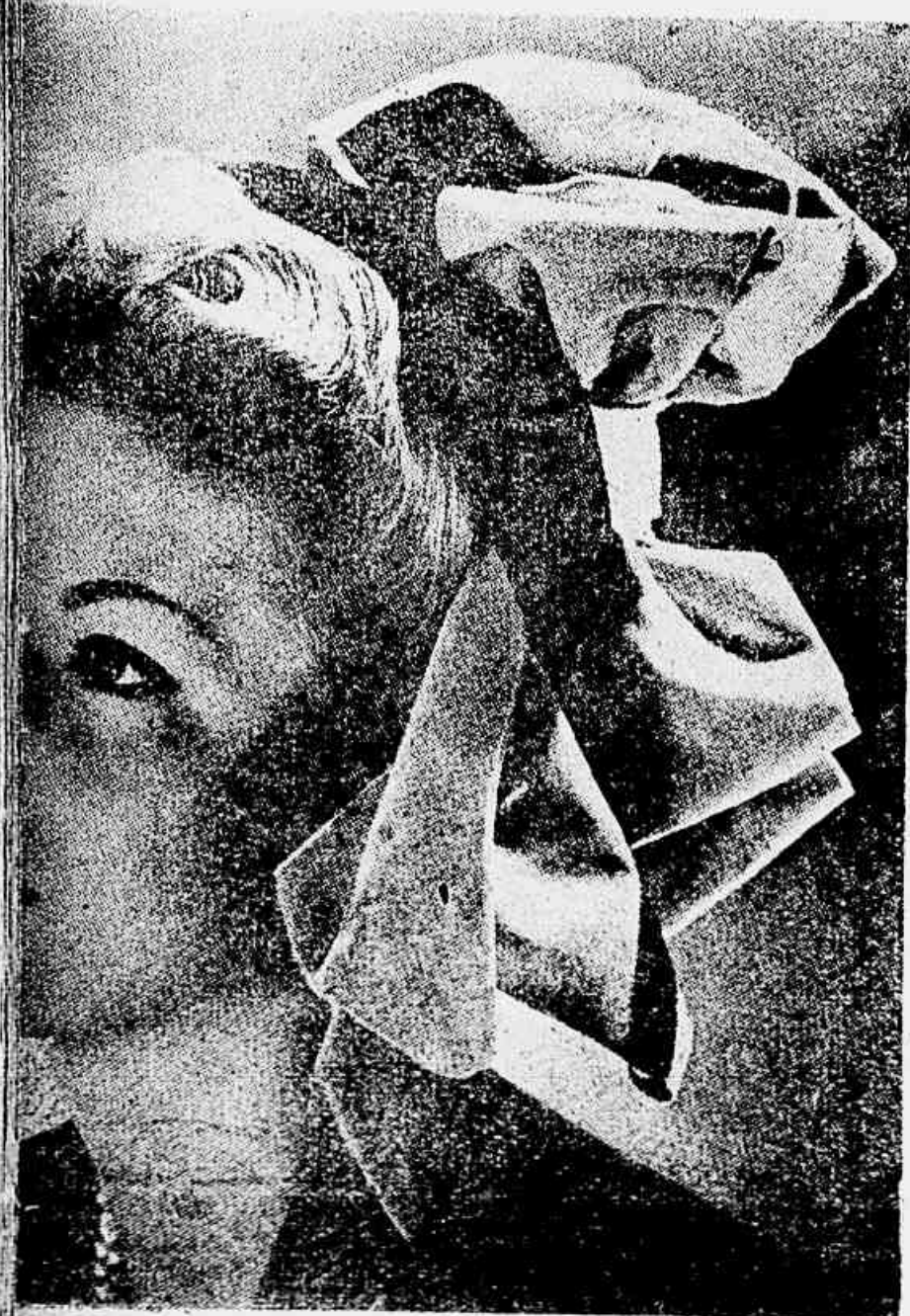




AINDA OS "MAILLOTS"

ESTAS belezas de Hollywood, exibem para vocês, as últimas criações em matéria de "maillot". Na página à esquerda: "Duas-peças" de jersey com franzidos no calção que é "atacado" dos lados. Usa-o Ruth Terry, da Republic. Ao alto: Uma "bom-binha atômica". E' Carol Foreman em quem a RKO deposita grandes esperanças (e não é para menos...), com um "duas-peças" de jersey branco com "soutien" moderníssimo, sem alças. Em baixo: Jane Frazee, da Republic, num "duas-peças" de linho verde enfeitado com renda branca. A direita: Sobre o "maillot". Jane Frazee usa este conjunto composto de bolero estampado, inspirado em motivos mexicanos, e "short" de linho azul marinho.





CHAPÉUS PARISIENSES

As nossas leitoras encontrarão nestas páginas verdadeiras "tentações" em matéria de chapéus. Vêm de Paris especialmente para a elegância da mulher brasileira. Vemos ao alto: De Claude Saint-Cyr, "turbant" em tecido estampado. Enfeite de pena. A esquerda, de cima para baixo: "Turbant" de veludo azul com véu preto e "aigrettes". Sugestão de Camille Andrée. Lindíssimo este "toque" de penas com laços de veludo. Criação de Marie Aubert. Veludo negro com laços de veludo verde. Criação de Rose Valois. Na página à direita, Maud e Nano apresentam este gracioso modelo de lebre cinza com véu preto e pena multicôr.







JÓIAS

AS jóias, indiscutivelmente, são complementos que dão maior realce à elegância e beleza femininas. Hoje então, que existem fantasias que imitam extraordinariamente as verdadeiras jóias, não se admite uma "toilette" chic sem um broche, um "clips", um colar, etc.

Nestas páginas, figuras de Hollywood apresentam encantadoras sugestões, as mais originais e modernas criações em joalheria. vemos na página à esquerda: Lindíssimo "pendantiff" de ametistas e platina com pedras de diversos tamanhos, que Bárbara Britton, da Colúmbia, usa para a noite. Nesta página ao alto, à direita: Peggy Stewart, da Republic, usa, com um vestido preto, dois broches muito originais, presos com três correntes douradas. A pedra usada é topázio. À esquerda: Stephanie Bachelor, com colar e brincos dourados, com pedras formando flores. Em baixo: Clips de ouro, de interessante formato de borboletas. Podem ser usados como broches. Uma outra sugestão de Stephanie Bachelor





MODELOS FRANCESES PARA A NOITE

Apresentamos nestas páginas às nossas leitoras, quatro modernas criações de famosos figurinistas franceses, para recepções, banquete, óperas, etc.
São criações de Jacques Fath, Jacques Costat, Marcelle



Dormoy e Marcelle Alix, temos, da esquerda para a direita: Criação de Jacques Fath em "faille" preto, enfeitada com renda. Corpo longo e ajustado. Grande babado

partindo sob o joelho. E' de Jacques Costat este modelo de seda branca com grande capa de tecido listrado. Muito "chic" este modelo de Marcelle Dormoy em tafetá branco.

para mocinhas. Elegantissimo modelo de veludo negro, com peles no decote e na barra da saia. Grupo de rosas brancas sobre o decote e saia. Modelo de Marcelle Alix.



COCKTAIL

Para a hora do chá ou do "cocktail", sugerimos estes dois modelos de cetim preto, os quais são geralmente muito elegantes e encantadores. O primeiro tem a blusa com transpasse e a saia "godet" somente na frente. O segundo é de talhe alto, botões do mesmo tecido e, na saia, interessante movimento obtido com drapés e franzidos.



SEUS BEIJOS ERAM
UMA MALDIÇÃO...

SEU AMOR UM
ETERNO TORMENTO...

UM DRAMA DE
AMOR QUE SE
ALIMENTAVA
DE ÓDIO!



J. ARTHUR RANK
apresenta

Phyllis
CALVERT e James
MASON

"**Erasm Irmãs**"

("THEY WERE SISTERS")

Direção de ARTHUR CRABTREE • Produção de HAROLD HUTH

GAINSBOROUGH PICTURE



com **HUGH SINCLAIR**
e ANNE CRAWFORD
PETER MURRAY HILL
DULCIE GRAY
BARRIE LIVESEY
PAMELA KELLINO



QUE PENTEADO
VOCÊ USA?

SISTEMA *arame farpado?*

Há muitos fixadores baratos aparentemente e que deixam o cabelo aberto ou eriçado parecendo arame farpado... Use Brylcreem que, sendo produto de qualidade, não é caro porque rende muito mais! Brylcreem foi submetido a todas experiências em cerca de 60 países onde se vendem mais de 27 milhões de unidades anualmente. Com Brylcreem no seu cabelo você estará sempre penteado. Fixa ao natural, sem colar ou grudar. Brylcreem doma o cabelo mais rebelde, mantendo-o suave e sedoso. Não obstrói os poros, evita a queda e a caspa. É produto científico! Não se esqueça de que a qualidade do seu penteado reflete sua distinção pessoal!

Use na sua cabeça o que a sua cabeça vale!

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador do cabelo



Metrofina



antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



DOIS NOVOS MODELOS



Vemos nestas páginas dois interessantes modelos apresentados por Mary Astor e Martha Vickers, ambas estrelas da Warner. O primeiro composto de calça em seda preta e blusa branca estampada. O segundo é um duas-peças, com saia lisa e casaco da mesma fazenda com listras verticais. Estes dois modelos são bastante originais e de fácil execução.



A esposa de
ADOLPHE MENJOU
o famoso ator, diz:

"Entre todos os batons, o Tangee
GAY-RED é a cor mais sensa-
cional de Hollywood."



NOVO...e

Cativante!

**GAY-RED... a cor que está
causando sensação!**



Siga o exemplo das mulheres mais lindas do mundo... Elas usam Tangee, o baton mais fino do mundo! No GAY-RED encontrará o baton mais moderno... o que oferece os aspectos mais preciosos da mocidade e da alegria. Possui o famoso "efeito de pétala", exclusivo de Tangee.

Em tons
primorosos
Red-Red
Medium-Red
Theatrical
Natural
Gay-Red

O BATON
Tangee

USE TANGEE PARA SE VER
...A MAIS LINDA QUE PODE SER!



É PRECISO DESPERTAR

DEPOIS do Carnaval de 1946, apenas quatro melodias populares brasileiras conseguiram realizar a proeza de vencer a barragem de fogo cruzado de "hits" estranhos aos nossos. "Saia do meu caminho", do saudoso Custódio Mesquita, "Paraquedista", um choro magnífico, mas emoldurado por um letra horrorosa, "Copacabana", da dupla João de Barro-Alberto Ribeiro e "Fracasso", do compositor Mario Lago que, como se sabe, é um dos nossos mais festejados radioatores, foram as heroínas de 1946. Muito pouco, como se vê. De um modo geral os compositores, depois da indigestão carnavalesca, costumavam fazer uma estação de cura... no Café Nice. Este ano, porém, o panorama parece que se vai modificar, pois nota-se um grande movimento entre os nossos principais criadores de ritmos. Mario Rossi e Marino Pinto, por exemplo, formaram uma oportuníssima parceria e estão realizando um verdadeiro "plano quinquenal". Pelo que já nos foi dado escutar, não é possível que algumas de suas novas produções deixem de "cair no gôto" do público. Haroldo Lobo e Milton Oliveira, dois compositores essencialmente carnavalescos, prometem grandes surpresas durante o ano em curso. A esta lista, poderemos acrescentar os nomes de Benedito Lacerda, Pixinguinha, Herivelto Martins, Ari Barroso, Carvalhinho e muitos outros. Fazemos votos para que tudo não se detenha no terreno das boas expectativas. Por uma questão econômica e patriótica, os nossos compositores precisam despertar de um grande sonho...

F. CORRÊA DA SILVA



PLEASE DON'T SAY "NO"

Fox de Sammy Fain.

(Do filme "Paixão em Jogo" da Metro)

Please don't say "no" say "maybe"
Or say "come back in the spring"
Say any old thing
But don't say "no" 'cause baby
I've so much love to impart
It's making my heart overflow
Be sweet and kind
And keep this thought in mind
While you think it over
Great loves from little friendships
grow

So please don't say "no" say "maybe"

And tho' I wish you do confess
Right now I'd settle for less
Because in time, baby,
You'll wind up saying "yes"
Please don't say "no" say "maybe"
That we won't
I have no idea settle for less
So don't say "no", come on baby,
Don't say "no" and don't say "maybe"

"NÃO ME APERTES TANTO"

Marcha de Pedro Caetano e Claudionor Cruz

Gravação das "Seis Pequenas do Barulho"

O "coisinha", não me apertes tanto.
Não é que eu não goste,
Mas papai está lá no canto,
E quando ele vê uma dança como esta,
Parte feroz e acaba com a festa.

Olha os olhos dele,
Fôge, moço,
Fica bôbo aí
Que ele te torce o pescoço.
E se ele fizer como já fez um dia,
ADEUS PAMPA MIA.

PORTENITA MIA

Canção bolero de Pedro Vargas

Portenita mia
flor de un nuevo día
tienes el perfume
de la evocación.

Por eso tus ojos
tus labios tan rojos
son el tema inquieto
para mi canción.

Portenita mia
que yo quiero tanto
tienes el encanto
de la Cruz del Sur.

Por eso Portena
morena y galana
mi alma Mexicana
te la llevas tú.

POR QUE?

Letra e Musica de Manuel S. Acuna.

Por qué
si sabes que te quiero
te vas de mi sendero
y te olvidas de mi amor
Por qué,
Por qué ya no me quieres,
si sabes que tu eres
de mi vida la ilusión
Abreme el corazón,
y palpitante hallarás
en su sangre mi amor
que es para tí.

Por qué,
por qué ya no me quieres
si sabes que tu eres
de mi vida la ilusión.

ESCANDALOSA

Rumba de Djelma Esteves e Moacyr Silva

Creação de Emília Borba

(Do filme da Atlântida "Este mundo é um pandeiro")

Um dia
Uma vez lá em Cuba
Dançando uma rumba
Disseram que eu era...

BIS (escandalosa)

Dançei não me incomodei
Pois a rumba é por si
Maliciosa...

(escandalosa)

A rumba
Tem um ritmo louco
Remexe o meu corpo assim...

(escandalosa)

Com um muchacho sabido,
Bem juntinho de mim
Confessando ao meu ouvido
E's deliciosa...

(escandalosa)

RICHART HART...

ne. Minha esposa representou também, eu como um ingênuo camponês e ela como a sedutora da minha inocência... Daí passamos para o Teatro da Rua 46, com os empresários Shuberts como "padrinhos" e os críticos gostaram e...

— E a Metro achou que pela primeira vez podia assinar um contrato sem os clássicos "tests", não é verdade?

— Well... foi uma surpresa, não há dúvida, mas não tão agradável e excitante como a que acabo de ter...

— Qual?...

Richard sorriu, ficou vermelho e revelou, piscando os olhos:

— Sou papai, meu amigo! Desde ontem, às quatro horas da madrugada...

HERANÇA DE NOIVA

(Continuação da pág. 34)

zer suas compras. Na seção de Risoleta há pouco movimento, felizmente. Dá para que ela possa desviar a atenção para reparar nas freguesas e nas colegas.

Doem-lhe os pés "seu" Jacob não permite que se sentem quando trabalham. Mas, se não lhe falha a memória aquele indivíduo que acaba de entrar é o "noivo". E se dirige a ela, como da primeira vez. Sua fisionomia, no entanto, denota cansaço, depressão. Tem os gestos calmos e caminha para ela. Que teria sucedido?!

— Boa tarde, D. Risoleta. O homem falou. Uma voz lenta, repassada de melancolia. E antes que ela pudesse oferecer seus préstimos, tirou do bolso um embrulho pequeno. O mesmo embrulho do presete. Suas palavras vieram novamente, agora pausadas e serenas:

— Quero lhe pedir mais um obséquio. Fique com esse relógio. E' seu. E' um presente que lhe faço em memória da minha Lúcia.

E sem atentar para o ar perplexo de Risoleta:

— Ela morreu às vésperas do aniversário. Ia naquele ônibus que virou. Os jornais deram. Uma coisa horrível. Nem sei explicar. Fique com o presente dela, por favor!

E se retirou com pressa, como envergonhado ante a atitude que tivera. Nem se voltou para ver a expressão de espanto que se estampara no rosto moreno de Risoleta, os braços caídos, a boca semi-aberta a querer articular uma pergunta que não saíra.

Risoleta segura o embrulho num gesto automático. Na inconsciência das grandes confusões do espírito. Os fregueses olham sem compreender. Algumas colegas perceberam a cena. Olham também, num mixto interrogação e maldosa curiosidade. E vê-na apertar nervosa e convulsamente o pequenino embrulho, enquanto um soluço irreprimível lhe sacode o peito e lhe põe uma lágrima nos olhos escuros...

A ALEMANHA AINDA É UM PERIGO!

(Continuação da pág. 32)

tal, uma mesma quantidade de matérias primas e as mesmas máquinas, aumentar ainda a capacidade de produção de 100%, tais os progressos consideráveis realizados nesse sentido depois de agosto de 1939.

Assim, o segundo fator do potencial de agressão da Alemanha — o fator industrial — é ao mesmo tempo tão determinante quanto o foi há oito anos passados.

Resta o terceiro fator — o fator essencial, em dúvida, que na antiguidade sempre lançou os alemães contra os seus vizinhos, na "direção da presa", ou, como dizia Tácito: "o seu estado de espírito".

NÓS NÃO SOMOS CULPADOS

Esse "estado de espírito", a que aludia Tácito, não mudou.

As informações a esse respeito são unânimes, qualquer que seja a nacionalidade dos informantes ou a sua fonte.

Os alemães não se reconhecem culpados, nem de haverem declarado a guerra nem das atrocidades nos campos de concentração.

O raciocínio de que eles lançam mão é simples: os chefes, como afirmava Goering, perante o Tribunal Internacional de Nuremberg, são inocentes porque cumpriam o seu dever e sempre agiram com um único objetivo: o interesse do povo alemão. Este por sua vez, também é inocente, porque no seu conjunto, ele sempre ignorou os horrores perpetrados pelo regime ou em seu nome e, na medida em que deles teve conheci-

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE.
Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Secção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cincelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

mento ou que deles participou, não fez outra cousa senão obedecer às ordens, seguir as direti-vas que lhe eram impostas.

Assim, o potencial de agressão da Alemanha não desaparecerá com os enforcamentos de Nurenberg.

Se hoje a Alemanha não constitui um perigo, suas possibilidades de agressão serão amanhã mais fortes que nunca e, desde o momento em que se veja libertada dos entraves atuais, ela não deixará, como escrevia um jornalista alemão há algumas semanas passadas, depois do discurso do senhor Byrnes em Stuttgart, de "retomar o seu caminho e de seguir de novo para a frente". — (World copy-right 1946 by A.F.P., Paris).

O OBESERVATORIO DE AVU

(Continuação da pág. 19)

da aguardente. Woodhouse tomou aquela bebida e levantou-se. Sentiu uma dor lancinante: tinha o calcanhar envolto em ligaduras; o braço estava também ligado, assim como a face? Viu esparsos pelo chão vidros quebrados, manchados de vermelho; o banco de estudo estava caído, e, diante dele, junto da parede, ostentava-se uma poça escura. Pela porta aberta Woodhouse avistou o cimo da montanha erguendo-se ao longe, no resplendor da abóbada azulada.

— Ora esta! disse ele, quem veio fazer disto um matadouro? Levem-me para longe daqui!

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA PARTE



Só então ele se lembrou do animal e da luta que com ele havia sustentado.

— Que animal era aquele, perguntou a Thaddy, com o qual estive combatendo?

— Deve sabê-lo melhor do que eu, respondeu o outro. Em todo caso, não se preocupe com isso. Beba mais um pouco.

No entanto Thaddy era assás curioso. Houve nele um combate rijo entre o desejo de se informar o mais depressa pos-

sível e a necessidade de deixar que Woodhouse repousasse até se achar em um leito, depois, até que tivesse dormido um bom sono, após a boa dose de extrato de carne que parecera oportuno fazê-lo absorver. Só mais tarde se pôde reatar a conversação.

— Aquilo assemelhava-se principalmente a um morcego, disse Woodhouse. O animal tinha as orelhas pontudas e curtas, uma penugem macia; as asas pareciam de couro. Tinha os dentes pequenos, mas notavelmente aguçados; as suas maxilas não podiam ser muito fortes, pois, de outro modo, ele me teria triturado o calcanhar.

— Mas ele quase o triturou!

— O animal pareceu-me distribuir com bastante liberalidade os seus botes, é isto pouco mais ou menos tudo o que sei. A nossa conversação foi por assim dizer familiar, mas não confidencial.

— Os Dyaks falam de um enorme Colugo, de um Orango-tango, não se sabe bem o que isto venha a ser. Só raras vezes ele ataca o homem; mas provavelmente o senhor irritou-o. Dizem, aliás, que existe o Colugo grande, o Colugo pequeno e mais outro Colugo, que faz uma espécie de grunhido. Todos eles saem a passeio, assim que anoitece. Da minha parte, sei que há umas raposas voadoras e uns lemures que farejam perto daqui, mas esses não são animais muito grandes.

— "Há mais cousas no céu e na terra" (Thaddy acolheu com um suspiro esta citação) e particularmente nas florestas de Bornéu, do que podem imaginar todos os nossos sistemas de filosofia. Tudo bem considerado, se a fauna da ilha tencionava tornar a enviar contra mim algumas daquelas espécies raras, eu preferia que o fizesse em ocasião em que eu não me achasse sózinho, à noite, no observatório.



Os perfumes são
as recordações
mais duradouras...

Organdy DE BAZIN
O PERFUME INESQUECÍVEL

ÁGUA DE COLÔNIA • BRILHANTINA • EXTRATO • LOÇÃO
OLEO PERFUMADO • PÓ DE ARROZ • SABONETE • TALCO

★ A VENDA EM TODO O BRASIL ★

Realce seu Encanto embelezando seu Cabelo



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, e as afecções do couro cabeludo. Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

Tricófero de Barry

EM USO DESDE 1801

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA PARTE

A vida de Descartes

(Continuação da página 13)

Mas quem sou eu? Quê sou eu? A essa pergunta, dá, Descartes, uma resposta simples e lógica. Sou aquilo que duvida. Em outras palavras, sou **uma coisa pensante**, ou um **Espírito**. Posso duvidar que eu seja um corpo ou que exista um mundo material onde vivo. Não posso, contudo, duvidar de minha dúvida nem da existência do meu pensamento. "Disto infiro que sou uma substância cuja natureza toda consiste em pensar e para cuja existência não há necessidade de lugar nenhum, nem ele depende de nenhuma coisa material; de sorte que esse "eu", isto é, a alma pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do meu corpo e é até mais fácil de ser conhecida do que este último; e mesmo, se o corpo não existisse, não deixaria, a alma, de ser o que é".

E assim, pelo simples processo de pesquisar tudo, inclusive a existência do corpo, alcança, Descartes, (pelo menos a seu juízo) estabelecer uma coisa — a existência da alma.

Façamos, agora, uma pausa para tomar fôlego. Conduziu-nos, Descartes, à tesouraria do mistério através da porta do ceticismo. Era esta, contudo, uma porta giratória, que nos fez andar à roda num remoinho vertiginoso, dando-nos, apenas, um apressado vislumbre de nossa própria natureza refletida no espelho obscuro da sua metafísica e projetando-nos, de novo, para fora antes que tivéssemos tido possibilidades de entrar.

Pois, tal é a natureza da metafísica, o estudo das "realidades últimas". Tentativa para traçar o retrato concreto de um pensamento abstrato, para buscar, na treva, com "cego entendimento", a lampada da verdade. "Havia um véu", escreve Omar Khayyám, "além do qual eu não podia ver. Por algum tempo, houve uma conversaçãozinha a meu respeito e ao teu — e depois, nada mais de ti nem de mim".

Mas agora, havendo tornado a nós, depois de nossa primeira tontura da vertigem metafísica, voltemos a Descartes e à sua "conversaçãozinha a meu respeito e ao teu". Sou uma coisa pensante, diz-nos ele. Mas para pensar, é necessário ser. Sou, portanto, um ser, um espírito vivo. Esta é a primeira coisa que eu, que principiei como um duvidador, posso conceber, clara e distintamente, como verdadeira. Este é, pois, o primeiro fato estabelecido — o meu espírito vivo.

Haverá outros fatos estabelecidos — isto é, coisas que posso conceber, clara e distintamente, como verdadeiras? Sim, replica Descartes. Há dois fatos tais: a presença de meu corpo, e a existência de Deus.

Meu corpo, como posso ver claramente, é uma substância. É uma substância **material**, assim como minha alma é uma substância **pensante**. A coisa chamada **eu**, conseqüentemente, consiste de duas partes distintas — a máquina que se move, ou corpo, e a mecânica que pensa, ou alma.

Esta filosofia de máquina e mecânica é conhecida como o sistema **dualístico** — isto é, o sistema que divide o mundo em duas entidades separadas, o corpo e o espírito. Serve, pois, de base para as duas teorias filosóficas divergentes dos tempos modernos — o materialismo e o idealismo. Os materialistas, como Tomás Huxley, sustentam que o espírito é parte do corpo e que, portanto, a mecânica é apenas uma das rodas da máquina. "Sustento, com Descartes", escreve Huxley, "que o corpo humano, como todos os corpos vivos, é u'a máquina, cujas operações (físicas e mentais) serão mais cedo ou mais tarde, explicadas pelos princípios mecânicos". O mundo, por tanto, não tem alma. Os idealistas, ao contrário, insistem que o corpo é parte do espírito. Berkeley, por exemplo, nega a existência da matéria. "Nenhum objeto", assevera, "existe fora do espírito que o percebe... Digo que existe a mesa em que escrevo porque a vejo, porque a sinto. Quanto a tudo o que se diz a respeito da existência das coisas sem nenhuma relação com a sua percepção, isto, é para mim, perfeitamente ininteligível. A sua própria existência (**esse**) depende de serem percebidas (**percepti**)". O mundo, portanto, não tem corpo".

Pobre Descartes, ter sido o pai de dois rebentos tão discordantes como o Esaú do materialismo moderno e o Jacó do moderno idealismo!

Voltemos, porém a Descartes e à sua indagação do oásis da fé através do deserto da dúvida. Estabeleceu ele, em seguida para sua própria satisfação, a realidade de seu espírito e a presença de seu corpo. Entra, logo depois, a estabelecer a existência de Deus, "O que quer que eu conceba muito clara e distintamente", assevera Descartes, "é verdadeiro". Trazendo isto no espírito e refletindo sobre o fato de que a dúvida me assalta, compreendo que a minha existência não é perfeita. "Porque vejo, claramente, que é uma perfeição muito maior conhecer, do que duvidar". Mas de onde aprendi a pensar em alguma coisa mais perfeita do que eu mesmo? Obviamente, de alguma natureza que, na verdade é mais perfeita do que eu — uma natureza que tem, dentro em si, todas as perfeições de que eu possa fazer idéia — numa palavra, Deus. Sómente aquilo que é perfeito pode ser atribuído a Deus. Não pode haver imperfeição nele. A dúvida, a inconstância, a tristeza, a cólera, o ódio — não são atributos de Deus, já que são qualidades cuja ausência nos faria mais felizes. Isto é, são qualidades imperfeitas, a marca da humanidade e não da divindade. Deus é perfeito, quer dizer, infinito, eterno, imutável, independente, onisciente,

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

**ÁGUA
INGLESA**

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA
NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCÊNCIAS

T. TARQUINO

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

PARA DEFENDER
SUA SAUDE
exija um
refrigerador:

NEVE
QUE PROPORCIONA:
FRIO CONSTANTE
GÊLO PURO
HUMIDADE DO AR
E... É ECONÔMICO

Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda.
Rua Rosa e Silva, 74
(seq. Praça Marechal Deodoro)
Fones: 5-1311 e 5-1322

onipotente, divino. Este fato da existência de um Deus perfeito — afirma Descartes — “igual e mesmo sobrepuja, em certeza, os fatos demonstrados da geometria”. Deus é a perfeição que conduz os nossos passos imperfeitos, instintivamente para a luz.

Este é, portanto, o retrato da humanidade feito por Descartes — um corpo mecânico tendo dentro uma alma e sobre ele o espírito de Deus, guiando-nos e sustentando-nos a todos.

* * *

Era, para Descartes, tarefa relativamente fácil permitir que fossem, os seus passos, guiados para a luz através do caminho da contemplação tranquila, pois não o afligia a luta econômica pela existência. Ao morrer-lhe o pai, herdara rendimento suficiente para proporcionar-se uma vida de conforto, se não de luxo. Nunca se casou. O curso de sua vida fluía em preguiçosa corrente, isenta de acontecimentos notáveis. Comia bem, dormia bem — ainda dormia até tarde, pela manhã — e vivia bem. De vez em quando, fazia viagens ao estrangeiro, mas a maior parte do tempo ficava em casa e “conversava” com os amigos por meio de sua correspondência. Dizia-lhes de seus descobrimentos filosóficos, do “prazer que experimentava na solidão de sua residência”, de sua boa sorte em escapar às várias doenças que afligiam “a maioria da humanidade” e o desprezo que nutria por Beau Grand, Petit, Roberval, Campanella, Galileu e outros filósofos, e cientistas “de opiniões contrárias” de seu tempo. Referia-se a eles como a “cãezinhos que ladram e aos quais não se deve dar atenção”. Descartes cria, aparentemente, que tudo vale no amor da disputa e na guerra dos espíritos.

Assim passava os seus dias indolentes, meditativos e, todavia, algum tanto contraditórios, na pesquisa da verdade — “Amando a vida”, para citar-lhe as próprias palavras, “e, sem embargo, não temendo a morte”. Na realidade, considerava-se agora (com a idade de quarenta e quatro anos) “mais distante da morte que quando moço”. A sua saúde e os seus dentes, escrevia aos amigos, eram excelentes. Havia mais de trinta anos que “nada sofria que pudesse ser chamado enfermidade”.

Foi, então, que recebeu o primeiro golpe real em sua vida. Fizera-se pai de uma criança ilegítima, Francine, que adorava acima de tudo, no mundo. Planejava levá-la para a França, onde poderia ser educada como “uma senhora distinta”, quando ela, subitamente, morreu. Em presença da morte de Francine pode ter, Descartes acrescentado nova prova da realidade de sua existência: “Sofro, logo, existo”. Refere-nos o seu biógrafo Baillet, que “ele chorou pela criança com uma ternura que indicava que a idéia da eternidade pode, alguma vez, ser extinguida pela dor do momento”.

Entretanto, após o seu momentâneo sofrimento recolheu-se de novo à cidadela de seus pensamentos. Comprou uma bela propriedade agrícola pouco distante de Leyden e apenas a “duas horinhas” do mar. Aí, servido por “uma quantidade suficiente de criados bem escolhidos”, sentava-se em seu escritório octogonal, olhando para um velho jardim pitoresco e sonhando os seus sonhos de cética ortodoxia. Era uma guapa figurinha de filósofo — pequeno, ma-

gro, a cabeça grande, os cabelos pretos chegando quase às sobrancelhas, pálido, uma verruga proeminente no lábio superior, o lábio inferior um tanto projetado para a frente em virtude da malformação dos dentes, a barba castanho-escuro, cortada à moda francesa, um lenço de seda preta para proteger a garganta contra o frio, um casaco preto e calções que chegavam ao joelho, meias pretas, de seda — uma estatueta metafísica com um sorriso enigmático nos lábios e uma luz misteriosa no olhar. Ao sair de casa punha uma cabeleira e calçava meias de lã sobre os calções. Porque temia o efeito da menor mudança de temperatura sobre “a herdada fraqueza” de seu peito. Em virtude do medo dessa fraqueza pulmonar, passou a ficar cada vez mais em casa, à medida que envelhecia. Foi, portanto, com mistas emoções que recebeu uma carta da rainha Cristina da Suécia, convidando-o para fixar-se em seu país e ensinar-lhe filosofia. O clima da Suécia era tanto ou mais severo que o de Holanda. Poderia ser perigoso demais para a sua saúde. Mas, de outro lado, o favor de uma rainha não era de se desprezar, nem mesmo por parte de um filósofo. A rainha Cristina era uma mulher que geralmente conseguia o que queria. Tendo perdido seu pai Gustavo Adolfo, com a idade de seis anos, tivera uma educação masculina, pois Gustavo Adolfo expressara, ao morrer

SOL PARA

sua Beleza...

SEM SARDAS PARA

sua Pele



**No banho de mar ou nos esportes ao sol
proteja sua pele com LEITE DE COLONIA!**

Agora, no verão, goze intensamente a alegria das manhãs na praia ou dos esportes ao sol!... Mas... cuidado com sua beleza! Se não for convenientemente protegida com Leite de Colonia, sua pele pode ser ofendida pelo sol. E surgirão queimaduras que provocam sardas... manchas... e outras imperfeições. Assim, antes de se ex-

por ao sol—e quando voltar para casa—aplique sobre sua epiderme o Leite de Colonia. Formando uma finíssima película sobre a cutis, Leite de Colonia filtra os raios solares... aumenta a suavidade da pele... dourando-a encantadoramente. Leite de Colonia limpa... amacia... protege... e refresca a cutis

Leite de Colonia
O EMBELEZADOR DA MULHER



Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

Agencia Zambardino
Rua Cap. Salomão, 67
Telefone: 4-1569

o desejo de que o seu país fosse governado por uma rainha que agisse como homem de preferência a um rei que governasse como uma mulher. E Cristina, em verdade, governava como um homem. Desdenhava as efeminações do toucador e as delicadezas do trajar. Uma cabeça desgrenhada sem corôa, saias curtas e camisas, sapatos rasos de saltos baixos — tal era a sua indumentária cortesã. Mas o seu caráter era firme como o aço, e o seu corpo tão forte como o caráter. Comia pouco, dormia pouco e exercitava-se como um soldado que se preparasse para a luta. Era capaz de galopar dez horas sobre um cavalo sem se cansar, era capaz de suportar o calor e o frio com igual indiferença e atirava com certeza mortal, fosse a pé, fosse a cavalo.

Em adição às suas proezas físicas, patenteava um espírito multiforme. Hábil linguista, conversava fluentemente em sueco, francês, italiano, espanhol e alemão — isso, sem mencionar o latim e o grego. Não se contentava com tinturas de ciências, e possuía um genuíno amor à filosofia. Unindo esta notável combinação de nervos e músculos, havia nela uma vontade indomável. Reiteradamente recusou-se, Descartes, a aceitar-lhe o convite. Enviou-lhe cartas cheias de enojativa lisonja, assegurando-lhe que "Sua Alteza Real fôra mais criada à imagem de Deus que o resto da humanidade". Pedia-lhe, contudo, o excusasse do privilégio de "aquestar-se aos raios do sol de sua Graciosa Presença". A honra de ter sido mandado chamar pela rainha, era, assegurava-lhe, esmagadora. No entanto, "depois de vinte anos de solidão, e já não sendo jovem, solicito a Vossa Alteza Real que me poupe a desnecessária fadiga da jornada".

Mas Sua Alteza Real não tencionava poupá-lo. Decidira trazer o célebre filósofo para o seu "país de ursos entre rochas de gelo". E conseguiu-o. Em setembro de 1649 partia ele para a Suécia.

E para a morte. Pois quando de sua chegada em Estocolmo, encontrou Descartes, não somente a severidade do clima sueco para disputar consigo, como, também, a teimosia de vontade de Cristina. Entendendo a rainha que o seu espírito era mais receptivo à filosofia nas primeiras horas da manhã, insistia para que ele chegasse ao palácio antes do nascer do sol, todos os dias. Esse madrugador pelas nevas rigorosas do inverno do norte foi demasiado para um filósofo acostumado ao luxo de demoradas meditações matutinas numa cama quente. "Neste país", queixava-se ele, "gela-se-nos o sangue como a água dos rios".

Logrou suportar essa espécie de vida durante algumas semanas apenas. U'a manhã, em meados do inverno, ao caminhar para o palácio, apanhou fortíssimo resfriado. Dois dias depois, declarou-se a pneumonia. A rainha mandou-lhe um médico alemão mas Descartes não se fiou nele. Quando o médico se ofereceu para sangrá-lo, exclamou: "O senhor não derramará nenhuma gota de sangue francês!" Quando, finalmente, se submeteu à sangria era tarde demais.

11 de Fevereiro de 1650. Descartes abre os olhos "Que horas são?" pergunta com voz apenas audível.

"Quatro horas da manhã".

Trabalha por erguer-se. "São horas de levantar-me. A rainha está esperando". E depois, num murmúrio, ao recair sobre o leito, "são horas da alma levantar-se".

"Sou uma alma viva", dissera ele, "em busca da Verdade". E agora se alçava para encará-la face a face

(Do livro "Vida dos grandes filósofos").



à venda em todo o Brasil por

Cr \$ 12,00. Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Rua Maranguape, 15. Rio. Atende-se pelo reembolso postal.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
 OFICINA COMPLETA
 RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

A CEIA

(Continuação da página 25)

— Pois para mim não, disse Nélio. Acho perfeitamente dispensável uma ceia. Será preciso um quadro para proclamar que somos religiosos?

— Ai Dona Filhinha interveio, a favor do marido:

— Isto não. Fazer falta não faz, mas é um símbolo edificante!...

Seu Clarindo estava satisfeito. Sua idéia vingava, criava corpo. Já antecipava o prazer de bater o prego, amarrar o quadro, alinhá-lo — mais alto? — mais baixo? — contemplá-lo.

— Valeria a pena ser em alto relevo?

— Ora papai, impacientou Luci, resolve a vontade e acaba de jantar.

Ainda uma e duas e mais vezes, no correr da semana, o assunto veio à baila. Quando dona Filhinha disse que tinha visto uma ceia linda, numa casa de quadros, os quatro filhos fizeram ver que seu gosto era antiquado. Para Dora, a reprodução de Da Vinci era detestável. Os rapazes falavam em modernos, mas seu Clarindo fez um não e desta vez foi um não só. Foram feitos também os cálculos.

— Para comprar uma ceia de meu gosto, não incomodo de fazer sacrifício.

E foi um dia, lá pelo décimo desde a apresentação da idéia, vendo-se, de repente, com uns cobres no bolso, seu Clarindo resolveu comprar a ceia. Era impossível chegarem a um arêdo. Como harmonizar o gosto de Zita e Filhinha com os de Dora e Luci? E ainda havia os meninos, intransigentes em suas opiniões. Seu Clarindo tinha, havia muito tempo, as vistas numa ceia. Um quadro amplo, em sépia, não direi que horrível, mas feio. A moldura tinha uns enfeites amarelos que o velho adorou.

— Quanto?

— Duzentos e quarenta cruzelos.

Era caro. Mas valia o prazer. Quis ele mesmo levar,

mas o volume era descomunal, a pasta surrada atrapalhava e teve que ser levado por um menino. Seu Clarindo foi atrás. Recomendava cuidado. Tomaram um bonde, seu Clarindo com carinhos filiais com o "boy". Antegozava a surpresa. Sabia que ainda tinha muito a discutir, iam achar feio, questionar sobre o lugar, os pregos. Mas o velho sentia-se triunfante. Afinal, comprara a ceia como ele quisera. Não dera satisfação a ninguém. Chegaram. Andaram ainda o quarteirão e meio depois do ponto do bonde. Deu uma gorjeta generosa, entrou sobraçando a preciosa carga. Geni veio lá de dentro, limpando a mão no avental:

— As moças mais os rapazes vão jantar fora, acho que na Pampulha. D. Filhinha então mandou dizer que ela mais dona Zita aproveitaram para ir ver D. Eulália que está meio adoentada. A hora que o senhor quiser jantar é só falar.

Seu Clarindo engoliu em seco o desapontamento. Menou a cabeça: era para isto que casara. Uma vontade de sumir, de deixar tudo, de mandar tudo à (calou-se de repente para não ofender D. Filhinha. Tudo, menos isso). Jantou. Lentamente, um olhar fixo nos alimentos, os gestos calmos e cerimoniais. Depois foi para o escritório, sentou-se na cadeira de balanço, contemplou o avô de olhar estrábico. Longos minutos em um mundo distante, sem a mulher passiva e amorfa, sem as filhas pedantes e os rapazes vagabundos, sem cunhadas, sem cozinheiras. Um mundo que coincidia com o que sonhara antes de casar, a mulher afável, os oito filhos alegres (seu Clarindo desejara oito filhos), ele fazendo valer sua vontade, a mulher e os filhos adivinhando-lhe o pensamento, os meninos tendo-o como um modelo e um herói.

Seu Clarindo levanta-se, desamarrando o embrulho lentamente e providenciando para pregar o quadro. Há um leve desejo de meter o martelo sobre o vidro, de esmagar a gravura, de fazer qualquer coisa de barulhento, de heróico. Sabe, porém, que não fará isto. Nunca fez, nunca fará. Bate o prego, machuca o dedo, pendura o quadro. Depois, da cadeira, fica olhando, perdidos minutos, para aquela cena tão doce, tão bela, o Cristo entre doze, seis de um lado, seis do outro, uns com a mão no prato, outros levando o pão à boca, todos com os olhos no mestre, um abraçado ao peito dele.

Não viu ninguém entrar, pois deixou-se cedo. Na manhã seguinte, ao café, esperou que alguém falasse. Nada. Geni entrava e saía, com bules, manteiga e pães. As meninas tomaram a merenda. Dona Filhinha e Zita voltaram da missa e nada. Ao almoço talvez, pensou. Mas também ao almoço falou-se de tudo, menos da ceia. E também nada ao jantar. E um, dois, três dias se passaram. O velho Casmurro e a família, como sempre, desunida, discutindo se o filme do Cine Brasil era estréia ou reprise, comentando um casamento, em que a moça se vestia com incrível mau gosto, comentando o encontro Minas x América, pois o guarda do Minas era flirte de Dora. E então, ao jantar, seu Clarindo não pôde mais. Aproveitou uma folga, à sopa, e olhando-os um por um, chamando a atenção com um pigarro, falou:

— E a ceia?

Houve uma pausa minúscula no bater de colheres nos pratos. Alguns se olharam surpresos, Alfredo fazia ruído comendo pão com a boca aberta.

Seu Clarindo, nervoso, o olhar vivo, as mãos apoladas na beirada da mesa, fungando, irritado com o silêncio, quase gritou:

— Vocês não dizem nada da ceia?

Enquanto todos voltavam a comer, chupando barulhentosmente o macarrão, Zita dando de ombros, D. Filhi-

SOFRE DO FIGADO?
 TOME
BIO-HEPAX
 produto do laboratório da GUARAMIDINA

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

nha passando o guardanapo na boca, as meninas longe, longísimas, Nélio perguntou, com a maior calma deste mundo:

— Que ceia?

O CARNAVAL ESTA'...

(Continuação da pág. 20)

mando todos no terreiro comum da Avenida. Havia coretos com música de fato, visível, tocando o que o povo pedia e que dansava ali ao redor...

Os bondes se arrastavam dificilmente até a cidade, mas ninguém perdia tempo porque todos começavam a brincar neles mesmos.

Que resta de tudo isso? Digam os que ainda participam do Carnaval do Rio, porque eu há já alguns anos não o vejo. Sei, porém, que o Carnaval carioca, outrora tão famoso, motivo até de atração turística, não vem apenas se tornando ano a ano menos concorrido, não vem somente decaindo no interesse de um grande número, que o evita, que foge dele, vem também perdendo a cor própria, ficando incaracterístico.

Quando se diz o Carnaval de rua morreu é como se dissesse que morreu o próprio Carnaval. Baile a fantasia não é Carnaval.

Numeros atrasados desta revista no Pará

pedir a

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 -- Belem



Em São Paulo...
 e sempre agradável uma visita
 aos Maiores Estabelecimentos
 de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
 Sucessora de Mappin Stores
 Pr. Ramos de Azevedo, 131

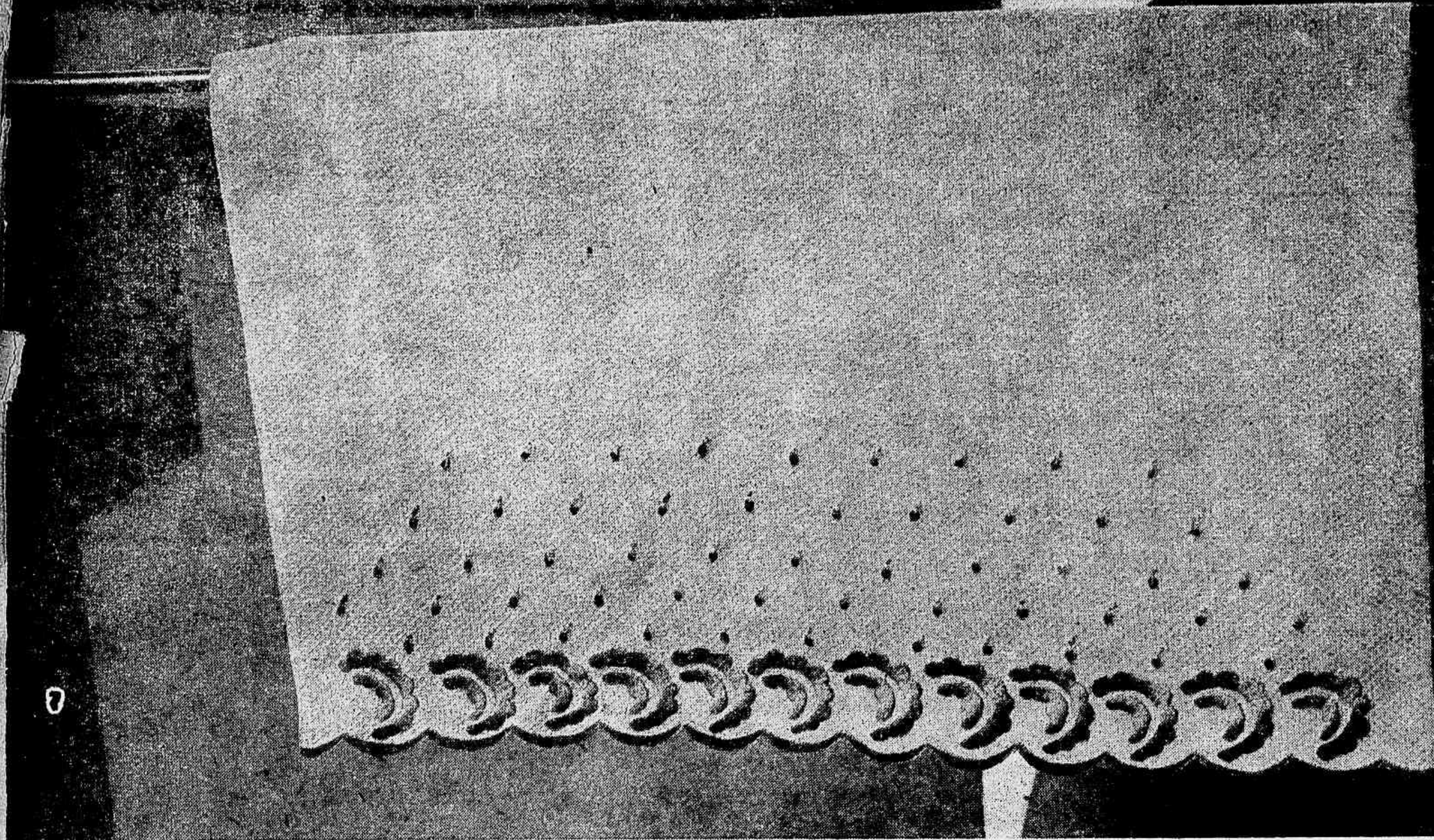
REGULADOR XAVIER

O remédio de confiança da mulher

DOIS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:



N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
 N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras



TRABALHOS MANUAIS

(2088 — TOALHA PARA HÓSPEDE)

JADE NO VERDE

MATERIAL NECESSARIO

Linha Mouline (Stranded Cotton) marca "Ancora"

2 meadas de F522 (Jade claro).

(Usar três fios de linha).

60 cm. de linho grosso Verde Nilo, uma agulha Milward "Crewel" nº 6.



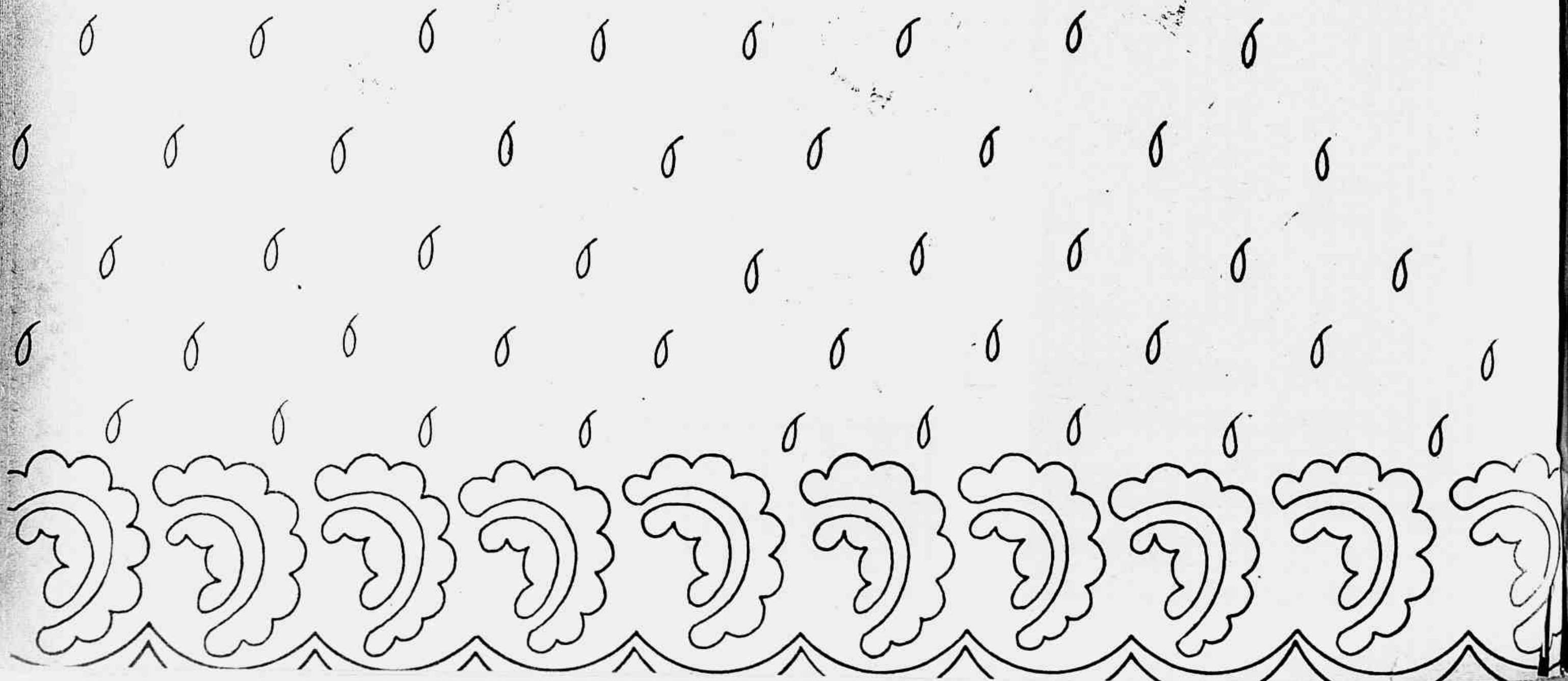
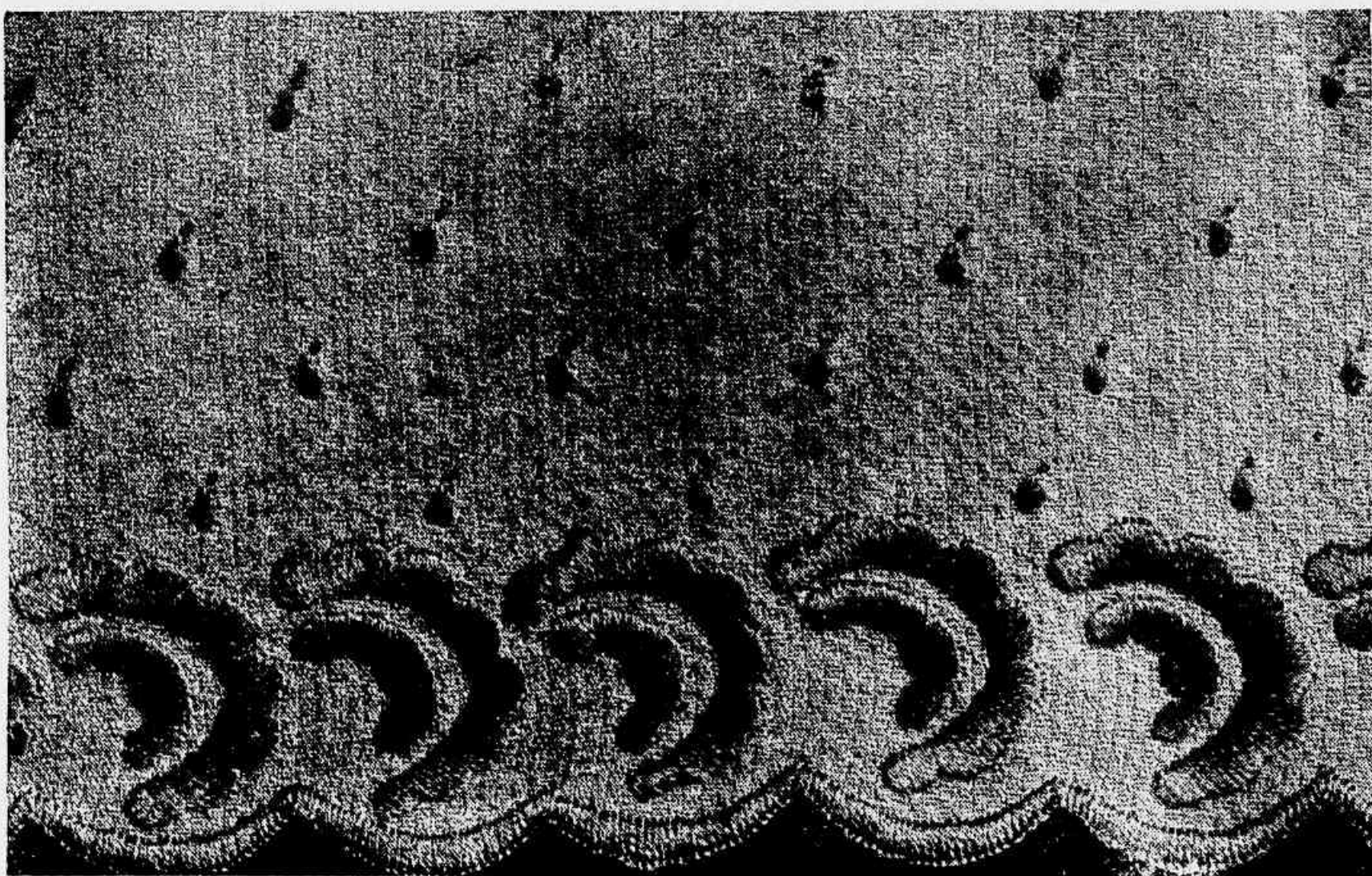
Traçar o desenho na extremidade inferior da toalha de acôrdo com a ilustração.

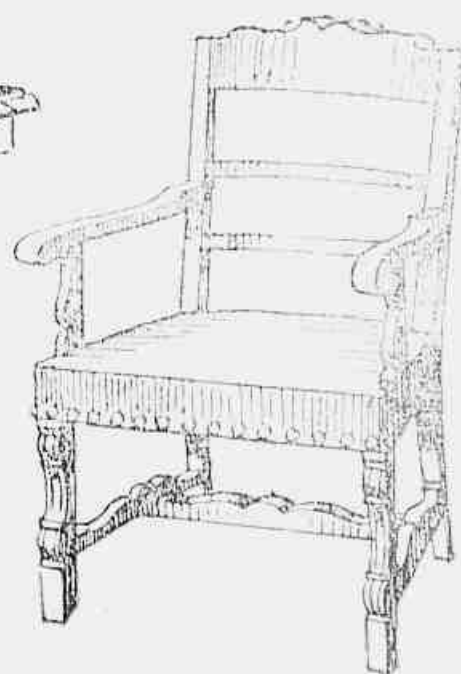
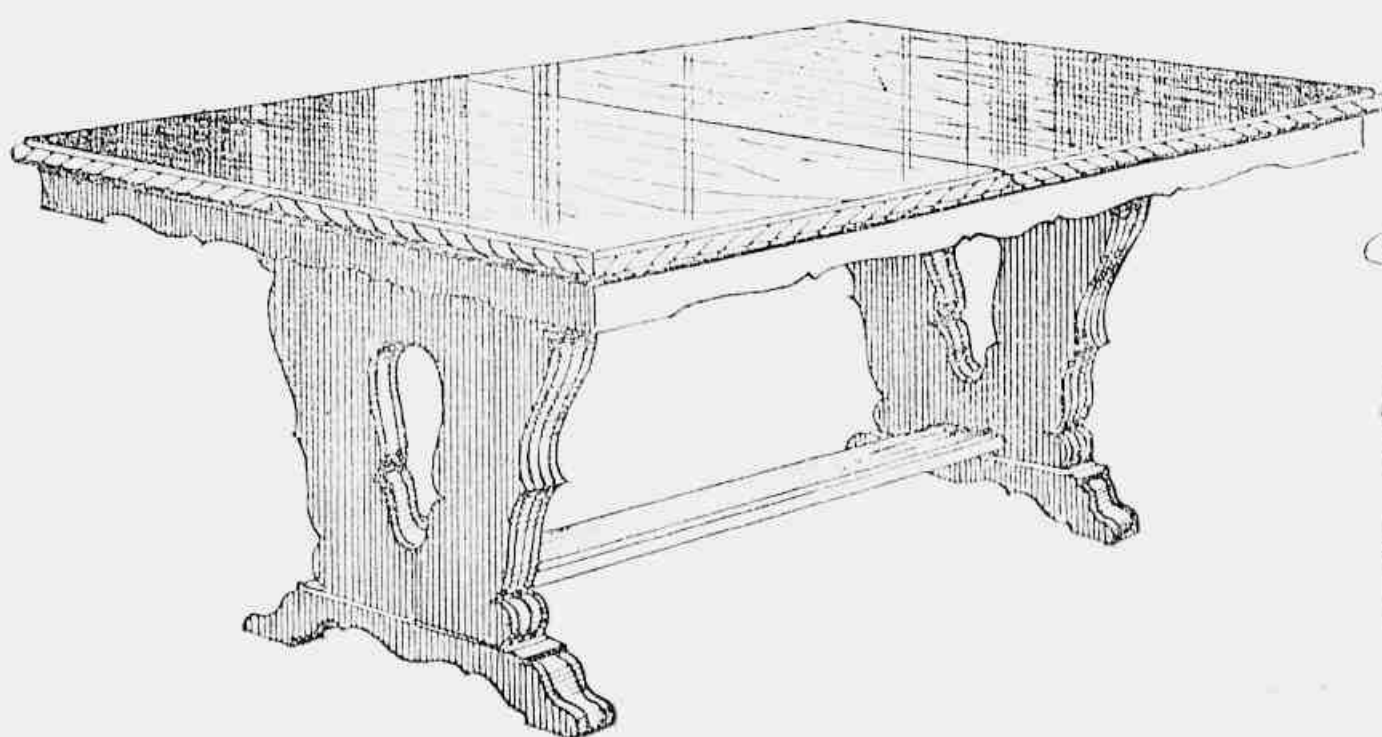
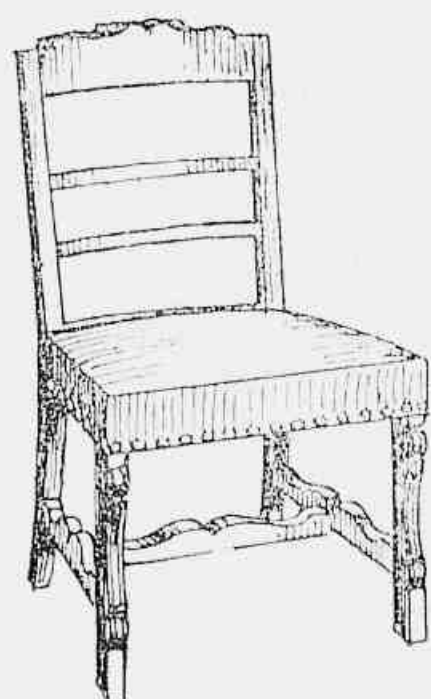
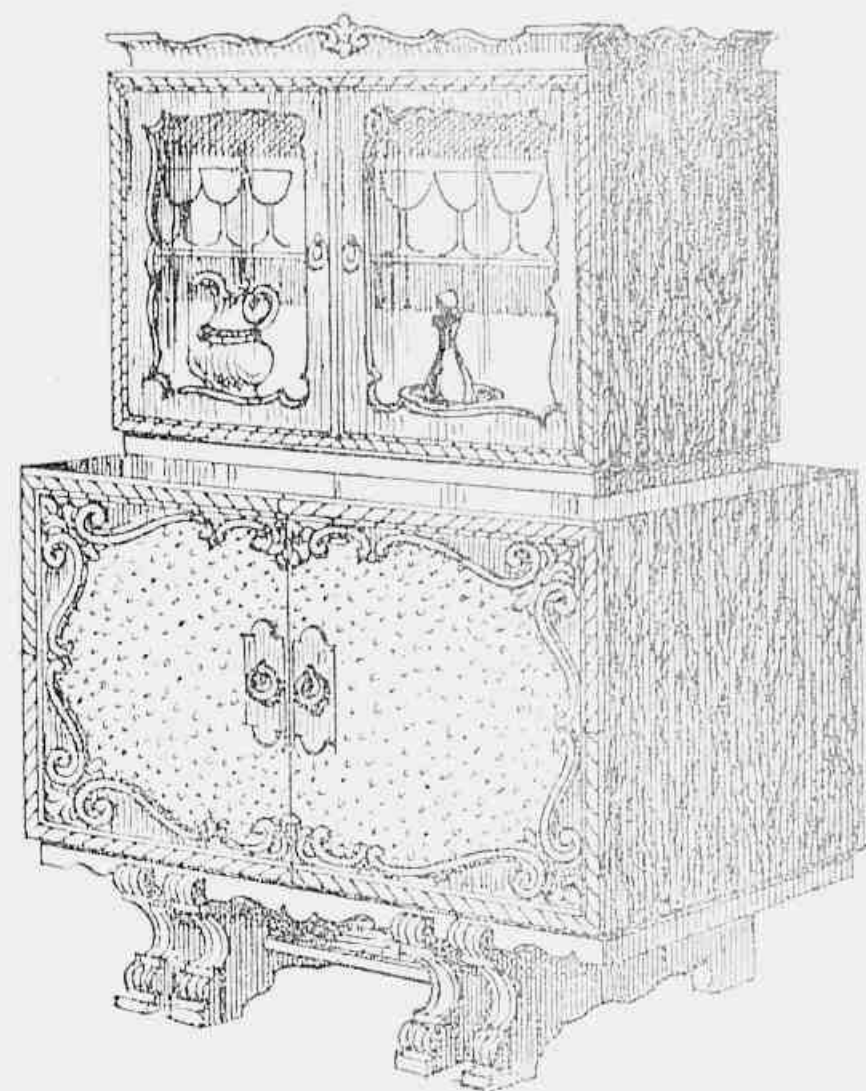
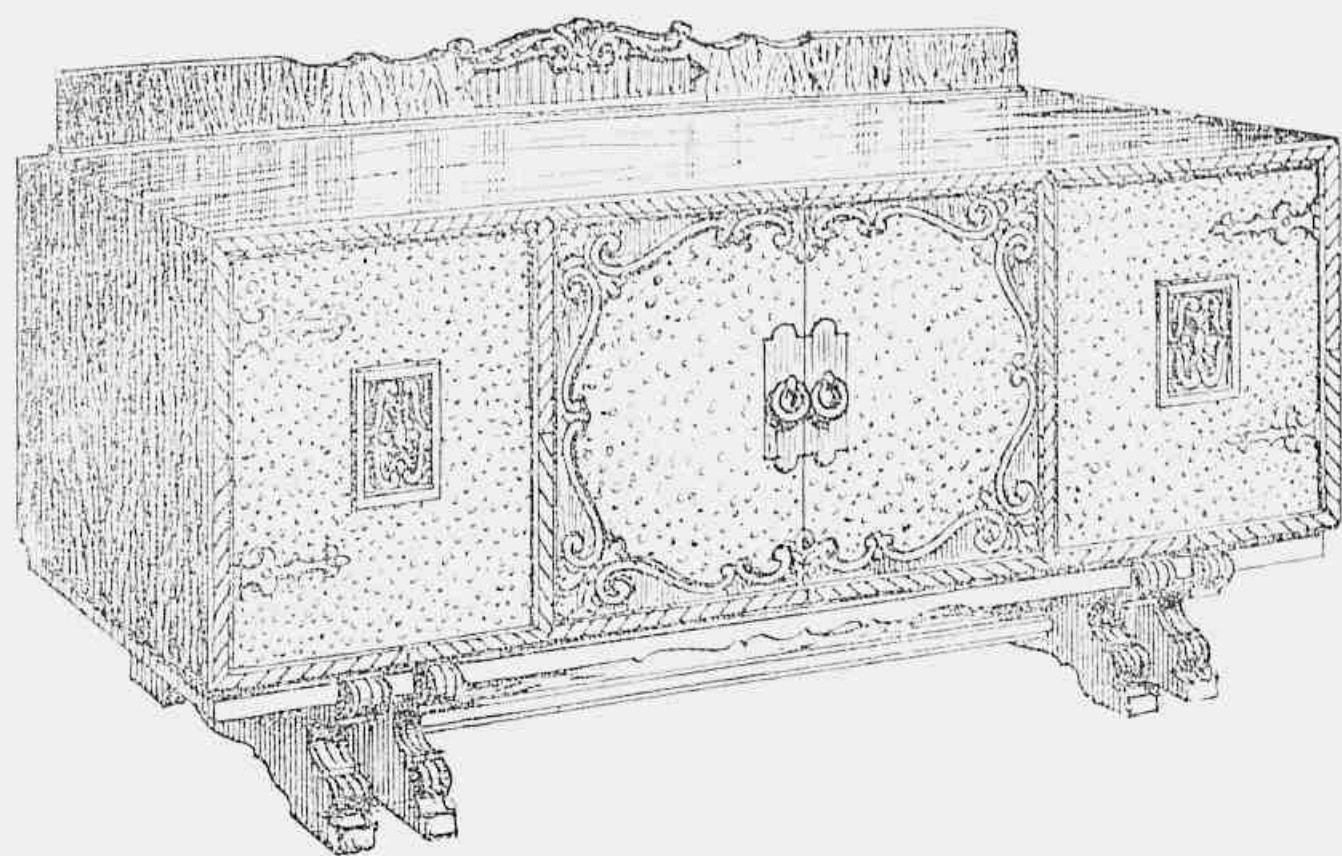
Os pontos usados são : ponto cheio com um pequeno ponto reto no alto das gotas, e ponto de casear nos bicos da borda da toalha.

Uma vez o trabalho terminado, passar bem pelo lado do avesso e então recortar o tecido excedente junto ao ponto de casear em volta dos bicos.

Este trabalho também pode ser feito com:

Linha Brilhante Pérola marca "Ancora" nº 8 (nov. de 10 gramas), usando um novelo de F522 (Jade Claro).





SALA MEXICANA

No "cliché" acima reproduzimos um modelo de sala de jantar, ótimo para ser aproveitado numa moderna casa de campo. Os móveis que a compõem deverão ser trabalhados em madeira clara. O necessário número de cadeiras deve ser distribuído de maneira a não prejudicar a estética nem agravar a exiguidade de espaço.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO ENTRE PAREDES



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz